



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA
Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos**



EMINÉA APARECIDA VINHAIS

FERDINAND DE SAUSSURE: DE SILÊNCIO E DE AUTORIA

Uberlândia
2012

EMINÉA APARECIDA VINHAIS

FERDINAND DE SAUSSURE: DE SILÊNCIO E DE AUTORIA

Dissertação apresentada à banca examinadora do Programa de Pós-graduação em Linguística e Linguística Aplicada da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre.

Área de concentração: Linguagem e inconsciente

Linha de pesquisa: Estudos sobre texto e discurso

Orientador(a): Prof. Dra. Eliane Mara Silveira

Uberlândia
2012

EMINÉA APARECIDA VINHAIS

FERDINAND DE SAUSSURE: DE SILÊNCIO E DE AUTORIA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Linguística Aplicada da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em Linguística e Linguística Aplicada.

Área de concentração: Linguagem e inconsciente

Linha de pesquisa: Estudos sobre texto e discurso

Orientador(a): Profa. Dra. Eliane Mara Silveira

Banca Examinadora
(Agosto/2012)

Profa. Dra. Eliane Mara Silveira – UFU (Orientadora)

Profa. Dra. Maria Francisca Lier-De Vitto - PUC

Profa. Dra. Fernanda Mussalim - UFU

Uberlândia
2012

Aos meus filhos amados, Ana Laura e Artur,
Ao meu marido, materialização dos meus sonhos,
À minha mãe, pai e irmão, base de amor.

Agradecimentos

Primeiramente, a Deus, possibilidade de tudo.

Aos meus filhos, Ana Laura e Artur, pela aceitação na redução do meu tempo com eles.

À minha mãe Maria, por ter me apoiado e cuidado dos meus filhos.

Ao meu pai Edio e meu irmão Marcelo, pelo orgulho.

Ao Telismar, meu marido, pela paciência e pelo amor.

À minha família em geral, avós, tios e primos, pelo apoio,

À minha orientadora Eliane, por aceitar, comigo, o desafio deste mestrado e permanecer durante todo o percurso me ajudando a crescer.

Aos membros da banca de qualificação, Maria Francisca e Fernanda, pelos esclarecimentos e orientações.

Às amigas do trabalho, Raquel, Maria Luíza, Júnia, Poliana, Joana e Lourdes, pelo carinho e compreensão.

Aos professores, pela interlocução e ampliação de conhecimentos.

Aos colegas do mestrado e do Grupo Rasura, Marcen, Stefânia, Thayanne, Micaela e Michelle, pelo companheirismo e respeito.

Enfim, à Universidade Federal de Uberlândia, lugar do meu trabalho e das minhas pesquisas.

Procurar o quê

O que a gente procura muito e sempre não é isto nem aquilo.
É outra coisa.
Se me perguntam que coisa é essa, não respondo, porque não é
da conta de ninguém o que estou procurando.
Mesmo que quisesse responder, eu não podia. Não sei o que
procuro. Deve ser por isso mesmo que procuro.
Me chamam de bobo porque vivo olhando aqui e ali, nos ninhos,
nos caramujos, nas panelas, nas folhas de bananeira, nas
gretas do muro, nos espaços vazios.
Até agora não encontrei nada. Ou encontrei coisas que não
eram a coisa procurada sem saber, e desejada.
Meu irmão me diz que não tenho mesmo jeito, porque não sinto o
prazer dos outros na água do açude, na comida, na manja, e
procuro inventar um prazer que ninguém sentiu ainda.
Ele tem experiência de mato e de cidade, sabe explorar os mundos,
as horas. Eu tropeço no possível, e não desisto de fazer a
descoberta do que tem dentro da casca do impossível.
Um dia descubro. Vai ser fácil, existente, de pegar na mão e sentir.
Não sei o que é. Não imagino forma, cor, tamanho. Nesse
dia vou rir de todos.
Ou não. A coisa que me espera, não poderei mostrar a ninguém.
Há de ser invisível para todo mundo, menos para mim, que
de tanto procurar fiquei com merecimento de achar e direito
de esconder.

(Carlos Drummond de Andrade, 2009:177)

RESUMO

Este trabalho propôs-se a realizar, inicialmente, uma reflexão sobre o silêncio de Ferdinand de Saussure, linguista suíço, considerado o pai da linguística moderna e do estruturalismo, e questionar algumas ocorrências, como a não publicação do Curso de Linguística Geral nem de suas pesquisas, atestadas pelos seus manuscritos; também o fato de Saussure não ter dito aos seus alunos o conteúdo desses manuscritos, lugar de reflexões e escrita de suas pesquisas; bem como a razão de o linguista ter se autocreditado trinta anos de silêncio.

As inquietações sobre esse silêncio de Saussure permitiram que o foco desta pesquisa se direcionasse para duas questões, a saber: a autoria, uma vez que o Curso de Linguística Geral foi editado pelos alunos de Saussure, Bally e Sechehaye (1916), e o deslocamento do silêncio de Saussure para o silêncio em Saussure, no sentido de que seus manuscritos com os brancos, as rasuras e as hiências, além das teorizações do Curso de Linguística Geral flagram uma outra forma de silêncio. Tais análises, permaneceram sob a égide de uma perspectiva psicanalítica de sujeito do inconsciente, conforme Freud e Lacan.

Assim, quanto à autoria de Saussure sobre o Curso de Linguística Geral, o intuito foi ultrapassar uma noção ingênua sobre autor, vislumbrando os três cursos que Saussure realizou em Genebra como uma das últimas instâncias de sua *démarche* teórica, a existência do livro como resultado do compromisso dos alunos com a teorização do professor, e a ilusão de se questionar a legitimidade do livro em relação às exatas palavras de Saussure.

Ainda em relação à autoria, buscou-se um deslocamento para as postulações teóricas contidas no Curso de Linguística Geral, já que o que se subtrai como essencial é o efeito que tais teorizações saussureanas possibilitaram às ciências. Dentre as reflexões aqui contidas também estão os manuscritos saussureanos, reconhecidos como mais uma obra de Saussure, passível de novos desdobramentos. Destaca-se, ainda, que tais ponderações sobre autoria ganharam amplitude com a contribuição de autores, especialmente com Normand ([2000-2006] 2009), Milner (2002), Silveira (2007) e Foucault (1992).

Quanto ao enfoque sobre o silêncio em Saussure, distinguiu-se, sob a visão de Lacan (1966-67), o silêncio *taceo*, que se refere ao não dito, e o *sileo*, que é um silêncio relacionado às pulsões. A partir dessa distinção, pesquisou-se, nos manuscritos de Saussure e no Curso de Linguística Geral, se haveria realmente um silêncio de Saussure com relação à teorização sobre a fala e, ainda, se as teorias sobre a língua, especialmente o signo linguístico e a teoria do valor, presentes no Curso de Linguística Geral e nos Escritos de Linguística Geral, poderiam estar relacionadas a algum tipo de silêncio.

A análise indicou que o silêncio *sileo*, no sentido de que é constitutivo da forma de produção de Saussure, está presente na própria teorização, uma vez que engendra outras produções teóricas, de tal forma que o *sileo*, em vez de apontar para o fim de sua teoria, demonstra antes o movimento de sua elaboração.

Enfim, as reflexões objetivaram ultrapassar o sentido mais comum de autor e de silêncio, propondo uma discussão específica sobre a teorização de Saussure, o Curso de Linguística Geral, os editores, e seus manuscritos, a fim de apontar que ambas as obras são

muito importantes no quadro geral das ciências, e que o silêncio constitutivo encontrado na teorização saussureana, indica a presença de Saussure e, portanto, sua autoria.

Palavras-chave: Saussure, Curso de Linguística Geral, Manuscritos, silêncio, autoria, inconsciente.

ABSTRACT

This paper has the purpose to, initially, discuss a reflection about Ferdinand de Saussure's silence, a Swiss linguist, considered the father of modern linguistics and structuralism, and also to question some occurrences, such as the non-publication of the Course in General Linguistics or his researches, tested by the manuscripts; also the fact that Saussure had not said to his students the content of the manuscripts, where he reflected and wrote his researches; in addition to the reason that the linguist has been self credited thirty years of silence.

The concerns around this Saussure silence allowed the focus of this research to direct to two questions: the authorship of the book, once the Course in General linguistics was edited by Saussure's students, Bally and Sechehaye (1916), and the dislocation of the silence of Saussure to the silence in Saussure, in the sense that his manuscripts contained blank parts, the erasures and the hiatus, besides the theorization of the Course in General Linguistics present another form of silence. These analysis, have been supported by a psychoanalytic perspective of the unconscious subject, in accordance with Freud and Lacan.

Therefore, concerning Saussure's authorship of the Course in General Linguistics, the intention to overtake the naive notion about the author, seeing the three courses that Saussure realized in Geneva as one of his last theoretical *demarche*, the existence of the book as a result of the students' commitment with the teacher theorization, and the illusion of questioning the legitimacy of the book in relation to Saussure's exact words.

Concerning the focus on the silence in Saussure, distinguished by Lacan's view, the *taceo* silence, which is referred to what is not said, and the *sileo*, which is the silence related to the instinct (or drive). From this distinction, we have researched on Saussure's manuscript and the Course in General Linguistics, if there would have a Saussure's silence related to the theorization about speech (*parole*) or, yet if the theories about language (*langue*), specially the linguistic sign and the linguistic value, present in the Course in General Linguistics and in the Writings in General Linguistics, would be related to any type of silence.

The analysis indicated the *sileo* silence, in the sense that it is constitutive of Saussure's form of production; it is present in its own theorization, once it generates other theory productions, so that *sileo*, instead of pointing the end of his theory, demonstrates in advance the movement of his elaboration.

Finally, the reflections had the purpose of overpassing the most common sense of the authorship and of silence, proposing a specific discussion about Saussure's theorization, the Course in General Linguistics, the editors, and his manuscripts, in order to indicate that both works are very important to the general sciences, and that the constitutive silence found in the saussurian theorization, indicates the presence of Saussure and, therefore, his authorship.

Keywords: Saussure, Course in General Linguistics, manuscripts, silence, authorship, unconscious.

SUMÁRIO

Nota Introdutória	12
Cap. 1 – Dos silêncios à autoria de Saussure	15
1. Introdução	15
2. <i>Cours de Linguistique Générale</i> - seu lugar nas reflexões	15
3. O silêncio de Saussure no meio acadêmico: ensejo às polêmicas sobre sua autoria	18
4. Os manuscritos saussureanos: novo enfoque de silêncio e de autoria	27
4.1. As pesquisas sobre os poemas clássicos	28
4.2. Os manuscritos que versam sobre a língua	31
5. A docência de Saussure: um toque de autoria	35
6. O silêncio autocreditado por Saussure	38
Capítulo 2 – Bases teóricas para as análises e discussões sobre silêncio e autoria	40
1. Introdução	40
2. Bases para uma reflexão sobre silêncio	40
2.1. Uma perspectiva de silêncio pela análise do discurso: reconhecimento e delimitação do tema	41
2.2. O silêncio sob o enfoque da psicanálise	46
2.2.1. Noção de sujeito: uma proposta pela psicanálise	48
3. Pilares para a discussão sobre autoria	49
Capítulo 3 – Discussão sobre a autoria de Saussure	55
1. Introdução	55
2. No rastro da autoria: a edição, os editores e a publicação do CLG	56
2.1. A teorização contida no CLG: fundamentos para a autoria	65
2.2. Outro olhar sobre a autoria: CLG – ruptura ou síntese?	69
3. Os manuscritos: seu lugar na autoria de Saussure	80
4. Saussure autor	86
Capítulo 4 – Análises sob a perspectiva do silêncio <i>em</i> Saussure	87

	11
1. Introdução	87
2. A ausência da teorização da fala: silêncio <i>de</i> ou <i>em</i> Saussure?	87
2.1. O termo fala no manuscrito de 1891	89
2.2. A noção de fala no Curso de Linguística Geral	96
2.3. A não teorização sobre a fala: silêncio <i>em</i> Saussure	99
3. O silêncio na teorização sobre a ‘língua’	102
3.1. O silêncio <i>em</i> Saussure	106
4. O silêncio que ecoou	107
 Considerações finais	 111
 Referências	 113
 Anexos	 119

Nota introdutória

Este trabalho se iniciou a partir de uma inquietação com frequentemente nomeação, por parte de alguns autores, ao silêncio de Ferdinand de Saussure, geralmente atribuído ao fato de o linguista não ter escrito o livro que fundou a linguística e o estruturalismo, a saber, o Curso de Linguística Geral¹. Desta forma, instigados a princípio pela inquietude dos autores que, em seguida, se tornou a nossa, adentramos neste universo do silêncio de Saussure e chegamos a outra questão: a autoria.

Para uma reflexão sobre as questões colocadas, o primeiro capítulo conta com a apresentação do livro ‘Curso de Linguística Geral’, obra editada e escrita pelos alunos de Saussure, Sechehaye e Bally, após a morte do professor, em 1916, fonte, muitas vezes, dos embates sobre Saussure. Em seguida, apresentamos os silêncios de Saussure, conforme o citaram alguns autores, de forma que os organizamos da seguinte maneira: primeiro selecionamos um silêncio que se refere especificamente ao fato de Saussure não ter publicado o CLG, em seguida, um silêncio que toca em seus manuscritos, ou seja, ao fato de o linguista não ter publicado suas pesquisas escritas por mais de trinta anos. Ainda abordamos o silêncio que se relaciona ao fato de Saussure não ter dito tudo o que constava em seus manuscritos, aos seus alunos. Por fim, descrevemos o silêncio que o próprio Saussure se autoneomeou. Entre tantos silêncios atribuídos a Saussure, a questão da autoria veio à tona.

Desta maneira, o segundo capítulo é o primeiro passo para contornarmos estas duas questões: silêncio e autoria. Iniciamos com uma discussão sobre o silêncio na análise do discurso, com a autora Eni Orlandi (2007), que se dedicou ao tema e nos legou um livro representativo sobre essa questão. Sob a sua perspectiva, apresentamos algumas reflexões a respeito do silêncio enquanto lugar dos sentidos. Contudo, no intuito de avançarmos ainda mais nesta questão, trouxemos à nossa discussão o silêncio sob a égide da psicanálise freudolacaniana, de onde destacamos, a partir de Lacan (1966-67), o *taceo* como silêncio daquilo que não é dito, e o *sileo* enquanto silêncio relacionado às pulsões, ou seja, à surpresa, ao inesperado. Sob o enfoque da psicanálise, notamos a possibilidade de elaborar reflexões que considerem o silêncio também sob o âmbito do vazio, ou da falta do sentido. Desta forma, consideramos para este trabalho a perspectiva do sujeito do inconsciente, sob a égide de Freud

¹ Doravante, CLG.

e Lacan, exatamente por permitir que se considere o sujeito também enquanto instância de fissuras e do não sentido.

Quanto à autoria, observamos que alguns autores analisam este ponto com relação à Saussure, e, separadamente, também abordam o silêncio de Saussure, no entanto, ao trabalharmos sob a questão do silêncio foi-nos possível detectar essa inter-relação entre silêncio e autoria².

Com tal esclarecimento, partimos para algumas considerações sobre autoria, de forma geral, pois não se referem particularmente à autoria de Saussure, na visão de Foucault (1992), Barthes (1988) e Bakhtin (2003), e por propiciarem uma perspectiva de autor que não se volta para a pessoa que escreve a obra, por apontarem a impossibilidade da origem, as vozes constitutivas nas produções da escrita e na ruptura que os discursos de determinados textos promovem em um *a posteriori*.

O terceiro capítulo trata do tema autoria com uma discussão específica sobre Saussure. Inicialmente nos perguntamos se devido ao fato de Saussure não ter publicado o texto do CLG, ele seria, ainda assim, autor desse livro? Com esta indagação organizamos os pressupostos de autores que consideram Saussure o autor do CLG, apesar das várias controvérsias, como mostram Milner (2002), Silveira (2007), e Normand (2000-2006). E ainda, apontamos a proposição dos autores Calvet (1977) e Bouquet (2004), que colocam em xeque a autoria de Saussure, uma vez que privilegiam um certo mito da origem. Assumimos que há certa ingenuidade por parte de quem não considera o CLG como um livro de Saussure, uma vez que seus posicionamentos se relacionam ao fato de Saussure não ter escrito o livro ou sobre ele não ter dito determinadas frases.

Em continuidade, nos inquirimos se as postulações teóricas presentes em tal livro poderiam nos guiar nesta questão de autoria, e com o auxílio dos autores Milner (2002), Normand (2000-2006) e Silveira (2007) o recorte epistemológico do CLG ganha representativo destaque. Ainda chamamos à discussão os autores Foucault (1992), Barthes (1988) e Bakhtin (1990-1997-2003), que também destacam a importância que determinados textos adquirem na posteridade.

Enfim, chamamos a essa discussão os manuscritos de Saussure, nos questionando se as possíveis marcas nos textos saussureanos poderiam ser consideradas como indício de sua autoria sobre esses materiais, no sentido de se propor seu lugar na autoria de Saussure.

² É justo apontar que tal aproximação foi orientada e ressaltada pelas componentes de nossa qualificação, as professoras doutoras Maria Francisca Lier-De Vitto e Fernanda Mussalim.

No quarto capítulo, deslocamos a questão do silêncio de Saussure para o silêncio em Saussure. Primeiramente abordamos a teorização de fala, regularmente nomeada como uma exclusão do genebrino, à qual optamos substituir por silêncio de Saussure, e que selecionamos investigar no CLG e nos manuscritos da primeira conferência de 1891. Observamos que à não teorização da fala não se deve creditar o silêncio *taceo*, diferentemente, propomos que o *sileo* tenha um funcionamento nesta questão.

Posteriormente, passamos ao conceito de língua, especificamente ao signo e à teoria do valor, e notamos que ao teorizar considerando formas e não substâncias, tanto em relação ao signo linguístico, quanto à teoria do valor, Saussure trabalhou com o objeto da linguística, considerando-o formas sem substância, à qual chamamos de vazio. Os dois enfoques sobre a noção de fala e sobre a língua permitiram que desenvolvêssemos uma proposição de silêncio em Saussure, que tem relação com o próprio objeto com o qual trabalhou, além de sua própria forma de elaborar. Por fim, nos indagamos se o silêncio em Saussure foi de alguma forma, ‘escutado’ por outros estudiosos, e para responder a tal questão abordamos alguns aspectos da teoria de Émile Benveniste (1966-1974).

Assim, nossa intenção maior foi detalhar os dois temas, o silêncio e a autoria de Saussure, observando suas aproximações, embora, dedicando momentos específicos para suas discussões, haja vista que há quase um século fala-se no silêncio de Saussure e em sua autoria em relação ao CLG. Contudo, ou tais abordagens se restringiram a breves comentários, ou, quando realizadas de forma mais aprofundada, não foram dirigidas propriamente a algum desses dois temas.

Capítulo 1

Dos silêncios à autoria de Saussure

(Je lui avais demandé s'il avait rédigé ses idées sur ces sujets.) **¶** Oui, j'ai des notes mais perdues dans des Monceaux, aussi ne saurais-je [Gautier] les retrouver. (J'avais insinué qu'il devrait faire paraître quelque chose sur ces sujets.) **¶** Ce serait absurde de recommencer de longues recherches pour la publication, quand j'ai là (Il fait un geste) tant et tant de travaux inédits.³ (Nota de uma conversa particular de Saussure com Gautier) (Saussure in GODEL, 1969: 30).

1.1. Introdução

Neste capítulo apresentaremos o *Cours de Linguistique Générale*⁴, uma vez que será retomado em todo o nosso percurso, e também por sua peculiaridade, já que Saussure não publicou, ele mesmo, este livro. Tal fato promoveu querelas relacionadas à sua autoria e a um creditado silêncio à Saussure. Também abordaremos os silêncios relacionados ao fato de Saussure não ter publicado seus manuscritos, bem como, por não ter dito aos seus alunos tudo o que havia em seus manuscritos, e ainda, a um silêncio que o próprio Saussure se autocreditou.

2. *Cours de Linguistique Générale* e seu lugar nas reflexões

A epígrafe deste capítulo nos remete a uma das questões que têm fomentado discussões sobre o *Cours de Linguistique Générale*, a saber, o fato de Ferdinand de Saussure, então autor deste livro, não ter, ele mesmo, escrito e publicado o CLG. A epígrafe nos mostra a partir do próprio Saussure, que, embora o linguista tivesse pesquisas concluídas, ele ainda assim não as levou ao conhecimento do público.

³ (Eu perguntei-lhe se tinha redigido suas ideias sobre esses assuntos).- Sim, eu tenho anotações, mas perdidas em pilhas, não conseguiria encontrá-las. (Eu [Gautier] insinuei que ele deveria divulgar alguma coisa sobre esses assuntos.) **¶** Seria absurdo recomendar as longas páginas para a publicação, quando eu tenho (ele fez um gesto) tantos trabalhos não publicados. (Nota de uma conversa particular de Saussure com Gautier) (Godel, 1969: 30). (tradução nossa)

⁴ Curso de Linguística Geral, publicado em 1916 pela Payot em francês, e, em 1969, pela Cultrix, para o português.

O fato de Saussure não ter escrito o CLG tornou-se fonte de dois pontos fundamentais para a nossa reflexão: a) uma discussão da autoria de Saussure sobre o CLG, e, b) a nomeação do silêncio de Saussure, à cerca do fato da não publicação de seu livro. Desta forma, o CLG é responsável por nossas duas principais questões, bem como, por nos fornecer as postulações teóricas para nossas análises.

Neste sentido, cabe-nos, minimamente, fornecer informações e dados sobre a edição do CLG, principalmente porque tal edição toca diretamente no fator autoria. Este livro que está prestes a fazer 100 anos de seu lançamento na França, foi traduzido em alguns outros idiomas⁵. Para apresentá-lo, servir-nos-emos, especialmente, dos prefácios francês e português-brasileiro, comumente menos utilizados quando se trata do CLG, mas que para nós será fonte imprescindível, justamente por conter informações sobre sua elaboração, avanços e dificuldades.

Ferdinand de Saussure, quando professor em Genebra, entre os cursos que oferecia, iniciou em 1907 um que se intitulou Curso de Linguística Geral. Este curso, motivou a elaboração de um livro que recebeu o mesmo nome. O livro, CLG, foi editado e organizado por seus alunos, Charles Bally e Albert Sechehaye, após a morte de Saussure em 1913, e editado em 1916. Inicialmente, os dois alunos buscaram o arquivo de notas do professor, mas essas buscas foram frustradas, pois apenas notas esparsas foram encontradas naquele período. Desta maneira, decidiram pela complicada tarefa de compilarem e compararem as notas dos alunos durante os três cursos e, ainda, de tentarem uma recriação do que havia sido ensinado oralmente (BALLY, SECHEHAYE, [1916] 1974: 2,3).

Bally e Sechehaye ([1916] 1974) deixaram claro que, para cumprirem com este empreendimento, havia a necessidade de realizarem seleções, e assim optaram por uma reconstituição, uma síntese, com base no terceiro curso, para a publicação do livro (Ibidem: 3). Os esclarecimentos sobre esse trabalho encontram-se no prefácio à primeira edição dos editores, que expuseram suas dificuldades e limites quanto à tarefa:

Sentimos toda a responsabilidade que assumimos perante a crítica, perante o próprio autor, que não teria talvez autorizado a publicação destas páginas. Aceitamos integralmente semelhante responsabilidade e queremos ser os únicos a carregá-la. Saberá a crítica distinguir entre o mestre e seus intérpretes?(...)
(BALLY, SECHEHAYE, [1916] 1974:4)

⁵ A primeira versão traduzida foi em japonês em 1928, em seguida a versão alemã em 1931, a russa em 1933, uma espanhola em 1945, uma versão inglesa em 1959, polonesa em 1961, húngara e italiana em 1967. A versão do português-brasileiro, com prefácio de Salum, foi lançada em 1969 (SALUM, [1969] 1974: XIII-XIV).

Eis uma questão intrigante lançada pelos próprios editores, e que tem relação com autoria, a saber: soube a crítica separar Saussure de seus intérpretes? Quanto a nós, nos perguntamos se é necessário separar radicalmente o que é de Saussure e o que é de seus alunos? Iniciam-se assim, alguns debates no entorno do CLG, entre eles, o fato de os editores não terem participado de todos os três cursos que Saussure ofereceu.

Salum ([1969] 1974: XVI), no prefácio brasileiro, relaciona alguns dos alunos que participaram destas aulas na Universidade de Genebra entre os anos de 1907 a 1911:

- O primeiro curso ocorreu de 16 de janeiro a 3 de julho de 1907 e contou com seis alunos matriculados, entre eles A. Riedlinger e Loius Caille.
- O segundo curso ocorreu da primeira semana de novembro de 1908 a 24 de julho de 1909 e contou com a matrícula de 11 alunos, entre os quais A. Riedlinger, Léopold Gautier, F. Bouchardy, E. Constantin.
- Finalmente, o terceiro curso aconteceu de 23 de outubro de 1910 a 4 de julho de 1911 com 12 alunos matriculados, entre eles G. Dégallier, F. Joseph. Madame Sechahaye, E. Constantin e Paul-F. Regard.

Assim, mais um nó ganha relevo, pois, na verdade, não apenas Bally e Sechahaye não participaram dos três cursos, como nenhum dos outros alunos. Além disso, os editores não utilizaram todos os cadernos de todos os alunos para preparar o livro.

Todas estas constatações, a de que Saussure não escreveu o livro que levou a insígnia de seu nome, a de que os alunos que prepararam o livro não assistiram aos três cursos, e, a de que não utilizaram todos os cadernos de todos os alunos para realizarem tal empreendimento, fazem parte de um rol de questões que geram controvérsias e fomentam o já apimentado fato de Saussure não ter publicado suas pesquisas sobre língua, e silenciar-se sobre parte de seu trabalho, além de também tocar, diretamente, na questão de sua autoria sobre este livro.

É possível que estas controvérsias justifiquem algumas edições, ou mesmo outros livros, lançados após o CLG, com o intuito de fornecer maiores informações sobre a elaboração do CLG, como foi o trabalho de Tullio de Mauro⁶, ou, com o objetivo de oferecer parte da fonte do curso a partir dos cadernos dos alunos, como é o caso da edição de Engler⁷. Houve, ainda, quem apresentou os conteúdos do terceiro curso a partir da anotação de um

⁶ Cours de Linguistique Générale, edição crítica por Tullio de Mauro. Paris: Payot, 1972.

⁷ Cours de Linguistique Générale, edição crítica por R. Engler. Wiesbaden: Otto Harrossowitz, 1968, 1974.

aluno, como ocorreu com a edição por meio dos cadernos de Emile Constantin⁸, ou também, a tentativa de promover a edição dos *Écrits de Linguistique Générale*⁹ por Bouquet e Engler, como uma obra original escrita por Saussure.

Como se pode perceber o CLG está na raiz de diferentes embates, todavia, para nós interessa ressaltar os contrastes que geraram a questão do silêncio que alguns autores nomearam a Saussure, entre os quais o que se relaciona especialmente ao CLG, e também, a um silêncio que se refere aos seus manuscritos e aos seus alunos, e claro, a um fato imediatamente flagrado por esta questão: Saussure seria realmente autor do CLG?

3. O silêncio de Saussure no meio acadêmico: ensejo às polêmicas sobre sua autoria

Neste ponto de nossa reflexão citamos os autores que nos guiaram a este universo do que vem sendo nomeado há quase um século como o silêncio de Saussure, e que provocou tantas contestações em torno de sua autoria sobre o CLG. Estes temas, silêncio e autoria, foram os grandes motivadores de nossas inquietações iniciais, e que possibilitaram nossas análises.

Entretanto, antes, é válido frisar que, quando se afirma que Saussure não publicou, corre-se o risco de cometer um grave delito anacrônico. Para impedir tal equívoco, ressaltamos que na época de Saussure os parâmetros de circulação de conhecimento eram diferentes da obrigatoriedade do mundo acadêmico contemporâneo – atualmente muito mais exigente, inclusive numericamente - do que na época deste linguista.

Neste sentido, nosso cuidado é elucidar que Saussure realizou algumas publicações, embora tais trabalhos estejam relacionados em especial à Gramática Comparada. Desta forma suas publicações não se referem à teorização que o elevou à condição de pai da linguística moderna e do estruturalismo. Durante sua vida Saussure publicou trabalhos que o colocaram entre os homens de seu tempo, ou seja, na Gramática Comparada¹⁰. Citamos especialmente

⁸ Cours de Linguistique Générale. Premier et troisième cours d'après le cahier d'Émile Constanttin, texto estabelecido por E. Komatsu, Université de Gakushuin, Recherches Université Gakushuin, 1993.

⁹ Escritos de Linguística Geral, doravante ELG. Organizado e editado por Simon Bouquet e Rudolf Engler, em colaboração com Antoinette Weil, 2002.

¹⁰ Saussure foi conhecido dentro do movimento da gramática histórico-comparativa, especialmente, os chamados neo-gramáticos, que trabalhavam a partir da reconstrução de base histórica das relações entre línguas. As publicações que o genebrino direcionou ao público durante sua vida, são especialmente de tais conteúdos. De acordo com Arrivé (2007:11-12), tudo o que Saussure publicou após estes dois trabalhos, foi novamente publicado em 1921, e contam com um total de 268 páginas. Constam artigos de língua indo-europeia, resenhas,

sua dissertação sobre o sistema primitivo das vogais indo-europeias, o livro *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes*¹¹, e sua tese de doutorado, *L'emploi du génitif absolu en sanskrit*¹².

Como se pode perceber, não é tão simples falar do silêncio de Saussure, porque um silêncio total sobre seus textos não pode ser creditado a ele, como poderia ser o caso, por exemplo, do filósofo Sócrates que nunca escreveu nem uma linha do que ensinou oralmente. Embora Saussure tenha realizado algumas publicações durante sua vida, notamos, recorrentemente, autores declarando que Saussure não publicou e, posto desta forma, se torna uma informação incorreta. Portanto, tais asserções sobre o silêncio de Saussure precisam conter essa ressalva por parte de quem as lê.

Realizamos, assim, uma seleção dos principais posicionamentos dos autores sobre o silêncio de Saussure, primeiramente destacando os silêncios que se relacionavam à ausência de publicações relativas à linguística geral, em seguida discutimos os silêncios relacionados aos seus manuscritos, e focamos o silêncio de Saussure perante seus alunos e, por fim, o silêncio que o próprio Saussure se autocreditou.

Iniciemos com Émile Benveniste ([1966] 2005:39) que rememora as primeiras publicações do pai da linguística e como seu brilhantismo assegurou-lhe um lugar nas Universidades nas quais foi professor. No entanto, lamenta como a produção saussureana logo diminuiu, pois escrevia raramente e em geral cedendo às solicitações de amigos. Em seu retorno à Genebra, praticamente parou de escrever para o público. Tal fato parece instigar Benveniste que assim se posiciona: “O que então o impedia de publicar? Começamos a sabê-lo: esse silêncio esconde um drama que deve ter sido doloroso, que se agravou com os anos, que inclusive jamais encontrou solução.” (Ibidem: 39).

Para Benveniste ([1966] 2005:40), além das questões pessoais sobre as quais os parentes de Saussure poderiam dar o testemunho, este autor é incisivo ao atestar que aquilo que o silenciou era principalmente um drama do pensamento. Na visão deste autor, o genebrino descobria sua própria verdade, e esta o fazia rejeitar o que se ensinava em geral a respeito da linguagem. Tal dilema o deixaria perturbado, manifestando-se no fato de que “(...)

resumos e comunicações de várias sociedades científicas. Alguns desses textos são breves notas etimológicas, por vezes, reduzido a poucas linhas. No final deste capítulo, nas notas, em função de sua extensão, relacionamos todos os trabalhos que Saussure publicou em vida.

¹¹ Memória sobre o primitivo sistema das vogais em línguas indo-europeias.

¹² O emprego do genitivo absoluto em sânscrito

não podia resolver-se a publicar a menor nota antes de haver assegurado, em primeiro lugar, os fundamentos da teoria.” (Ibidem: 40).

Entendemos que Benveniste ([1966] 2005:41) corrobora a justificativa de um perfeccionismo imobilizante, que alguns autores propõem ter ocorrido com Saussure, como é o caso posteriormente encontrado no trabalho de Fehr que, muito similar a Benveniste, destacou que o genebrino vivia um drama particular, e por isso não conseguia expor seus fundamentos. Para ancorar seu pressuposto, assim se expressa:

É aí que está o único problema biográfico: Saussure, vivendo e produzindo em Paris, fecha-se cada vez mais, em Genebra, num quase mutismo, diz-se atacado de **epistologofobia, não publica quase nada**, endereça a Meillet, em 1894, uma carta desesperada. O próprio Meillet explicou esse complexo de nada acabar quase patológico que atinge os trabalhos genebrinos de Saussure pela obsessão perfeccionista de um pesquisador preocupado em dar apenas aquilo que fosse definitivo.(...) Tradução nossa. (G. MOUNIN, 1972:48, apud FEHR, 2000:38, apud SILVEIRA, 2007:115-116) (grifo nosso).

Essa defesa de que Saussure teria epistologofobia, isto é, que não conseguia terminar ou dar por pronto o que escrevia para publicar, é acompanhado da concordância de outros autores¹³.

No entanto, Benveniste ([1966] 2005) vai adiante ao asseverar que seu drama modificaria as dimensões da linguística. Porém tal fato não ocorreu por meio de um livro diretamente escrito por Saussure, apesar de julgar que o fundador da linguística tivera a intenção de publicar, no entanto, não julgou suas “(...) ideias suficientemente amadurecidas para serem publicadas.” (Ibidem: 48).

Benveniste ([1966]2005:34) ressalta que a parte mais importante da reflexão de Saussure emergiu apenas após sua morte, mas acredita que se ele tivesse publicado suas teorizações, teria encontrado resistência. Em suas palavras:

Mesmo, porém, que ele houvesse podido formular então o que só deveria ensinar mais tarde, não teria feito mais que aumentar a incompreensão ou a hostilidade que encontraram os seus primeiros ensaios.
Os mestres de então, seguros de sua verdade, recusavam-se a ouvir essa formulação rigorosa, (...) (BENVENISTE, [1966] 2005: 37)

Notamos que Benveniste ([1966] 2005) acredita que Saussure teria dificuldades importantes em ser ouvido por seus contemporâneos, pois se confrontaria, minimamente, com a quebra de paradigmas que tal livro desencadearia.

¹³ É o caso, por exemplo, de Loureiro (2007), que concorda com esta posição de Fehr, já que coaduna com a justificativa de um Saussure demasiado perfeccionista, na base de sua explicação, para o silêncio de Saussure. Ver Loureiro (2007:8).

Jakobson ([1977] 1990: 10), por um lado - diferentemente de Benveniste ([1966] 2005) - observa que Saussure estava “(...) rejeitando cada vez mais a ideia de um curso publicado.” Por outro lado, - similar a Benveniste ([1966] 2005) - também afirma que Saussure se via descontente com o estado em que estava a linguística naquele momento, bem como o ambiente em que vivia Saussure, que não era favorável às suas ideias. Em suas palavras

(...) Saussure coloca em relevo contradições inconciliáveis, prevendo a síntese com extraordinário discernimento, mas, ao mesmo tempo, preso a preconceitos de seu ambiente ideológico, que o impedem de tirar partido de suas próprias intuições. (JAKOBSON, [1977] 1990: 10)

Parece-nos que já podemos determinar duas posições sobre as não publicações de Saussure: uma em que prevalece a questão do drama do pensamento, em uma imobilização, algo que o impedia de publicar, e, uma segunda proposta, que seria o fato de que Saussure não seria compreendido por seus contemporâneos. Dessas duas proposições, quanto à primeira, parece-nos algo impossível de afirmar ou comprovar, já que está particularmente relacionada à pessoa de Saussure. Quanto à segunda proposição, de que Saussure seria incompreendido pelos linguistas de sua época, o fato em si poderia ser uma verdade, porém, não nos parece que tal questão o teria impedido de tirar proveito de suas intuições, ou seja, embora ele mesmo não tenha publicado suas pesquisas, ele persistiu com suas reflexões. A incompreensão dos homens de sua época não o impediram de pesquisar, elaborar e questionar.

Tullio de Mauro (1974) elabora outra hipótese. Em sua edição crítica do CLG, esclareceu, de um lado, o prestígio de Saussure alcançado em vida, citando especialmente os três anos após seu retorno à Genebra, e o reconhecimento de seu talento pelo grande público acadêmico. Porém, acredita que tal prestígio esteja associado a um silêncio científico do genebrino, e que,

En 1913, juste après sa mort, un élève et ami genevois écrit de lui qu’il avait “vécu en solitaire”. L’image du solitaire se justifie certainement par son isolement croissant, par son **silence** scientifique prolongé, par certains traits de sa vie privée, par la tristesse qui voile les dernières rencontres avec ses élèves et les lettres.¹⁴ MAURO, 1974:II. (grifo nosso)

¹⁴ Em 1913, logo após sua morte, um aluno e amigo de Genebra escreveu que ele tinha uma "vida solitária". A imagem do solitário certamente se justifica por seu crescente isolamento e por seu prolongado silêncio científico, pelas características de sua vida pessoal e pela tristeza que marca o último encontro com seus alunos e as cartas. (Tradução nossa).

Neste caso, Mauro (1974) relaciona o fato de Saussure não publicar, isto é, seu silêncio, à sua solidão e ao seu isolamento, que era percebido por seus amigos mais próximos e contemporâneos.

Entretanto, para Sanders (1979: 4,7), a questão do silêncio de Saussure não se explicaria apenas com seu isolamento:

(...) On a dit récemment qu'il ne faut pas exagérer son isolement, car, quoiqu'il cessât de participer aux débats publics sur la linguistique, pour ainsi dire, il continuait néanmoins à correspondre avec ses amis linguistes, notamment avec Meillet¹⁵. (...) (SANDERS, 1979: 7).

Ou seja, para Sanders (1979) não residiria na solidão, na decepção por onde ensinou ou na epistologofobia, os motivos das não publicações de Saussure. Para essa autora, o fato de Saussure se corresponder por cartas com amigos minimizaria esta solidão acadêmica. Esta proposição seria aceitável?

Com esta pergunta pesquisamos, aleatoriamente, três trechos de cartas de Saussure¹⁶ a amigos, que datam de 4 janeiro de 1894, 28 de agosto de 1908 e 19 de março de 1909. Essas cartas, ou discutem uma questão específica na qual Saussure se debruçava em suas pesquisas, ou uma discussão sobre sua posição da linguística de seu tempo, isto é, são cartas com conteúdos 'científicos', no sentido de não se tratar de questões pessoais, e sim, sobre suas dúvidas, questionamentos e posicionamentos. Reproduziremos um trecho para exemplificar a posição de Saussure:

Sans (cesse), cette ineptie de la terminologie courante, la nécessité de la réformer, et de montrer pour cela quelle espèce d'objet est la langue en général, vient gêner mon plaisir historique, quoique je n'aie pas de plus cher vœu que de ne pas avoir à m'occuper de la langue en général.
Cela finira malgré moi par un livre où, sans enthousiasme, j'expliquerai pourquoi il n'y a pas un seul terme employé en linguistique auquel j'accorde un sens quelconque. Et ce n'est qu'après cela, je l'avoue, que je pourrai reprendre mon travail au point où je l'avais laissé.¹⁷ (Saussure in GODEL, 1969: 31).

¹⁵ Foi dito recentemente que não se deve exagerar seu isolamento, pois, apesar de deixar de participar de debates públicos sobre a linguagem, continuou, no entanto, a corresponder-se com os amigos linguistas, especialmente com Meillet. (Tradução nossa).

¹⁶ Os trechos das cartas referidas encontram-se nos anexos.

¹⁷ Incessantemente a inépcia absoluta da terminologia corrente, a necessidade de reformá-la e de mostrar para isto que espécie de objeto é a língua em geral, vem estragar meu prazer histórico, ainda que eu não tenha um desejo mais caro do que não ter que me ocupar da língua em geral.
Isso terminará a despeito de mim em um livro onde, sem entusiasmo nem paixão, eu explicarei por que não há um único termo empregado em linguística ao qual eu não atribua qualquer sentido. E é apenas depois disso, eu confesso, que poderei retomar meu trabalho no ponto onde eu o havia deixado. (Saussure in GODEL, 1969: 31).

Esta carta confirma o desacordo de Saussure com o caminhar da linguística, todavia, justificaria antes, para nós, a motivação pela qual ele se emaranhou pelos caminhos tortuosos da língua, em vez de servir como fundamento de uma explicação pela não publicação de tal livro, ou seja, ao não se concordar com algo, uma possível atitude é buscar outras explicações. Parece-nos que foi o que fez Saussure.

Avaliando essas cartas, perguntamos se seria crível que ocupassem o lugar de uma interlocução para Saussure, e, neste caso, as cartas seriam mais que um contraponto ao isolamento do linguista? Parece-nos que essas cartas funcionaram como a criação do lugar de um interlocutor. Pensamos em interlocutor, não nos preocupando com o que respondiam seus amigos aos seus questionamentos e suas dúvidas, não se trata do que lhe diziam, mesmo porque, é provável que as intuições de Saussure seguissem por caminhos ainda tão inéditos que compreendê-lo, talvez fosse algo complexo, ao menos, é o que o acesso a algumas dessas cartas de Saussure parecem denunciar. Essas cartas parecem representar a possibilidade de este linguista ter um interlocutor, da possibilidade de dirigir-se à.

Todavia, Sanders não termina suas conjecturas com a proposição das cartas, ela ainda propõe outra leitura que implica o silêncio de Saussure, conforme atesta este excerto,

(...) Il semble plutôt que la raison est plus fondamentale et d'une plus grande portée. Dans ses lettres, ses notes et ses conversations, Saussure parle du besoin de revoir la terminologie et d'éclairer les concepts de l'étude du langage – en somme, **de fonder une théorie de linguistique générale**.¹⁸ (...). (SANDERS, 1979: 7-8) (grifos nossos).

Observemos neste trecho que Sanders (1979) aposta que o silêncio de Saussure tem relação com a importância de sua teorização, com algo inédito. De acordo com a autora, este visionário compreendia a profundidade de sua tarefa¹⁹.

Assim também parece ser a posição de Amacker (1992) - embora ele ressalte a solidão e o isolamento – de forma a destacar as teorizações de Saussure como cruciais para entendermos por que ele não teria publicado. Assim se expressa,

Saussure, apparemment sensible à ces exigences épistémologiques singulières, a ressenti de manière très vive, et pour ainsi dire tragique, les conséquences paradoxales qu'elles entraînaient dans la pratique de sa discipline. **C'est ainsi, par sa conscience d'avoir élaboré une conception de la langue qu'alors personne ne**

¹⁸ Ao que parece a razão é mais fundamental e de maior alcance. Em suas cartas, suas notas e conversas, Saussure fala da necessidade de rever a terminologia e os conceitos para subsidiar o estudo da linguagem - em suma, para fundar uma teoria de linguística geral. (Tradução nossa).

¹⁹ Vale lembrar que após o lançamento do CLG, as postulações saussureanas foram responsáveis tanto pela fundação da linguística moderna, quanto do estruturalismo.

partageait, que s'expliqueraient, à mon sens, à la fois la solitude scientifique de Saussure, telle ou telle des déclarations dramatiques que j'aurai l'occasion de répéter, et, par voie de conséquence, ce que l'on a appelé le 'silence' qui a caractérisé ses années genevoises.²⁰ (AMACKER, 1992: 18) (grifos nossos)

Como podemos notar, Amacker (1992) admitiu que a teoria desenvolvida por Saussure justificaria seus anos de solidão científica, assim como o silêncio que marcou seu período genebrino, como professor.

Notamos que Bouquet (2004) também se aproxima desta proposição, ao afirmar que

(...) De fato, essa contemplação **silenciosa**, distante dos debates do mundo erudito, na qual se isola o autor de *Mémoire*, se ancora a uma contestação radical dos fundamentos de uma ciência da linguagem – “Falamos um pouco prematuramente de uma ciência da linguagem”, escreve ele nos anos 1910 -, mas aparece finalmente ligada ao próprio conteúdo de seu pensamento: não está ligada apenas ao fato de esse pensamento se basear num desacordo radical, mas também **ao de se dedicar a um objeto que tematiza, na própria essência, como enigmático e incompreensível**. (BOUQUET, 2004: 67) (grifos nossos).

Ao que parece, para Bouquet (2004), a distância dos debates acadêmicos associada ao objeto que Saussure estuda em suas pesquisas é o motivo de seu silêncio. No entanto, não podemos deixar de considerar que, embora Bouquet (2004)²¹ ressalte a teorização inédita, como um motivo que detivera Saussure em suas publicações, acrescenta que o novo que há em Saussure deve ser estudado e vislumbrado nos manuscritos, pois estes seriam sua verdadeira obra, em contraposição ao CLG.

Esta posição de Bouquet é distinta da visão de Sanders e Amacker (entre outros como Silveira (2007) e Normand (2009)), que consideram que o CLG, por si só, é fonte para constataremos o ato inaugural das postulações saussureanas, afinal, é o livro fundador da linguística e do estruturalismo.

Desta forma, com base nas proposições destes autores, foi possível detectar três novos pontos levantados quanto ao silêncio de Saussure: sua solidão e isolamento, a profundidade e o inédito de sua teorização, e seu desacordo com seus contemporâneos.

²⁰ Saussure, aparentemente sensível a exigências epistemológicas singulares, sentiu de maneira muito forte, e por assim dizer, quase trágica, as consequências paradoxais provocadas pela sua prática na disciplina. Assim, pela sua consciência de ter elaborado uma concepção da língua até então por ninguém compartilhada, que se explicaria, em minha opinião, tanto a solidão científica de Saussure quanto estas ou aquelas declarações dramáticas, como tive a oportunidade de repetir e, conseqüentemente, o chamado "silêncio" que caracterizou os anos em Genebra. (Tradução nossa).

²¹ O autor Depecker posiciona-se de maneira muito similar a Bouquet, pois defende que o silêncio de Saussure justifica-se pela sua própria teorização inaugural, além de defender que os manuscritos devem ter maior crédito em relação ao CLG. Ver Depecker, 2009: 15.

No que diz respeito às próprias teorizações de Saussure julgamos a possibilidade de uma produtiva perspectiva de reflexão, no sentido de que suas teorizações possibilitariam uma reflexão sobre a autoria de Saussure sobre o CLG? Ou seja, as postulações contidas no CLG poderiam sustentar uma discussão sobre sua autoria? Guardemos este novo questionamento para discuti-lo adiante, especificamente, no capítulo terceiro.

Ainda vale destacar, neste âmbito das teorizações de Saussure, outro ponto para reflexão, que se refere às “(...) chamadas exclusões saussurianas: A saber: a exclusão do referente, da história e do sujeito falante. (...)” (SILVEIRA, 2007: 21). Após a publicação do CLG, alguns leitores destacaram o que se convencionou chamar de as exclusões saussureanas. Tal afirmativa nos incitou a questionar se também poderiam ser chamados de silêncio *de* Saussure, sobre a história, a fala, e o referente, ou seja, seria um silêncio de Saussure sobre um determinado ponto de sua teoria. Tomaremos esse aspecto para uma reflexão mais aprofundada adiante, sobre a noção de fala em Saussure, e, para tal, reformularemos a questão para deixá-la indicada: há um silêncio de Saussure sobre a teorização da fala em suas elaborações?

Estas não são as únicas possibilidades de se tocar no silêncio de Saussure. Temos ainda outros autores que simplesmente afirmam que Saussure não quis publicar. É o caso de Calvet (1977:26), que é taxativo em sua asseveração: “(...) Saussure nunca publicou nem quis publicar uma só linha de linguística geral... (...)”, e ainda acrescenta que a publicação do CLG, como obra póstuma “(...) era uma forma de violação do pensamento saussuriano (...)”. Como se pode notar, para Calvet (1977) a obra CLG é contrária à posição clara de Saussure em não querer publicar nada sobre este assunto em vida.

Similar, Milani (2009) também sugere os motivos que teriam levado Saussure a não publicar o conteúdo de suas aulas do Curso de Linguística Geral em Genebra, como é explicitado no trecho abaixo,

Diferente dos seus trabalhos de mestrado e doutorado, **Saussure não publicou seus estudos sobre linguística geral**, ou porque não quis, como se tem registrado em Genebra em cartas: respostas a provocações para que publicasse o curso, ou porque morreu muito jovem.(...). (MILANI, 2009: 56) (grifo nosso).

Milani (2009) supõe duas explicações sobre as não publicações de Saussure, ou por sua vida ter se encerrado precipitadamente ou por não ter se interessado em publicar, ou seja, excluindo o fato da morte, foi uma escolha do genebrino não realizar comunicações sobre seus princípios teóricos.

Ainda neste mesmo teor de pensamento, Michel Arrivé (1999) acredita que o genebrino além de não publicar, tampouco tivera a intenção de comunicar suas ideias. Tal afirmação está em suas notas, em suas palavras, “Aqui, Saussure, como lhe acontecia muitas vezes nessa pesquisa feita quase clandestinamente, e sem intenção imediata de publicação, se interrompeu no meio da frase.” (Ibidem: 69). Para Arrivé, Saussure não tinha a intenção de levar ao público seus escritos, pois considerou que eram materiais não preparados para o leitor.

Entretanto, ao contrário do que havia afirmado neste livro de 1999, Arrivé (2007) sugeriu que Saussure teria começado a escrever uma obra para publicar, a qual seria intitulada ‘A essência dupla da linguagem’, mas que nunca foi concluída. No entendimento de Arrivé (2007), o genebrino não teria conseguido fechar e definir conteúdos de sua teoria, o que justificaria seus longos períodos de meditação. Todavia, Arrivé (2007:14-15) ainda volta a insistir na aparente desordem dos estudos de Saussure, em suas dificuldades e hesitações em publicar seus materiais.

Assim, de acordo com Calvet (1977), Milani (2009) e Arrivé (1999), há outra proposta para o silêncio de Saussure, a saber, ele não quis publicar. Esta questão é muito ambivalente para se sustentar, pois alguns trechos de cartas e manuscritos de Saussure demonstram de um lado sua afirmação em ter inúmeros materiais para publicar²², e, de outro, sua contrariedade em ter de publicar algum dia um livro sobre suas pesquisas.²³ É interessante observar o fato de Saussure, de um lado, não ter publicado, mas, de outro, ter escrito muito, confunde seus leitores e estudiosos. Arrivé (1999-2007), por exemplo, mostra posições distintas perante este silêncio de Saussure.

Até o momento, elencamos algumas questões referentes ao silêncio de Saussure: a) o drama do pensamento, uma imobilização, algo que o impedia de publicar; b) Saussure não foi compreendido por seus contemporâneos; c) sua solidão e isolamento, d) o inédito e a profundidade de sua teorização, e) as chamadas exclusões saussureanas sobre a fala, a história e o referente; f) seu desacordo com seus contemporâneos; e, g) Saussure não quis publicar.

Dos pontos levantados, queremos destacar algumas questões de suma importância e alguns possíveis caminhos para nossas reflexões, a saber: I) Como Saussure não publicou o texto do CLG, ele seria, ainda assim, autor desse livro? II) As teorizações presentes em tal

²² Ver epígrafe do capítulo 1.

²³ Ver trecho da carta nos anexos de 04 de janeiro de 1894.

livro podem nos guiar nesta questão de autoria?²⁴ E III) a chamada exclusão saussureana do sujeito falante seria um silêncio deste linguista²⁵? Tais questões nos parecem oferecer a possibilidade de desdobramentos mais produtivos em nossas reflexões.

Cabe-nos frisar que embora ele não tenha escrito um livro com as teorizações que fundaram a linguística moderna, ele não deixou de pesquisar e escrever durante toda a sua vida. Estas escritas, inclusive, foram também geradoras de muitas controvérsias após suas descobertas. Desta maneira, o silêncio de Saussure, vislumbrado sob uma perspectiva de seus manuscritos merece um enfoque específico, conforme faremos a seguir.

4. Os manuscritos saussureanos: novo enfoque de silêncio e de autoria

Quando se pergunta por que Saussure não publicou, pressupõe-se que ele tinha o que publicar, ou seja, provavelmente ele tinha materiais escritos. Desta forma, continuaremos a tratar do silêncio de Saussure, contudo, nos reportando aos manuscritos que comportam as elaborações sobre os anagramas e hipogramas, bem como aos textos manuscritos que versam sobre a língua. Antes, esclareceremos, brevemente, o surgimento destes documentos.

Após a morte de Saussure, seus alunos não encontraram textos ou rascunhos que os pudessem auxiliar na organização e elaboração do CLG. Isto ocorreu porque seus textos manuscritos só vieram ao público em três importantes datas: 1955 (por Robert Godel), 1968 (por Rudolph Engler) e 1996 (por Robert Godel e Simon Bouquet). De acordo com Silveira (2009: 46) são aproximadamente 30 mil páginas, arquivadas em grande parte na Biblioteca Pública e Universitária de Genebra e uma quantidade menor em Harvard. São escritos que abordam temas diversos, muitos deles relacionados à língua e que atestam o quanto Saussure escrevia.

Após as descobertas desses manuscritos, alguns pesquisadores se propuseram a examiná-los, como Robert Godel - que catalogou os manuscritos saussureanos e publicou o livro *Les sources manuscrites du Cours de Linguistique Générale de Ferdinand Saussure*, em 1957. Já em 1968 e 1974, Rudolf Engler, preparou uma edição crítica. Túlio de Mauro, em 1972, também organizou seu trabalho relacionando os manuscritos ao CLG. Starobinski, no início da década de setenta, preparou um material sobre os anagramas e hipogramas

²⁴ Realizaremos esta reflexão no terceiro capítulo.

²⁵ Esta discussão está no quarto capítulo.

saussureanos. Em 2002 Bouquet e Engler editam os ELG tendo como base os manuscritos do genebrino (SILVEIRA, 2009:46 e BOUQUET, 2004:15). Em 2006 Matsuzawua realiza um trabalho de edição genética com transcrição diplomática, de forma que a reprodução da escrita seja próxima à topografia espacial dos manuscritos. E Silveira (2007:147-162) apresenta, em seu livro, um anexo de fac-símile das 11 primeiras folhas do manuscrito *Première Conférence*²⁶. Nos últimos anos, alguns pesquisadores têm elaborado algumas reflexões com base nesses documentos. Este é, de forma geral, um abreviado panorama sobre o surgimento dos manuscritos de Saussure e sua entrada no circuito de domínio público, marcado por posições distintas por seus apresentadores e estudiosos.

4.1. As pesquisas sobre os poemas clássicos

Para esta análise optamos por distinguir os manuscritos sobre seus estudos dos poemas clássicos, daqueles que versam sobre a língua. Os manuscritos sobre os anagramas e hipogramas receberam dedicação de Saussure durante o período de 1906 a 1909, quando realizou um estudo sobre os poemas clássicos dos seguintes autores: Homero, Virgílio, Lucrécio, Sêneca, Horácio, Ovídio, Plauto, Policiano, Carmina, entre outros (STAROBINSKI, 1974). O genebrino buscava detectar um mecanismo baseado na análise fônica das palavras, composta do hipograma e do anagrama.

Starobinsk (1974), estudioso que se dedicou às pesquisas anagramáticas de Saussure, reproduziu trechos dos manuscritos e de cartas que ele teria escrito a fim de empreender uma discussão sobre seus estudos. Para Starobinski (1974: 90), seus cadernos de pesquisas sobre os poemas clássicos revelam “(...) lado a lado a convicção e a dúvida”, que acometiam Saussure em suas pesquisas.

Em continuidade, Starobinski (1974) afirmou, categoricamente, que o linguista tinha a intenção inicial de publicar seus estudos sobre os versos saturninos, porém, em um último momento, declinou de tal intento, o que levou os materiais a permanecerem secretos por anos. Assim se expressa Starobinski (1974: 8): a “exposição teórica tomou uma forma acabada no *Premier cahier à lire préliminairement* (MS fr. 3963). Ele poderia ter sido preparado visando a uma publicação, - à qual Ferdinand de Saussure preferiu renunciar.” A aposta de Starobinski (1974) é que Saussure temia estar seduzido por uma ilusão a respeito do que via

²⁶ Primeira Conferência

nos versos, e “(...) na falta de testemunhos e atestados por parte dos próprios interessados (isto é, dos poetas), a teoria dos hipogramas só pode resistir se for sustentada por um tema de verificações e contraprovas (...)”. (Ibidem: 93). Em outras palavras, para Starobinski (1974), pela falta de uma comprovação de que não estaria iludido pelo que via nos poemas clássicos, deu-se então o silêncio de Saussure, ou seja, ele não publicou estas pesquisas.²⁷

Silva (2009), em seu trabalho, tem uma posição semelhante à de Starobinski (1974); em suas palavras a “perturbação de não conseguir provar efetivamente o fenômeno anagramático fez com que o mestre, além de não divulgá-la, interrompesse a pesquisa em 1909.” (Ibidem: 150, 151). Para a autora, a não certificação de seu trabalho foi motivo para que ele a interrompesse.

Embora a perspectiva de Calvet (1977) esteja muito próxima à de Starobinski (1971), aquele, no entanto, utiliza o trecho de uma carta de Saussure a Antoine Meillet, a qual solicitava a aprovação de seus estudos anagramáticos, conforme demonstra o excerto:

Você me prestaria o serviço por **amizade**, de ler algumas cartas sobre o *Anagrama nos poemas homéricos* que consignei, entre outros estudos, ao curso de pesquisas sobre o verso saturnino; e a propósito dos quais o consulto **confidencialmente**, pois é quase impossível ao que dele tem ideia saber se é vítima de uma ilusão, ou se alguma coisa de verdade se encontra na base de sua idéia, ou se há apenas meia verdade. (Saussure, apud JAKOBSON, 1973:190, apud Calvet, 1977:32)). Grifos nossos.

Calvet (1977) ainda ressalta que após receber aprovação de Meillet para levar adiante seu trabalho, Saussure também escrevera ao professor e poeta Giovani Pascoli e “(...) é por isso também que o resultado negativo da sua tentativa terá uma consequência parece que também brutal sobre as suas pesquisas”. (Ibidem: 37). Segundo o autor, o silêncio de Saussure quanto aos anagramas deve-se ao silenciamento do poeta, uma vez que ele não teria respondido às dúvidas de Saussure.

Quanto a esta questão da procura de Saussure pelo poeta, Arrivé (2007:180) observa que nos deparamos com dois silêncios: o de Saussure e o de Pascoli. Assim, a falta de resposta do poeta contribuiu para que Saussure deduzisse que aquilo que via nos anagramas era simples fruto do acaso, o que foi suficiente para silenciá-lo. Contudo, de maneira intrigante, sugeriu que talvez Pascoli pudesse não ter respondido ao questionamento agudo de Saussure, intencionalmente: “(...) Mais n’aurait-il pas voulu par le même silence sauvegarder

²⁷ Tronchet (1992: 77) partilha exatamente desta mesma visão.

une règle secrète, décryptée trop ingénieusement par um chercheur indiscret? ²⁸” (Ibidem: 180). Assim posto, Arrivé comenta a engenhosidade teimosa de Saussure, isto é, ele persistia, insistentemente, com suas investigações sobre os poemas clássicos, buscando o deciframento de suas dúvidas.

Voltemos a Starobinski (1974), pois é ele quem nos revela sobre o que aconteceu, quanto a este poeta. Ele afirma que Pascoli respondeu à carta inicial de Saussure²⁹:

A resposta de Pascoli não foi encontrada nos arquivos de Ferdinand de Saussure. Essa resposta foi sem dúvida bastante acolhedora para que Saussure se aventurasse, no dia 06 de abril de 1909, a escrever mais amplamente. Mas, a julgar pelos próprios termos de sua carta, ele deve ter recebido, no conjunto, poucos elementos encorajadores. (STAROBINSKI, 1971: 105).

Todavia, ao que parece, Pascoli realmente deixou a segunda carta sem resposta, como o afirmou Starobinski (1971: 106), com base no relato de um aluno de Saussure, de nome Gautier, que estava associado a esta pesquisa.

Vale ressaltar quanto a este silêncio de Saussure, relacionado aos anagramas e hipogramas, a sua busca pela certeza, a tentativa de descobrir se não estava aprisionado por uma ilusão, e a autoridade de colegas e poetas que atestassem suas hipóteses. Essas duas possibilidades estão a nosso ver enlaçadas, pois, para ter a certeza de que não se iludia, Saussure buscou a ajuda de outras pessoas por intermédio das cartas.

Quanto às cartas, o papel de Meillet, neste caso específico, parece ter sido o de encorajá-lo, e não de ter uma influência teórica sobre suas pesquisas. O que novamente nos leva a deduzir que as cartas de Saussure aos amigos, incluindo as que continham questões sobre suas pesquisas anagramáticas, tinham o papel de constituir um remetente, era a possibilidade de dirigir suas dúvidas, enfim, a missiva é dirigida, não importa, muitas vezes, se terá resposta, mas, primordialmente, se instaura a possibilidade de dirigir-se a outro.

Especificamente quanto à carta dirigida ao poeta, esta não foi enviada por Saussure logo no início de seu trabalho, pois ele estava investindo nestas pesquisas há mais de três anos, isto é, mesmo sem a ‘aprovação’ de uma autoridade poética. O que não impediria que a pesquisa, já em andamento, não pudesse ser afetada pela resposta do poeta. É nisto que aposta Starobinski (1971: 106) “(...) Como o silêncio do poeta italiano foi interpretado como um sinal de desaprovação, a investigação sobre os anagramas foi interrompida.” Com esta

²⁸ Mas será que ele não quer mesmo silêncio para salvar uma regra secreta, muito engenhosamente decifrada por um pesquisador indiscreto? (Tradução nossa)

²⁹ Trecho desta carta a Pascoli está transcrita nas notas, no final deste capítulo.

afirmativa, Starobinski (1974) também credita a interrupção das pesquisas anagramáticas ao silêncio do poeta.

Estas não são as únicas explicações para o silêncio de Saussure sobre suas pesquisas com os poemas clássicos. Segundo Jakobson (1990), trata-se de outra possibilidade. Em seu livro sobre poética, descreve que foi Saussure quem não quis publicar suas pesquisas sobre os anagramas e que tal ato foi justificado pelo próprio linguista:

Quanto à pretendida decisão finalmente tomada por Saussure de não publicar seus estudos sobre os anagramas, será preciso lembrar o que ele próprio disse sobre seu “talento” para interromper a publicação de seus artigos lingüísticos (...). (JAKOBSON, 1990:10).

Como é possível perceber, a proposição de Jakobson nos remete ao homem Saussure, com seu ‘costume’ em interromper seu trabalho.

No entanto, Sanders (1979:7) pode nos auxiliar com seu comentário de que Saussure, durante o período em que ministrava aulas em Genebra, ele “*en même temps il pousuit d’autres recherches i les anagrames, l’~~é~~tymologie des noms, l’~~é~~popée allemande Die Nibelungen.*”³⁰. Em outras palavras, na perspectiva de Sanders (1979), durante o período em que não publicou, Saussure esteve ocupado com os anagramas.

Essa assertiva nos remeteu a outra possibilidade de refletir sobre o silêncio de Saussure perante o mundo acadêmico, uma vez que poderia ser um lugar que sustentou sua escrita. Ou seja, os manuscritos sustentam um lugar de silêncio para Saussure, exercido pela sua escrita. Neste sentido, os manuscritos guardam uma instância de silêncio. Este lugar no qual Saussure produziu intensamente foi necessariamente um lugar de silêncio. Resguardar suas elaborações neste âmbito parece ter sido uma característica peculiar, da forma de produzir de Saussure. Entretanto, não nos parece ser uma característica específica dos manuscritos sobre os poemas clássicos, mas também dos que versam sobre as questões sobre a língua.

4.2. Os manuscritos que versam sobre a língua

Além da perspectiva de que os manuscritos de Saussure ocupam uma instância de silêncio, alguns pesquisadores, no contato com seus manuscritos, têm apontado algumas

³⁰ Ao mesmo tempo ele possuía outras ocupações – os anagramas, a etimologia dos nomes, a epopeia alemã Die Nibelungen. (tradução nossa).

questões interessantes. É o caso de Normand (2006), que em um de seus trabalhos focou um tipo de silêncio, elaborando uma análise dos brancos presentes em alguns destes textos, e constatou que mesmo estes brancos eram de ordem diferenciada: havia brancos no fim do texto, em meio a frases, letras que ficam em suspenso, espaços desproporcionais entre as palavras, no interior de uma frase ou pela ausência de uma pontuação. Afirmou que pensa nestes brancos como uma espécie de murmúrio da língua. Assim se manifesta:

L'étude philologique des blancs devrait certainement être plus systématique; je ne crois pas cependant qu'elle puisse éclairer d'un jour nouveau les difficultés théoriques de Saussure. Ce que je retiendrai, personnellement, de cette intrusion dans l'intimité de ces écrits c'est un trait qui rapproche Saussure de la plupart d'entre nous, me semble-t-il: que la pensée n'émerge que par à coups, intermittences, d'un fond sonore confus où se mêlent les discours entendus, "**les voix chères qui se sont tuées**", toute une phraséologie ancienne. Le plus souvent c'est un bruit brouillé, que manifestent aussi les hésitations de la main, rasures et ajouts (...) ³¹ (NORMAND, 2006: 90/91), grifo nosso.

Essas interrupções que Normand analisa, para nós, poderiam também ser nomeadas de silêncio, mas, neste caso, de uma nova possibilidade, seria de um silêncio em Saussure, manifesto pelos brancos em seus manuscritos. Ainda em esclarecimento em uma nota de rodapé, Normand ([2000] 2009: 13) observa que há nos manuscritos possibilidades de novas descobertas, considerando-os surpreendentes e denotando certa estranheza pelo fato de tais conteúdos não terem sido publicados por Saussure. Reporta-se da seguinte maneira a este silêncio "Neles [nos manuscritos] ainda há o que se descobrir, mesmo que permaneça o mistério desse silêncio público, incomum no mundo acadêmico. (...) " (Ibidem: 13). O que nos permite constatar que Normand ([2000] 2009) nos oferece a possibilidade de dois tipos de silêncio: o silêncio *de* Saussure em não publicar seus manuscritos, e outro tipo de silêncio, que poderíamos dizer que se relaciona ao silêncio *em* Saussure, flagrados nos brancos de sua escrita.

Orlandi (2007), em seus estudos, aborda o silêncio e elabora uma observação específica sobre o silêncio de/em Saussure. Segue o trecho na íntegra:

Ao tomarmos o silêncio como objeto de reflexão, não o fizemos sem pensar no mestre genebrino que aliou em si duas formas de silêncio. Estamos falando: a) do silêncio *de* Saussure, que não se fez autor de seu *Curso*; e b) do silêncio *sobre*

³¹ O estudo filológico dos brancos deveria certamente ser mais sistemático; não penso que ele pudesse esclarecer repentinamente as dificuldades teóricas de Saussure, o que eu me detenho, pessoalmente, dessa intrusão na intimidade desses escritos é uma característica que aproxima Saussure da maior parte de nós, parece-me que o pensamento não emerge senão por golpes intermitentes, de um fundo sonoro confuso onde se misturam os discursos ouvidos, 'as queridas vozes que se calaram', toda uma fraseologia antiga. O mais frequente é um barulho confuso, manifestado também pelas hesitações da mão, rasuras e acréscimos (...).(Tradução nossa).

Saussure, o dos *Anagramas*, que os linguistas preferem ignorar com deferência. Há ainda o silêncio *em* Saussure, quando tematiza uma certa noção de sistema (valor), ou do eixo das substituições. (ORLANDI, 2007:37)

Notemos que a autora toca em alguns silêncios: *de/em* Saussure, e no silêncio dos linguistas com relação à Saussure. No entanto, essa questão não constitui parte de nosso escopo de reflexão, todavia, essa distinção entre o silêncio *de* e *em* Saussure nos ajuda a compreender as diferentes dimensões a que nossas análises estão nos direcionando.

Conforme visto na primeira parte, iniciamos com o silêncio *de* Saussure, marcado pelo fato de o linguista não ter escrito o livro que o tornou mundialmente conhecido, e estamos apontando o silêncio *de* Saussure em relação a ele não ter publicado seus escritos. Com a pontuação de Normand, destacou-se a possibilidade de se ler o silêncio *em* Saussure, no que se refere aos brancos, hesitações, ao sem sentido que surgem em seus manuscritos. Esta é uma outra dimensão de silêncio, que queremos deixar destacada e demarcada.

Ainda quanto à afirmação de Orlandi (2007), a autora relaciona o silêncio *em* Saussure à sua noção de sistema, porém não desenvolve nenhuma das dimensões de silêncios *de/em/sobre* Saussure que cita em seu livro, pelo fato de não fazer parte de seu objetivo abordar os silêncios atribuídos à Saussure, enquanto para nós trata-se justamente de um dos nossos objetivos. Assim, até o momento, propomos permanecer com esta distinção feita por Orlandi, silêncio *de* e *em* Saussure, e avancemos no âmbito de nossas próprias reflexões.

Silveira (2007: 124-125) também trabalhou diretamente com alguns manuscritos, e enfrentou os impasses de Saussure e o mal-estar que provocam no leitor, destacando, como parte essencial de suas análises, as rasuras, os incisos e as frases inacabadas. Embora Silveira (2007) não tenha utilizado o termo ‘silêncio’, consideramos que trabalhar com o que está sob as rasuras, com frases interrompidas, com a suspensão de sentido, com o ilegível e as hesitações saussureanas é uma forma de lidar com o silêncio nos textos saussureanos. Silveira (2007) explicita que essas ocorrências “(...) mostram os impasses que constituem o ato de escrever o novo.” (Ibidem: 131), bem como aquilo que “permanece sob a barra da rasura.” (Ibidem: 143).

Neste sentido, lemos duas possibilidades de reflexão na proposta de Silveira: primeira, a referência às ocorrências das brechas no ato da escrita, pelos incisos, rasuras, hesitações, muito similar aos brancos de Normand, o que também nos remete ao silêncio *em* Saussure, e, segunda, que tal silêncio *em* Saussure nos envia, no caso de Saussure, não apenas ao ato de escrever, mas, especialmente, em escrever em ato inaugural.

Assim, quanto às nossas reflexões sobre os manuscritos, sobre os poemas clássicos e sobre as teorizações em relação à língua, podemos destacar que: a) Saussure queria ter certeza de que não estava sob uma ilusão; b) buscou o apoio de colegas e de um poeta para seu trabalho; c) interrompeu as pesquisas como sempre costumava fazer, d) os manuscritos ocupam uma instância de silêncio, e) os brancos, as rasuras, os incisos, o ilegível, o sem sentido presente nos manuscritos, flagram um silêncio *em* Saussure, e f) nos manuscritos podemos vislumbrar a ocorrência do novo na teorização de Saussure.

Dentre estas infinitas explicações sobre por que Saussure silenciou sobre o que vinha escrevendo há anos, há algumas que poderão fomentar uma reflexão mais aprofundada adiante. Trata-se do silêncio *em* Saussure: IV) no sentido das rasuras, hesitações, brancos, serem de alguma forma uma manifestação do silêncio *em* Saussure, em seu ato inaugural, em escrever algo inédito³², e V) das produções teóricas de Saussure nos manuscritos, enquanto possibilidade de discussão sobre a autoria do linguísta³³.

Entretanto, as coisas não acontecem de formas tão separadas: de um lado Saussure que não publicou e de outro debruçado sobre seus manuscritos. Seria um grave erro, fragmentar assim nosso olhar sobre Saussure. Não podemos esquecer que Saussure também foi professor. Ele estava em constante contato com seus alunos. E, a contar com o conteúdo de algumas cartas, é possível vislumbrar um nó importante, conforme podemos verificar segundo as suas próprias palavras,

*Je me trouve placé devant un dilemme: ou bien exposer le sujet dans toute sa complexité et avouer tous mes doutes, ce qui ne peut convenir pour un cours qui doit être matière à examen. Ou bien faire quelque chose de simplifié, mieux adapté à un auditoire d'étudiants qui ne sont pas linguistes. Mais à chaque pas, je me trouve arrêté par des scrupules (...)*³⁴ (Saussure in GODEL, 1969: 30).

Parece-nos que o trecho desta carta denuncia um drama que vivenciava Saussure, ou melhor, uma trama, no sentido de se preocupar em aliar suas pesquisas – seus manuscritos - com as aulas que ministrava na Universidade de Genebra. Esta trama, exposta por esta carta, sustenta o seguinte questionamento: as pesquisas de Saussure ficaram secretas também para seus alunos? Para o grande público, sabemos que apenas com a publicação do CLG é que foi

³² Ver capítulo 4, item 2.

³³ Ver capítulo 3, parte 3.

³⁴ Encontro-me diante de um dilema: ou bem expor o assunto em toda a sua complexidade e confessar todas as minhas dúvidas, o que não pode convir para um curso que deve ser matéria de exame. Ou fazer algo simplificado, melhor adaptado a um auditório de estudantes que não são linguistas. Mas a cada passo, me vejo retido por escrúpulos (...) (Saussure in GODEL, 1969: 30). (tradução nossa).

possível conhecermos seu ensinamento. Eis aí um nó fundamental: se o CLG é, de certa forma, resultado das aulas, então, Saussure teria levado suas pesquisas para seus alunos? É esse o nosso foco sequencial da discussão.

5. A docência de Saussure: um toque de autoria

Antes de prosseguirmos na questão do silêncio *de* Saussure para com seus alunos, trataremos abreviadamente um pouco sobre Saussure como professor. No ano de 1881 Saussure substituiu Bréal, na *École des Hautes Étude*, em Paris. Mesmo a convite para permanecer no Colégio Francês em 1891, retornou à Genebra, onde foi criada para ele uma cadeira de sânscrito e de línguas indo-europeias, e ensinou: história, fonologia, gramática, lexicologia, dialetologia, linguística geográfica, história da versificação francesa e literatura alemã. Posteriormente, em 1907, também assumiu três cursos intitulados de ‘Linguística geral’ (BOUQUET, 2004:62).

Túlio de Mauro (1974:336) ressalta que devem sobressair em primeiro plano os dons pedagógicos de Saussure, antes de se pensar no que ele significou para a linguística. Este autor sugere a força da pessoa do professor Ferdinand de Saussure e, conseqüentemente, no encantamento de seus alunos.

Normand ([2000] 2009: 14) assegura que Saussure foi um professor que parecia encantar os alunos que lhe cercavam; em suas palavras,

O auditório ficava em suspenso por esse pensamento em formação que se criava à sua frente e que, no momento em que se formulava da maneira mais rigorosa e mais atraente, colocava em espera uma fórmula mais precisa e mais atraente ainda. **Sua pessoa fazia amar a ciência.** (formulação acerca das aulas de Saussure. Meillet apud NORMAND, [2000] 2009: 14) (Grifos nossos).

Ela nos fornece, assim, a imagem de um didático que era reconhecido pelos alunos. Em outro livro, Normand ([2006] 2009), em uma nota de rodapé, comenta uma informação de Fehr acerca deste professor justificando que, apesar da ausência de publicações, ele fora único: “A essa discrição, associada frequentemente ao isolamento no qual o mantinham ideias novas demais para serem ouvidas, pode-se opor a lembrança que ele deixou como um professor fascinante (...)” (J. Fehr (2000) apud NORMAND, [2000] 2009:14), o que vem reforçar a ideia de Saussure como professor querido entre os alunos.

Silveira (2007:119-120) também assevera que “Há, no meio acadêmico que Saussure frequenta unanimidade a respeito das suas qualidades intelectuais, do seu brilhantismo e da sua dedicação à docência. (...)”. O encantamento, a força, o brilhantismo, o professor fascinante, será que todos estes atributos aos quais se referem estes autores, poderiam justificar a causa do resultado do CLG? Saussure teria contagiado seus alunos? A própria forma de produção do CLG teria uma dupla implicação: a identificação dos alunos com Saussure, e, em consequência para sua autoria no CLG?

Calvet (1977: 43) acrescenta que Saussure “(...) nunca fala de pesquisas nos seus cursos (e o termo *anagrama* não aparece no CLG), (...)”. Para este autor, o silêncio *de* Saussure refere-se ao fato de este professor ter trabalhado nos anagramas e hipogramas com uma produção de 150 cadernos redigidos entre os anos de 1906 e 1909, época em que ministrava o Curso de Linguística Geral sem, no entanto, ter abordado tal assunto com seus alunos. Esta afirmação seria, portanto, do silêncio *de* Saussure para com seus alunos, especificamente com relação aos anagramas e hipogramas³⁵.

Lacan (2009) também faz um comentário sobre o silêncio *de* Saussure para com seus alunos, ao dizer que se parecia com Saussure e reportou-se ao fato de haver aspectos teóricos nos manuscritos saussureanos que não haviam sido mencionados aos seus alunos, conforme o trecho abaixo:

Faço desse significante um uso que incomoda os linguistas. Já houve quem escrevesse linhas destinadas a deixar claro que Ferdinand de Saussure sem dúvida não fazia a mínima ideia dele. Como é que vamos saber? Ferdinand de Saussure fazia como eu, **não dizia tudo**. Prova disso é que se **encontraram em seus papéis coisas que nunca foram ditas em seus cursos** (LACAN, 2009:14). (Grifo nosso).

Como é possível notar, Lacan não especifica que coisas são essas, encontradas nos manuscritos de Saussure que não foram ditas aos alunos, embora reforce o fato de haver um silêncio *de* Saussure.

Assim, de acordo com os autores, é possível afirmar que quanto ao silêncio *de* Saussure em relação aos seus alunos, a) ele silenciou sobre os anagramas e hipogramas, e, b) ele silenciou sobre algumas partes de sua teorização, embora não especifique quais.

Perguntamo-nos se ao fato de no CLG não ter tudo o que se encontrou em seus manuscritos, inclusive suas pesquisas com os poemas clássicos, é um indicativo de que ele silenciou? Starobinski (1974) citou Gautier, um dos alunos de Saussure, envolvido nas

³⁵ Arrivé (2007:92) compartilha desta mesma visão de Calvet, em sua concepção, este silêncio é indiciado pelo fato deste tema não ter surgido no CLG, assim, Saussure teria trabalhado em silêncio nos anagramas enquanto praticava docência (Ibidem: 175).

pesquisas anagramáticas, o que pode ser um indício de que pelo menos este aluno sabia de seus estudos com os poemas clássicos. Este silêncio atribuído a Saussure é muito delicado. Primeiro, porque podemos nos inquirir: O que seria dizer tudo? Quem diz tudo? A vontade de tudo conhecer de suas pesquisas não estaria do lado dos leitores de Saussure?

Esta proposição do silêncio *de* Saussure para com seus alunos pode nos guiar a uma dimensão do silêncio *em* Saussure, no sentido mesmo, de que ninguém diz tudo, há sempre um resto, há sempre um resto de uma operação. Em nossa concepção não há como dizer tudo, porque não há como saber tudo de si mesmo. Esta é outra dimensão de silêncio *em* Saussure que iremos discutir no quarto capítulo.

Todavia, o fato de não dizer tudo a seus alunos não impediu que uma obra fundadora fosse editada em seu nome. Isto nos faz pensar que, embora haja silêncio *de* Saussure para com seus alunos, em contrapartida, ocorreu uma transmissão de seu ensino. Talvez esse professor admirável tenha alcançado uma identificação importante com seus alunos, e a própria existência do CLG confirmaria que a transmissão de seu ensino foi realizada. Pensamos em transmissão, no sentido de algo ecoar no devir, naquilo que a falta produz, no que a hiância repercute. Não se trata de transparência no ensino de Saussure, é justamente o que a falta produz e seus ecos num a posteriori, uma vez que, ao que tudo indica, nem Saussure, nem os alunos, tiveram clareza sobre o recorte epistemológico que as teorizações saussureanas produziram. Neste sentido, a própria existência do CLG seria a confirmação da autoria de Saussure? Esta nos parece uma questão fundamental, para uma reflexão mais aprofundada³⁶.

Em suma, o silêncio *de* Saussure para com seus alunos nos direcionou para outros pontos, que iremos discutir adiante, são eles: VI) há silêncio *em* Saussure no sentido de que ninguém diz tudo, e, VII) a existência do CLG denuncia que houve uma transmissão de seu ensino, o que pode fomentar nossa discussão em torno da autoria de Saussure sobre este livro.

Após tantos silêncios creditados a Saussure - como dito inicialmente - há quase um século, não poderíamos deixar de afirmar que, na verdade, quem primeiramente anunciou algum tipo de silêncio foi o próprio Saussure. Ele mesmo reconheceu um silêncio de sua parte, apesar de não esclarecer exatamente a que se referia.

³⁶ Ver capítulo3, parte 2, item 1.

6. O silêncio autocreditado por Saussure

Deixamos para o final deste capítulo um item que nos interroga e instiga, a saber, o silêncio nomeado pelo próprio genebrino, conforme se expressa em uma carta a Louis Havet, quando em 1910 foi eleito membro correspondente do *Institute de France*: “É verdadeiramente assustador sentir atrás de mim meus **30 anos de silêncio**, face a alta distinção que parece querer recompensar meu trabalho científico.” (Saussure citado por G. Redard, *Bulletin de La Société de Linguistique de Paris*, 1976:348, apud BOUQUET, 2004: 63) (nota de rodapé - ênfase nossa).

Esta colocação data de 1910, o que nos leva a sugerir que se trata de um silêncio entre os anos de 1880 e 1910. Mas, a respeito de que silenciara Saussure? Nesta afirmação, não é possível sabermos a que se referia, se à ausência de publicações dos anagramas e hipogramas, de seus manuscritos sobre linguística geral, se do que ainda desejaria escrever, ou se de tudo isso, ou a nada disto. Quem sabe, ainda, a outra coisa, não suspeitada por seus exegetas.

Neste sentido, este silêncio extremamente enigmático, levantado pelo próprio Saussure, de certa maneira, indica que há realmente algumas possibilidades de se pensar em silêncios relacionados ao linguísta.

Assim, queremos retomar e mostrar que o silêncio *de* Saussure, de acordo com os autores, muitas vezes, circulou na tentativa de explicar o motivo de tal silêncio e percebemos que se ficássemos neste campo de conjecturas não avançaríamos em nossa discussão. Entretanto, as constatações e observações dos autores também conduzem para suas inquietações sobre o silêncio *de* Saussure, e foi justamente, a partir de tais inquietações, que pudemos efetuar um passo a mais nesta discussão.

Dessa forma, prosseguimos nosso percurso, porém, resguardando algumas questões preciosas que as reflexões sobre o silêncio *de* Saussure nos direcionaram, entre elas, um caminho a seguir sobre a autoria de Saussure e que retomamos na íntegra: I) como Saussure não publicou o texto do CLG, ele seria ainda assim, autor desse livro?; II) as teorizações presentes em tal livro podem nos guiar nesta questão de autoria?; V) as produções teóricas de Saussure nos manuscritos, enquanto possibilidade de discussão sobre a autoria do linguísta; e, VII) a existência do CLG, denuncia que houve uma transmissão de seu ensino, o que pode fomentar nossa discussão sobre a autoria de Saussure.

Além disso, o silêncio *de* Saussure também nos direcionou para uma possibilidade de reflexão sobre o silêncio *em* Saussure, questões as quais reproduzimos: III) a chamada exclusão saussureana do sujeito falante seria um silêncio deste linguísta?; IV) no sentido das

rasuras, hesitações, brancos, serem de alguma forma uma manifestação do silêncio *em Saussure*, em seu ato inaugural, em escrever algo inédito; VI) há um silêncio *em Saussure* no sentido de que ninguém diz tudo.

Percebemos que o silêncio *de Saussure* imbrica fortemente, de um lado, na questão da autoria, pois se refere ao fato de Saussure não ter publicado o CLG, não ter publicado seus manuscritos, não ter dito tudo a seus alunos, e ainda assim, terem editado um livro em seu nome.

Por outro lado, também afeta diretamente o silêncio *em Saussure*, no sentido de tocar no silêncio presente na teorização do linguísta, possível de ser vislumbrado pelas rasuras, brancos, hesitações, isto é, pela própria maneira de teorizar deste genebrino.

Quanto ao silêncio autocreditado pelo próprio Saussure, deixemo-lo, por enquanto, à parte dessas nomeações, e vejamos se em nossas análises e reflexões ele pode nos direcionar a alguma reflexão importante.

Enfim, as inquietações sobre o silêncio *de Saussure* fizeram parte de nossa trajetória inicial, além de ser o lugar de onde nos direcionamos tanto para a autoria, quanto para o silêncio *em Saussure*, questões estas, bases fundamentais para as reflexões posteriores.

Capítulo 2

Bases teóricas para as análises e discussões sobre silêncio e autoria

O que um dia eu vou saber, não sabendo eu já sabia.
(Guimarães Rosa, 1985: 130).

1. Introdução

Neste capítulo, nosso principal intuito é avançar nas questões específicas sobre a autoria e o silêncio em Saussure. Assim, apresentamos, primeiramente, o silêncio no sentido mais comum; em seguida, realizaremos uma discussão pela via da análise do discurso. No intuito de ampliarmos a reflexão sobre o silêncio, adentraremos no campo da psicanálise, sob uma perspectiva freudo-lacaniana deste tema, além de assumirmos uma postura que considera a noção sobre o sujeito do inconsciente. Em seguida, apresentaremos os pilares que nos nortearão nas discussões sobre a autoria em Saussure.

2. Bases para uma reflexão sobre silêncio

O termo ‘silêncio’ pode corresponder a vários significados. Segundo o Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa (1955: 469), ‘silêncio’ origina do latim *silentiu*, ou *silentium*, derivado do verbo *silere*, que significa: “que se cala”, “silencioso”, “calmo” ou “que está em repouso”.

‘Silêncio’ ainda pode significar, conforme o dicionário de Houaiss (2001: 2570), ausência completa de qualquer tipo de ruído; abstenção ou recusa da pessoa de falar ou de expressar seus pensamentos, sendo este o estado de quem se cala. Também, o termo pode se referir à abstenção de escrever, à taciturnidade e à discrição. Ainda pode estar relacionado à interrupção de ruído. Do mesmo modo pode estar atribuído a um estado de calma, paz e de inação. Finalmente, trata-se de suspensão que a pessoa faz em seu discurso quando fala.

Além desses sentidos, o termo silêncio pode adquirir outros significados, segundo a área em que o tome para reflexão, como por exemplo: a religião, a filosofia, a arte, a literatura, a psicanálise, a poesia, a linguística, a psicologia, entre outras³⁷.

Nosso objetivo é direcionar a reflexão sobre o silêncio relacionado a Ferdinand de Saussure, abordando o tema sob a perspectiva da linguística, no âmbito da análise do discurso, em especial com os estudos de Eni Orlandi, uma vez que se trata de um livro com questões interessantes, cujo tema central é o silêncio e, ainda, por ser geralmente fonte de pesquisa e discussão para outros estudiosos.

2.1. Uma perspectiva de silêncio pela Análise do Discurso: reconhecimento e delimitação do tema

O livro de Orlandi, intitulado *“As formas do silêncio: no movimento dos sentidos”*, centraliza especificamente a questão do silêncio. Segundo a autora, para se compreender a linguagem, é preciso entender o silêncio, pois em sua concepção, o homem está fadado a significar sempre, com ou sem palavras (ORLANDI, 2007: 29).

Para trabalhar a questão do silêncio, Orlandi (2007:31) propõe que se pense sem oposições ou binarismos, ou seja, pela via do discurso pode-se chegar a um silêncio enquanto excesso e não enquanto falta, em suas palavras, “Na perspectiva que assumimos, o silêncio não fala. O silêncio *é*. Ele *significa*. Ou melhor: no silêncio o sentido *é*.” (Ibidem: 31). Desta forma, propõe-se a trabalhar com uma versão otimista do silêncio e não com a consideração de que o silêncio é algo negativo, ou uma falta ou vazio, pois assim, em suas análises, discernirá traços do trabalho do silêncio em diferentes discursos, já que o silêncio só poderia ser compreendido ao se explicitar o modo pelo qual ele significa.

Considerando a proposição de Orlandi (2007), o silêncio é matéria fundante, não sendo, assim, nem forma nem substância. Sob essa visão, o silêncio tem primazia sobre as palavras, ou seja, “(...) o silêncio é a matéria significante por excelência, um “*continuum* significante” (Ibidem: 29), de tal forma que para compreender a linguagem é preciso compreender o silêncio.

³⁷ Podemos citar, a título de exemplo, como referência na filosofia o livro de Ludwig Wittgenstein, intitulada *‘Logisch-Philosophische Abhandlung’* (Tractatus Lógico-Philosophicus), e na psicanálise, o livro de Jaun-David Násio, produzido após a realização de um seminário psicanalítico em Paris, que versou sobre o tema silêncio, e cujo livro intitulou, ‘O Silêncio na Psicanálise’, de forma que o autor reúne alguns trabalhos de diferentes psicanalistas que abordaram o tema.

Vale destacar que no posicionamento de Orlandi (2007), sua concepção de silêncio aparece como algo positivo, um espaço para se desdobrar outras possibilidades de sentido, diferente do que foi visto anteriormente em relação à inquietação dos autores quanto aos silêncios *de* Saussure exatamente por possuírem uma conotação negativa, no sentido do silêncio *de* Saussure ser algo prejudicial neste entorno da fundação da linguística e do estruturalismo.

Entre as propostas de Orlandi (2007), consta uma análise sobre silêncio e censura. Seu interesse é, sobretudo, o Discurso da Resistência, o silêncio do oprimido, como forma de oposição ao poder. Os objetos de sua análise são jornais e textos de canções, especialmente as músicas que pertenceram à MPB, fazendo algumas referências à imprensa, na situação de censura imposta pelos militares durante o período ditatorial do Brasil, a partir do ano de 1964.

Orlandi (2007) considerou a censura enquanto fato de linguagem, que produz efeitos de sentido, entre sentidos permitidos e proibidos no sujeito, a partir de um princípio da análise do discurso: “dizemos o mesmo para significar outra coisa e dizemos coisas diferentes para ficar no mesmo sentido” (Ibidem: 94). Ainda afirma que há a censura local que se refere ao traço do que é formulável, mas proibido em certas condições; e a censura da interdição do impossível, que toca a dimensão da história: é o historicamente não dizível.

Com a censura proibindo a circulação de certos sentidos, Orlandi (2007:113) mostrou que, mesmo quando os autores diziam apenas o que era permitido pela censura, é possível notar que no discurso da resistência “(...) dizem o “mesmo” para dizer “outro” sentido.” (Ibidem: 112). Nestas análises, Orlandi (2007) ainda argumentou que, nos jornais que continham notícias censuradas, ficava um vazio no lugar da informação proibida. Os vazios (chamados pela autora de silêncio) eram visíveis demais como signos de censura, o que fez com que fossem proibidos, e os editores dos jornais foram obrigados a preencher todas as páginas, ou seja, suprir todos os vazios.

A partir desta reflexão, a autora concluiu que o silêncio fica comprometido com o sentido “ditadura”, pois

No deslocamento para o não-dito parece, pela censura, que o não-dito é só um: a ditadura. Ela cobre todo o espaço do não-dito. Isso tira um pouco do movimento possível, do não-um do silêncio. Eu diria que sobra menos não-dito, menos silêncio. O gesto da censura lesa o movimento da identidade do sujeito na sua relação com os sentidos. (ORLANDI, 2007: 130)

Em outras palavras, já que o silêncio, nesta concepção, é o lugar do movimento, da possibilidade dos sentidos, a proibição do dizer que é promovida pela ditadura, prejudica

assim os sentidos. No entanto, a autora relembra que o silêncio é fluídico, assim, o movimento dos sentidos se reinstala rapidamente. Desta forma, “(...) não há censura completamente eficaz: os sentidos escapam e pegam a gente a seu modo.” (Ibidem: 131), isto é, na interdição de sentidos, já estão os sentidos outros.

Esta reflexão de Orlandi nos direcionou a uma das considerações dos autores Jakobson (1990) e Benveniste (2005)³⁸, e que, segundo nossa leitura, trata-se de um silenciamento realizado pelos mestres na época em que Saussure ainda vivia. Mesmo que não tenha ocorrido um silenciamento ostensivo, como acontece nos casos das ditaduras, estes dois autores acreditam que, questões ideológicas e a verdade dos cientistas naquele momento histórico teriam exercido a força de silenciar Saussure.

Se uma censura embasada nas pesquisas científicas à época de Saussure conseguiu realmente censurar suas publicações, a afirmação de Orlandi de que a censura não é eficaz é perfeitamente pertinente. Asseguramos isto, porque se a força do ambiente ideológico silenciou as publicações de Saussure, todavia, não o impediu de continuar a trabalhar, pesquisar, ensinar e escrever. Ou seja, similar ao que acontece em ambientes de ditaduras, o silêncio para este linguista foi um espaço para a ocorrência de outros sentidos. Desta maneira, o silêncio foi um lugar de produção, já que, em âmbito privado, ele não interrompeu seus estudos. Diferentemente aconteceu com Freud, que frente à resistência dos seus contemporâneos com relação aos seus textos, ainda assim, escreveu muito e continuou suas pesquisas.

Ainda vale indicar outra análise da censura (ORLANDI, 2007: 134-147), realizada no âmbito da autoria nos meios acadêmicos³⁹, enfocando discentes em relação aos docentes, ou de colegas em relação a outros colegas, que se autorizam a não se referirem às ideias já ditas. Nomeou este fato como meio-plágio, por ter um viés de origem, embora não sejam cópias.

Para esta análise, Orlandi (2007) se amparou no chamado interdiscurso; em suas palavras

(...) Toda fala resulta assim de um efeito de sustentação no já-dito que, por sua vez, só funciona quando as vozes que se poderiam identificar em cada formulação particular se apagam e trazem o sentido para o regime do “anonimato” e da “universalidade”. Ilusão de que o sentido nasce ali, não tem história. (ORLANDI, 2007: 136).

³⁸ Ver capítulo 1, parte 3.

³⁹ A autora possui um artigo intitulado Silêncios: presença e ausência onde retoma este enfoque do silêncio, ver Orlandi (2008).

Além disso, apoiou-se na questão do silêncio constitutivo do dizer, do apagamento de outras vozes, de forma que, quando eu digo, tenho a ilusão que digo a partir de mim mesma, “(...) é um silenciamento necessário, inconsciente, constitutivo para que o sujeito estabeleça sua posição, o lugar de seu dizer possível.” (Ibidem: 136). Com estas duas condições iniciais, o interdiscurso e o silenciamento necessário constitutivo, promoveu suas reflexões.

Destacamos do posicionamento de Orlandi (2007) que o meio-plágio não se trata do necessário silêncio constitutivo, pois se joga com “(...) o princípio de autoria, trazendo-a indevidamente para si. O enunciador, que repete e apaga, toma o lugar do autor.” (ORLANDI, 2007: 138). Para esta autora fazer ciência pelo meio-plágio, é uma forma de censura do outro, porque lhe nega a voz, e paradoxalmente e mais profundamente, ocorre uma censura a si mesmo, pois “(...) ao silenciar a origem da ideia que trabalha, ele censura, porque produz um mecanismo que desconhece que os sujeitos e os sentidos significam de outras maneiras. Estanca assim o fluir histórico do sentido.” (Ibidem: 140). Essas ideias, ao se fingirem de novas, para aqueles que já as tinham ouvido, soam como velhas e, conseqüentemente, faz com que não progrida a reflexão, pois não promove deslocamento.

Sobre este mesmo tema do meio-plágio, Orlandi (2007) ainda assevera que é uma forma ideológica de apagamento da materialidade histórica do dizer, é a negação da memória, e, sendo uma negação da história, individualiza a memória e perde a capacidade de, ao retomar, deslocar, empurrar os sentidos para outros lugares, em suas palavras

(...) parece antes ser uma forma de o velho se fingir de novo. Nesse caso, as palavras, ao sofrerem essa forma de apropriação, ricocheteiam nessas “novas” produções e aingem o autor em sua ressonância, [] De todo modo não produzem movimento de sua contemporaneidade. (ORLANDI, 2007: 141).

Isso coloca o meio-plágio como simples efeito de comentário, perdendo sua capacidade de possibilitar novas reflexões (Ibidem: 144). Esta análise promoveu a constatação de que a censura também ocorre entre iguais, neste caso, no meio acadêmico, entre pesquisadores.

Esse posicionamento de Orlandi (2007) remete-nos à própria condição de existência do CLG, ou seja, este livro foi escrito pelos alunos, Bally e Secheyay. Tal fato poderia nos indicar, de antemão, o meio-plágio dos editores? Não nos parece, porque há uma diferença fundamental, que devemos levantar e que se refere ao fato de que os editores são explícitos quanto à autoria do CLG, de tal forma que não apontam trechos do texto do livro, que seriam

reflexões ora dos editores ora de Saussure, isto é, deixam anunciado que o livro é fruto do ensino do professor.

Em suma, para Orlandi (2007: 89) “O silêncio intervém como parte da relação do sujeito com o dizível, permitindo os múltiplos sentidos ao tornar possível ao sujeito a elaboração de sua relação com outros sentidos” e, desta maneira, o silêncio faz parte da constituição do sujeito e do sentido. O silêncio é a relação do sujeito com a linguagem, ou seja, da articulação de diferentes formações discursivas e de seus deslocamentos.

Orlandi (2007: 152-153) ainda enfatiza que não se pode compreender o funcionamento da linguagem, sem compreender o estatuto do silêncio nos processos de significação, já que o silêncio é uma garantia necessária do sentido. Mesmo quando não é a linguagem, no que se refere aos sentidos, não se trata do nada, trata-se do silêncio. Em suas palavras: “Não se pode pensar o sentido sem silêncio. Todo sentido é capaz de silêncio. Não há, diríamos, parafraseando Milner, língua sem poesia e (sentido) sem silêncio.” (Ibidem: 166), enfim, em sua perspectiva, o silêncio é a instância em que o movimento se realiza para a produção de sentidos, e ainda, não há sentido sem silêncio, este é prenhe de sentidos. O silêncio tem sua materialidade estabelecida entre o dizer e o não-dizer, o silêncio é *per si* o lugar dos sentidos (Ibidem: 166).

Desta forma, Orlandi (2007) toca em nossas reflexões, e contribui para que possamos pensar nos silêncios *de* Saussure pela via dos sentidos possíveis, por uma ‘via otimista’, como ela mesma afirmou, de produção de sentidos. Esta é uma concepção da linguagem que toma o silêncio como constitutivo, que concebe o silêncio como o próprio lugar dos sentidos.

No entanto, interessa-nos ir adiante, e verificarmos se há outras maneiras de se conceber o silêncio. Assim, destacamos autores que no primeiro capítulo tomaram o silêncio *de* Saussure sob uma perspectiva negativa, e, com Orlandi, discutimos o silêncio sob a via positiva, sob a via da possibilidade múltipla dos sentidos. Contudo, pretendemos avançar um pouco mais em nossas reflexões, e partirmos de uma suspensão de qualquer sentido que se possa atribuir ao silêncio, seja ela positiva ou negativa, de falta, ou de vazio.

Neste sentido, acreditamos que a perspectiva psicanalítica possibilita que o silêncio compareça em nossas reflexões sem pré-condição, pois parte do pressuposto de um sujeito do inconsciente, passível de hiências, brechas, surpresas, do não-saber. Assim, descreveremos a seguir a noção de silêncio, com a qual realizaremos nossas reflexões.

2.2. O silêncio sob o enfoque da psicanálise

A psicanálise é a nossa veia de sustentação para as discussões que apresentaremos no decorrer desta dissertação, e, embora o psicanalista francês Jacques Lacan não tenha uma obra específica dedicada ao tema silêncio, realizamos alguns recortes que nos permitirão pensar a questão do silêncio *de/em* Saussure.

No Seminário 14, ‘A Lógica da Fantasia’, Lacan descreveu que

(...) *tacare* no es *silere*, y, sin embargo, es ese recurso a una frontera oscura. Escribir, como se lo ha hecho, que es vano buscar en mis *Escritos* cualquier alusión al silencio, es una estupidez. [] Pero si no he hablado en absoluto del silencio es porque **sileo** no es **taceo**. El acto de callarse no libera al sujeto del lenguaje a pesar de que la esencia del sujeto culmine en este acto; si ejerce la sombra de su libertad, el callarse permanece cargado de un enigma (...).⁴⁰ (...) (LACAN, 1966: 77)

É possível notar que Lacan (1966) propõe uma distinção entre *silere* e *tacare*, de tal forma que, ao fato do sujeito se calar, isso não o libera da linguagem, pois não falar, ou silenciar, mantém ainda assim o sujeito na linguagem. Ou seja, o ato de não falar, não quer dizer que não haja nada, pois o sujeito também está nas palavras não ditas.

Esta afirmação de Lacan nos conduz a um ponto de nossa questão, ou seja, o fato de Saussure não ter levado suas reflexões ao grande público parece-nos uma manifestação de *tacare*, o que não quer dizer, que ele estivesse libertado da sentença da linguagem. Além disso, como já visto, os silêncios *de* Saussure, atribuídos pelos autores e que tanto os inquietaram, referem-se ao *taceo*.

Quanto ao *sileo*, para Lacan (1966:77), está relacionado às pulsões, é o que ele denomina como silêncio, não este silêncio mais vulgarmente conhecido – que ele nomeia de *tacare* – mas, a outro tipo de silêncio, que tem a ver com as pulsões do sujeito, com um discurso que não se apresenta. Isto nos leva a sugerir que o fato de Saussure não ter publicado suas ideias é o silêncio mais visível, porém, não é o único a se considerar. Parece-nos que Lacan enfatiza e privilegia o *sileo*, justamente por estar relacionado às pulsões.

Em nossa perspectiva, defendemos que é possível relacionar o *sileo* ao que até então havíamos nomeado como o silêncio *em* Saussure, ou seja, acreditamos que o *sileo* pode ser detectado nas hiências, brechas, rasuras, brancos dos manuscritos de Saussure, e quiçá, em

⁴⁰ *Tacare* não é *silere*, e, no entanto, esse recurso é uma fronteira obscura. Escrever, como se tem feito, que é vão buscar em meus *Escritos* qualquer referência ao silêncio, é uma estupidez. [] Mas se não falei em absoluto, do silêncio é porque **sileo** não é **taceo**. O ato de calar-se não libera o sujeito da linguagem, apesar da essência do sujeito, neste ato, se exercer à sombra de sua liberdade, o calar-se permanece carregado de um enigma (...) (tradução nossa)

sua própria teorização, conforme nosso intuito no quarto capítulo. Se o silêncio *de* Saussure se relaciona ao *tacare*, o silêncio *em* Saussure, pelas manifestações nos manuscritos e na teorização de Saussure, poderá nos conceder a possibilidade de se entrever o sujeito do inconsciente, ou seja, o *sileo* apresenta-nos outras possibilidades de lidarmos com o silêncio, pois é de ordem pulsional.

A pulsão é um termo importante relacionado ao inconsciente, e foi elaborada ao longo da obra de Freud. Em suas palavras, “Definir *Trieb* [pulsão] como “conceito de fronteira entre o somático e o psíquico” seria tão reducionista quanto afirmar que *Trieb* é uma “força química” ou que é “um *Bedürfnis* [necessidade/carênica].” (FREUD, 1915: 143). Desta forma, sugere que pensemos em pulsão como o “(...) estímulo pulsional [que] não provém do mundo externo, mas do próprio interior do organismo. [] A pulsão, ao contrário, nunca age como uma força momentânea de impacto, mas sempre como uma força constante.” (Ibidem: 146). Esta força, ou melhor, a pulsão é representada no psiquismo, em função da relação direta entre corpo e psiquismo.

Não é nosso objetivo e pensamos mesmo que não é possível, no âmbito de um trabalho como este analisar Saussure, talvez fosse desnecessário dizê-lo, mas é importante reafirmar limites que nem sempre são facilmente encontrados. Nossa proposta é refletir sobre o trabalho de Saussure, e, com base em suas teorizações, vislumbrarmos traços de algum tipo de silêncio que nos remeta ao *sileo*, a um silêncio pulsional, que tem relação com o sujeito do inconsciente, não pelo que ele não disse, ou seja, não pela via do *tacare*, e sim por algo que manque, algo da ordem da surpresa, da interrupção, do enigmático.

Em outras palavras, nos dedicarmos à questão do silêncio em Saussure é atestar que há em nós um saber que não sabemos, que nos constitui e que não conseguimos dizê-lo todo, embora possamos ser, por este saber, interpelados, e assim, dizer dele sem que o saibamos, “(...) eu falo sem saber. Falo com o meu corpo, e isto, sem saber. Digo, portanto, sempre mais do que sei.”, segundo atesta Lacan ([1972-73] 2008: 127). Trabalhar sob a perspectiva do sujeito do inconsciente será nosso orientador para refletirmos sobre o silêncio *em* Saussure, sobre o que estava para o próprio genebrino, como enigma, muito próximo à epígrafe deste capítulo⁴¹, trata-se de um saber que nem ele mesmo sabia.

⁴¹ Como a referência está distante, a reproduziremos: “O que um dia eu vou saber, não sabendo eu já sabia.” Guimarães Rosa (1985: 130).

2.2.1 Noção de sujeito: uma proposta pela psicanálise

Considerando que trataremos do silêncio em Saussure, focando especialmente o *sileo*, é válido frisar que consideramos a proposição da psicanálise do sujeito do inconsciente, sob uma perspectiva freudo-lacaniana.

Sigmund Freud, neurologista, austríaco (1856/1939), é considerado o pai da psicanálise, uma vez que com ele o conceito de inconsciente recebeu um sentido muito diferente de seus predecessores. Em Freud, o inconsciente não é a simples ausência da consciência, não é a noite, ou o vazio, ou lugar de divindades ou romantizado, o inconsciente recebe um novo estatuto, e este fundamento se torna um dos pilares essenciais em sua obra, e tal conceituação foi retomada e sofreu modificações ao longo das pesquisas desse autor, podendo ser encontrado em vários textos, ao longo dos anos, de suas inúmeras publicações.

Ressaltamos ainda que a conceituação de inconsciente em Freud é o fio condutor de seu trabalho, e que sua construção deriva da prática psicanalítica e da tentativa de descrever o processo a partir da análise, lugar em que o autor salienta a importância da fala.

Em nenhum momento, Freud faz alusão a um ‘sujeito do inconsciente’ como conhecemos na contemporaneidade, entretanto, todo o arcabouço teórico que possibilitou essa nova nomenclatura encontra-se nestes textos sobre o inconsciente. Ademais, Freud deixa claro que todo seu trabalho é uma tentativa de aproximar-se “(...) do segredo ainda velado da natureza do psíquico”. (FREUD, 1938: 177).

Quanto a Lacan (1901-1981), foi um psiquiatra e psicanalista francês, em seus seminários, constantemente nos convida a empreendermos um retorno ao pai da psicanálise, para entendermos aprofundadamente seu ensino. No seminário dos quatro conceitos fundamentais em psicanálise, Lacan admite que a natureza oferece significantes que organizam estruturalmente as relações humanas, e, antes que alguém se faça sujeito, ele é contado por um outro anterior, por um contador, e somente depois de ser contado é que o sujeito se reconhece ali, onde fora contado. Em suas palavras, “o inconsciente é estruturado como uma linguagem” (LACAN, [1972-73] 2008: 27), isto quer dizer que há um anterior ao sujeito que fala, há algo que o estrutura.

Lacan ([1972-73] 2008) sugere que Freud não explicou se o inconsciente é o que determina a neurose, mas abordou a questão da hiância que se apresenta no sujeito, e é exatamente onde esta hiância se produz que Lacan quer introduzir o domínio do significante. Desta maneira, Lacan destaca como Freud se dirigiu pelos atos falhos, chistes e sonhos para abordar o inconsciente, justamente por aquilo que provoca rachadura, desfalecimento de

alguma coisa que causa surpresa no sujeito, e que tem relação com o inconsciente. O ‘isso’ pensa antes do sujeito e este se sente ultrapassado, porém, quase que de imediato, esse achado instaura novamente uma dimensão de perda. (Ibidem: 32). Neste sentido, o sujeito na psicanálise, nesta perspectiva, está sempre indeterminado, imprevisível.

Em Lacan pudemos vislumbrar sua proposta da primeira letra, a letra pura que constitui o inconsciente, o significante primevo, para compreendermos por que o inconsciente em Lacan tem explicitamente existência a partir da linguagem e pela linguagem, mas que, o significado, ou o sentido não tem um lugar privilegiado na teorização da psicanálise. Enfim, nas palavras de Lacan

Se o que Freud descobriu e redescobre num escarpado cada vez maior, tem um sentido, é que o deslocamento do significante determina os sujeitos nos atos, nos destinos, nas recusas, nas cegueiras, nos sucessos e na sorte, não obstante seus dons inatos e seu crédito social, sem consideração para o caráter ou o sexo, e que, quer queira quer não, seguirá o curso do significante com armas e bagagens, tudo o que é do dado psicológico. (LACAN, [1956] 1996, 37).

Assim, como o excerto pode confirmar, interessa-nos a concepção de sujeito que não é o da razão, o senhor de si, mas sim, o sujeito que aparece nas rachaduras, nas fissuras, nas hiências, no não sentido, ou seja, interessa-nos considerar o conceito de sujeito do inconsciente, conforme o propuseram Freud e Lacan, para realizarmos nossas reflexões sobre a autoria e o silêncio *em* Saussure.

Para nós, trabalhar considerando a concepção do inconsciente é a possibilidade de ver na teorização saussureana, seja no CLG, ou nos próprios manuscritos, a elaboração de Saussure se realizando, sem contar com a necessidade de oferecer o tempo todo sentidos para o que apareça nestes materiais, é justamente a possibilidade de dar reconhecimento ao inesperado, ao inacabado, sem a tentativa de tamponar o inexplicável.

3. Pilares para a discussão sobre autoria

Afirmar que o *sileo* pode contribuir para uma reflexão mais profícua com relação ao silêncio *em* Saussure não quer dizer que em relação ao *tacare*, ou seja, ao silêncio *de* Saussure, não possamos também nos desdobrar em alguma reflexão.

A leitura e a discussão dos autores sobre o silêncio *de* Saussure, por si só, não oferecem muito mais a ser dito, a não ser cair em uma tentadora armadilha de tentar explicar, justificar, definir.

Todavia, foi a partir de alguns questionamentos sobre o silêncio *de* Saussure que nos perguntamos: tal fato torna o livro um engano, uma mentira? E, neste sentido, uma falsa autoria teria sido a ele creditada? Desta forma, percebemos que este silêncio possibilitou uma mudança de foco para uma discussão que nos parece mais produtiva, e que se refere à autoria.

Para a discussão desse tema, selecionamos alguns autores que se posicionam diretamente sobre Saussure e o CLG, já que esta obra está na base de tal questão, contudo, realizaremos tal reflexão diretamente no capítulo dedicado à autoria. No entanto, alguns autores, ao abordarem o tema o fazem de forma ampla, sem se referirem especificamente a Saussure, mas que contribuem significativamente para ampliarmos nosso olhar sobre essa questão. Assim, optamos por também participar de nossa discussão, Foucault, Barthes e Bakhtin, que, embora não pertençam à área da psicanálise, suas considerações são importantes e pertinentes, uma vez que se voltam para aspectos relevantes relacionados à autoria. Ainda vale ressaltar que as reflexões de Barthes e Bakhtin foram realizadas na área da literatura, e sabemos que existe uma diferença entre teoria e literatura. Entretanto, nossa discussão não se volta para puras questões de autoria *per se*, mas para uma reflexão dirigida para Saussure e sua autoria, e, neste sentido, estes três autores expandem o olhar sobre a questão. Desta forma, nesta parte de nossa reflexão, deixamos algumas questões já apontadas para a discussão que realizaremos dirigidas à autoria de Saussure⁴².

Começemos com Foucault (1992: 36,37), que esclarece serem as discussões sobre a autoria relativamente recentes, já que na antiguidade até o início da Idade Média, não havia uma preocupação em discutir quem era o autor de determinado texto, pois, muitas vezes, o simples fato de um texto ser antigo, já era um forte motivo para considerá-lo uma produção autêntica.

Neste sentido, Foucault (1992: 46) ainda observa que, a partir do final do século XVIII e início do XIX, questões econômicas, sociais e políticas, influenciaram a invenção do autor, pois foi quando os textos se tornaram transgressores. Antes, em nossa sociedade, o discurso não era um produto, era um ato colocado no campo bipolar do sagrado e do profano, era um gesto carregado de risco, antes de ser um circuito de propriedades. Porém, com o intuito de punir os transgressores de textos, que se articulavam contrários ao discurso dominante até então, isto é, ao discurso religioso, inventou-se o autor, e assim, criaram os direitos autorais.

Desde então, têm-se discussões no entorno do que seria autor, obra, direitos autorais, plágio, enfim, possibilitou que se criasse uma questão de propriedade sobre os textos. O

⁴² Ver capítulo 3.

próprio texto de Foucault, ‘O que é um autor’, é geralmente tomado como fonte importante de leitura, para uma reflexão sobre o tema.

Há dois pontos importantes que Foucault (1992) enfatiza e denomina como complexos: autor e obra. Quanto à questão do autor, Foucault (1992: 42) se questiona: o que é o nome de um autor? Como funciona? E distante de oferecer soluções, pretende indicar algumas dificuldades, pois

(...) o nome de autor serve para caracterizar um certo modo de ser do discurso: para um discurso, ter um nome de autor, o fato de se poder dizer “isto foi escrito por fulano” ou “tal indivíduo é o autor”, indica que esse discurso não é um discurso cotidiano, indiferente, um discurso flutuante e passageiro, imediatamente consumível, mas que se trata de um discurso que deve ser recebido de certa maneira e que deve, numa determinada cultura, receber um certo estatuto.” (FOUCAULT, 1992: 45)

Portanto, o nome de um autor possibilita uma indicação, uma possibilidade de discurso esperada por parte de quem o lê. Este é um ponto interessante para nossas análises, pois o CLG não foi escrito por Saussure, o que nos traz a questão de quem escreveu? Que papel tem os editores? Seriam eles também autores do CLG? Como o texto foi estabelecido por estes alunos? De quem são as postulações teóricas contidas no CLG? Eis alguns pontos que poderemos nos empenhar em refletir.

Foucault (1992) ainda afirma que, “(...) O nome de autor não está situada no estado civil dos homens nem na ficção da obra, mas sim na ruptura que instaura um certo grupo de discursos e o seu modo de ser singular.” (Ibidem: 45, 46). O que também quer dizer que o autor se vincula ao seu texto e a um devir, a uma forma de ser recebido, e mais ainda, pode variar conforme a singularidade que contenha. Pensando em nosso tema, perguntamo-nos: as construções teóricas do CLG indicam um discurso singular? Uma ruptura? Ou uma forma diferente de repetir o já dito? Como se pode notar as questões levantadas por Foucault (1992) nos fazem refletir sobre a questão da autoria, extrapolando, por assim dizer, certa ingenuidade: não nos parece que a questão da autoria se referia unicamente a quem tenha produzido o texto.

Ainda sobre a reflexão do autor, Foucault (1992) também sugere que a ‘função autor’ não se forma de uma maneira espontânea, mas

(...) É antes o resultado de uma operação complexa que constrói um certo ser racional a que chamamos autor. Provavelmente, tenta-se dar a este ser racional um estatuto realista: seria no indivíduo uma instância “profunda”, um poder “criador”, um “projecto”, o lugar originário da escrita. (...) (FOUCAULT, 1992: 50, 51).

Ou seja, para Foucault (1992) autor não é uma simples atribuição, é antes, uma operação, um jogo de reflexões para que se o determine, o autor em Foucault (1992), não está dado de antemão. Parece-nos que nossas análises nos direcionarão exatamente para essa possibilidade: uma discussão sobre esse lugar de produção, sobre uma instância de conhecimento, sua forma de existência, e também, seu impacto.

Quanto à obra, Foucault (1992) se pergunta “(...) O que é uma obra? Em que consiste essa curiosa unidade que designamos por obra? Que elementos a compõem? Uma obra não é o que escreveu aquele que se designa por autor? (...)” (Ibidem: 37). E mais, tudo o que se escreveu, por exemplo, em uma prisão, não é uma obra, ou tudo o que se tenha escrito ou falado, tudo o que há atrás de alguém é uma obra? Para Foucault (1992) é um problema simultaneamente teórico e técnico, e que muito poderá nos orientar na discussão sobre Saussure, pois poderá nos guiar tanto na questão do CLG, pois é um livro ‘construído’ de maneira muito singular, tanto quanto nos indicar uma reflexão para os manuscritos, fontes de tantas discussões sobre Saussure.

Além de Foucault (1992), Barthes (1988) em ‘A morte do autor’, também trata da dificuldade em se precisar de quem é a voz que escreve, já que em sua concepção a voz perde a origem, de tal forma que “um texto não é feito de uma linha de palavras a produzir um sentido único, de certa maneira teológico (que seria a “mensagem” do Autor-Deus), mas um espaço de dimensões múltiplas, onde se casam e se contestam escrituras variadas, das quais nenhuma é original (...)” (BARTHES: 68, 69). Notemos que para Barthes não há um texto puro, que nos relacione diretamente a um autor, ou seja, para ele a questão da origem é contestável.

Desta forma, para Barthes (1988), não há como ter uma relação direta entre autor e texto, porque para ele a noção de autor é disseminada, por entrar em contato com outras vozes e outros textos. Para nossa discussão este é um ponto fundamental, pois além desta pontuação de Barthes, ainda somamos mais um item: Saussure não escreveu o texto do CLG. Assim, também precisamos considerar que o CLG foi elaborado pelos editores, e que essa presença foi necessária para a produção do livro, o que nos permite inquirir se tal presença afeta a autoria de Saussure sobre o CLG.

Segundo Barthes (1988: 66), em nossos tempos, o império do autor ainda é muito poderoso, além da crítica se alimentar de tais debates. No entanto, Barthes (1988) observa que vem ocorrendo uma diminuição do poder da autoria, e um aumento do poder do leitor, em sua concepção “(...) um texto é feito de escrituras múltiplas, oriundas de várias culturas e que entram umas com as outras em diálogo, em paródia, em contestação; mas há um lugar onde

essa multiplicidade se reúne, e esse lugar não é o autor, como se disse até o presente, é o leitor. (...)” (Ibidem: 70). Para Barthes (1988) o destino do texto não está em sua origem, mas, em seu destino, a maneira como se lê um texto produz um depois, possibilita novas construções. Esta é uma questão deveras interessante, afinal, pode nos indicar se e qual, lugar, tem ou teve, o CLG no devir das ciências? Este livro abre possibilidades de outras produções a partir dele?

Também faz parte do nosso objetivo analisar o posicionamento de Bakhtin, destacando a distinção que ele faz entre autor-criador e autor-pessoa, pois, em sua concepção, aquele que escreve não deve ser confundido com a pessoa e suas vivências pessoais. No autor-criador, o autor é posicionado do lado de fora do texto, na medida em que é um externo ao personagem e pode assim dar um acabamento inacessível ao próprio personagem (BAKHTIN 2003: 11), de maneira que o autor-criador torna-se outro em relação a si mesmo (Ibidem, 12, 13), e só poderá concluir seu texto ao se voltar novamente para si.

Em ‘Problemas da poética de Dostoiévski’, no prefácio à edição, Bezerra (1997: X) nos concede uma ideia da visão bakhtiniana, ao assegurar que em Bakhtin é o “(...) sujeito que veicula o processo criador e ao mesmo tempo representa a si mesmo. (...)”. No entanto, ao que tudo indica, e ainda segundo Cavaleiro (2008:79), em Bakhtin, “(...) também o sujeito vive em interação e conflito com o outro, cuja presença estrutura a sua fala.(...)”. Nas palavras de Bakhtin (1997: 224) “(...) A palavra do outro penetra de modo paulatino e insinuante na consciência e no discurso do herói (...)”, ou seja, na escrita é necessário considerar, que há um complexo envolvimento de línguas sociais, de tal forma que o sujeito, o autor-pessoa, desloca para sua escrita todas as vozes e entrega toda sua construção, isto é, a voz de sua construção para o autor-criador. Para Bakhtin, há um impossível em distinguir plenamente o autor, de si mesmo, e de outras vozes e outras presenças.

Estas afirmações de Bakhtin atingem a questão de o quanto fundamental é, ou seria, separar radicalmente Saussure de seus editores. Talvez devêssemos mesmo nos questionar primeiro se é necessário, e segundo se é possível realizar tal distinção. E mais, mesmo em seus manuscritos, seria necessário distinguir o que é de Saussure e o que era de seus antecessores, para que possamos calcular o que Saussure deixou à posteridade?

Não poderíamos deixar de mencionar, brevemente, que o próprio Bakhtin tornou-se alvo de um grande dilema, pois ele fazia parte de um grupo, conhecido como o ‘círculo de Bakhtin’, composto pelos estudiosos, Valentin Voloshinov e Pavel Medvedev, além do próprio Bakhtin, onde produziam textos e o assinavam em conjunto, sem se preocuparem em distinguir quem era o autor, ou o idealizador, ou o pai de determinada afirmação. Tal fato

gerou controvérsias sobre a autoria de Bakhtin, Voloshinov e de Medvedev. Para nós, é um indicativo da forma como este grupo produzia seus textos, uma vez que na concepção de Bakhtin, o autor está entranhado de outras vozes, neste sentido, porque se preocupariam em distingui-las?

Enfim, sobre a questão da autoria estamos longe de esgotarmos a discussão, porém, nosso intuito era assinalar a posição dos três autores, e deixar algumas perguntas que pudessem nos conduzir a uma discussão específica sobre a autoria em Ferdinand de Saussure.

Capítulo 3

Discussão sobre a autoria de Saussure

Um livro pode valer pelo muito que nele não deveu caber.
(Guimarães Rosa, 1985: 17)

1. Introdução

Em nosso percurso inicial da pesquisa enfatizamos as muitas inquietações e conjecturas que envolviam a questão do silêncio de Saussure. Avançamos na reflexão, e redirecionamos nossas perguntas para a autoria de Saussure sobre o CLG, uma vez que, como mostra a epígrafe, este livro carrega em si mais do que a teorização ali contida.

Relembremos que variadas são as discussões a respeito do CLG⁴³, mas queremos propor dois momentos distintos: primeiro o apogeu ocorrido após a publicação da obra e todas as discussões a respeito de seus conteúdos, e um segundo momento, quando da descoberta e publicação de alguns dos manuscritos de Saussure, exatamente a partir de 1957 com as publicações de *Les sources manuscrites du Cours de Linguistique Générale de Ferdinand Saussure*⁴⁴ por Robert Godel.

Em linhas gerais, iniciaremos nossa reflexão, partindo de nossas primeiras questões, as quais retomamos na íntegra: Como Saussure não publicou o texto do CLG, ele seria ainda assim, autor desse livro? E ainda, as postulações teóricas presentes em tal livro podem nos guiar nesta questão de autoria?⁴⁵ Com o aporte de alguns autores, realizaremos tal empreitada, porém, ressaltamos que entre estes autores há aqueles que se posicionam explicitamente sobre Saussure e o CLG, são eles: Silveira, Milner, Normand, Bouquet e Calvet.

Num segundo momento, colocaremos em destaque os autores que tratam especificamente do fator autoria, a saber: Foucault, Barthes, e Bakhtin, *a priori*, nos guiando com a seguinte questão: as produções teóricas de Saussure fomentam a possibilidade de

⁴³ Conforme discutimos no capítulo 1, parte 2.

⁴⁴ As fontes manuscritas do Curso de Linguística Geral de Ferdinand Saussure.

⁴⁵ Conforme se pode constatar no capítulo 1, parte 2.

discussão sobre a autoria do genebrino? Ainda chamaremos a esta reflexão a contribuição de Normand.

Por fim, realizaremos uma análise, partindo da seguinte pergunta: as possíveis marcas nos textos saussureanos poderiam ser consideradas como indício de sua autoria sobre os manuscritos? Portanto, entraremos no âmbito dos manuscritos, com o apoio dos autores Silveira, Normand e Bouquet.

2. No rastro da autoria: a edição, os editores e a publicação do CLG

Para nossa discussão inicial, nos embasamos, de um lado, em Silveira (2007), quando afirma que o CLG traz o movimento de Saussure na fundação da linguística embora não tenha sido ele quem tenha escrito o livro, e Milner (2002), que aponta problemas no CLG, no entanto, o reconhece como um livro de Saussure que marcou a fundação de uma ciência. De outro lado, os autores Calvet (1975), que em 1975 publicou um livro, questionando a legitimidade do CLG pois este foi editado sem sua permissão, bem como, em defesa dos cadernos sobre os estudos dos anagramas e hipogramas. E, a seu exemplo, Bouquet (2004), que em 2000 lança seu livro com o intuito de questionar o CLG em comparação aos manuscritos, já que em sua visão estes seriam a verdadeira obra de Saussure em detrimento do CLG.

Começaremos com a questão da edição, isto é, dos embates que envolveram os editores e a publicação do CLG, e de que forma esta edição afeta diretamente a questão da autoria. Em continuidade, apresentaremos uma reflexão que considera as postulações teóricas presentes no CLG, e, de que forma tais teorizações contribuem para uma reflexão sobre a autoria em Saussure.

Como dito anteriormente, Saussure não fora de um silêncio total, já que publicara em vida. Este é um fator de concordância entre os quatro autores aqui selecionados - (SILVEIRA, 2007: 119-120, MILNER, 2002:18, BOUQUET, 2004: 13, e CALVET, 1977: 19). Nas palavras de Silveira (2007: 120) “As perguntas sobre os motivos desse retorno à terra natal não são respondidas, silêncio ao qual se soma a ausência de publicações: Saussure irá trabalhar muito e publicar pouco nesse período (...)”. E esta é realmente uma constatação: Saussure publicou, porém os trabalhos que o tornaram conhecido durante sua vida localizaram-lhe entre os homens de seu tempo, ou seja, na Gramática Comparada.

Entretanto, quanto ao que se refere ao estatuto de pai da linguística e do estruturalismo estes autores farão proposições diferenciadas. Silveira (2007, 15) observa que o reconhecimento da fundação da linguística é algo que manca, ou seja, há reconhecimento e desqualificação. Para Silveira (2007: 20) “O efeito do CLG foi tão forte nos seus primeiros anos que a edição não foi colocada em xeque (...)”, uma vez que a nomeação da língua como objeto, a teoria do valor, do signo e a sincronia foram suficientes para que a edição fosse aceita. Todavia, Silveira (2007) ainda esclarece que, a partir da última metade do século XX, iniciou-se um processo de discussão sobre a edição do curso, e, a partir de então, “(...) aquilo que fora revolucionário num determinado momento passou a ser desqualificado aqui, engessado acolá; (...)” (Ibidem: 20), e cita principalmente as chamadas exclusões saussureanas: “(...) a exclusão do referente, da história e do sujeito falante.” (Ibidem, 21). Entretanto, o que Silveira (2007) propõe é justamente sair da dicotomia apogeu x declínio, para dar um estatuto para a edição do CLG.

Silveira (2007:23) ressalta que o CLG foi uma tentativa de recriação por parte dos editores, às vezes mais adivinhada que manifestada, de tal forma que se aproxima mais de ecos das palavras do professor, no entanto, tais elementos não provocam a sensação de não estarmos lendo Saussure, pois a maioria dos leitores de Saussure parece reconhecer que “(...) a recriação dos editores não foi capaz de eliminar os ecos do mestre em seus alunos mesmo se esses se revelassem discordantes.” (Ibidem: 23). Todavia, Silveira (2007: 24) prefere substituir o termo que geralmente atribuem a Saussure, discordante, por esparsos, assim se expressa:

É por isso que preferimos utilizar *esparsos* em substituição a *discordantes*, no que se refere aos ecos de Saussure aludidos por Sechehaye e Bally, para dar alguma relevância a algo que se deu na edição sem desconsiderar o efeito de autoria de Saussure sobre a obra. (SILVEIRA, 2007: 24)

Assim, para a autora, embora haja os editores, Saussure é o autor do CLG. Esta proposição de Silveira (2007) é muito próxima da perspectiva de Milner (2002: 16), pois ele observa que conforme indica o prefácio do CLG, a intenção dos editores foi por meio da reconstituição apresentar um todo orgânico, um livro dividido em introdução e capítulos. Afirma que a falta de um artigo no título do livro *Cours*, faz com que este esteja no singular, embora se trate de uma série de três cursos, e, neste sentido, há um preço a se pagar, uma vez que a teorização presente no livro faz parte de um ensino ocorrido em períodos distintos. Ainda cita diferentes datações dentro de um mesmo capítulo, alguns poucos erros de transcrição, frases, especialmente a última do final do livro, que não seria de Saussure e sim dos editores.

Entretanto, embora haja tantas controvérsias, ainda assim o *Cours* existe como uma obra reconhecida. Assim atesta Milner,

*En fait, le Cours fonctionne bien comme une oeuvre depuis sa publication; pourtant, il n'en est pas une si une oeuvre est conçue comme un texte attribuable, de part en part et dans le détail, à un auteur. Il est vrai qu'on peut renverser la proposition: puisque le Cours fonctionne de fait comme une oeuvre, alors il prouve matériellement que la notion d'oeuvre ne suppose pas, contrairement à ce qu'on croit, l'auteur comme préalable. C'est bien plutôt l'inverse: Saussure est devenu rétroactivement l'auteur du Cours, bien qu'il n'en ait, au sens strict, pas écrit une page.*⁴⁶(MILNER, 2002: 17)

Apesar de Milner (2002) não abordar diretamente a questão da autoria, podemos deduzir que, em sua visão, uma perspectiva de autor não tem uma via única para acontecer, pois, no caso de Saussure, primeiro veio o livro que se tornou conhecido e depois o autor, que não o escreveu, e que, todavia, continua, ainda assim, a ser o autor do livro.

Milner (2002) não nega que em alguns casos as formulações dos editores realmente não foram as melhores, e também, que há trabalhos importantes que mostram a trajetória de Saussure. Como exemplo cita os manuscritos, os anagramas, trabalhos como o de Tullio de Mauro, que se constitui por comentários muito úteis, e outros textos que buscam discorrer sobre algum aspecto de Saussure, assim,

*(...) cette entreprise historique est fort importante; mais on peut tout autant s'en tenir au texte de 1916, tel qu'il est devenu: à savoir le Cours, qui compte pour Benveniste et Jakobson, ou plus tard R. Barthes et le public des années 60. Le Cours comme oeuvre, à la fois comprise et mécomprise*⁴⁷. (MILNER, 2002:17)

Observemos como esta é uma posição interessante deste autor, ao considerar o CLG, pois entendemos que o importante é o que outros autores e o grande público puderam realizar a partir do que leram no CLG, apesar de ora ter sido bem compreendido, ora, mal lido. O fato de Saussure não ter escrito ele mesmo a obra, de certa forma, perde relevância, perante os desdobramentos alcançados *a posteriori*.⁴⁸

⁴⁶ De fato, o Curso funciona como uma obra depois de sua publicação; contudo, ele não é uma, se uma obra é conhecida como um texto atribuível parte por parte e em seus detalhes, a um autor. É verdade que se pode inverter a proposição: porque o Curso funciona de fato como uma obra, então ele prova materialmente que a noção de obra não supõe, contrariamente ao que se crê, o autor como anterior à obra. É justamente o contrário: Saussure chega retroativamente a autor do Curso, mesmo que ele não tenha, em sentido estrito, escrito uma página. (Tradução nossa)

⁴⁷ (...) este empreendimento histórico é muito importante, mas podemos também ficar com o texto de 1916, tal qual ele evoluiu: o saber do Cours, que conta para Benveniste e Jakobson, ou mais tarde a R. Barthes e o público dos anos 60. O *Cours* como obra, foi compreendido e mal compreendido. (Tradução nossa).

⁴⁸ Trataremos mais aprofundadamente desta questão de um devir do CLG na parte 3.3.

Ainda quanto à questão dos editores, Silveira (2007: 25) observa que ninguém, até então, reconheceu os editores como coautores, uma vez que é reputada a Saussure a autoria das ideias presentes no curso, de maneira que os dois editores ou são chamados de fiéis seguidores ou de traidores. Neste sentido, para Silveira (2007: 27) há algo que sustenta e autoriza Saussure como fundador da linguística, pois a edição é mais que reprodução ou deformação das ideias de Saussure; acredita que “(...) houve aí um movimento que é próprio da edição e leva a marca tanto de Saussure quanto dos editores.” (Ibidem: 27). Desta forma, na visão de Silveira (2007), se o CLG “(...) cumpriu sua função na fundação da linguística geral é porque, embora tenha havido a edição, essa não apagou os efeitos do trabalho de Saussure ao constituir um saber novo sobre a língua.” (Ibidem: 28). Como se pode notar, Silveira (2007) não nega a presença dos editores, embora, tal fato, não desqualifique Saussure como autor.

Esta não é a visão de Calvet (1977), que denomina o CLG como vulgata, pois o fato de Saussure não ter publicado o livro traz consequências importantes para a linguística. Afirma que “Saussure nunca publicou nem quis publicar uma só linha de linguística geral... E essa violação às vezes toma aspectos teóricos (...)” (Ibidem: 26). Inicialmente, para sustentar sua posição, defende alguns pontos “Os erros flagrantes são raríssimos e se restringem unicamente a exemplos”, por isso é necessário uma leitura atenta (CALVET, 1977: 26). Ainda considera que os editores realizaram mudanças terminológicas, como por exemplo, o título do primeiro capítulo da primeira parte do CLG: ‘natureza do signo linguístico’, que Saussure teria substituído, posteriormente, no terceiro curso, por ‘a língua como sistemas de signos’. Em outras partes do CLG, os editores teriam “(...) interpretado, e até forçado (...)” (Ibidem: 27) o pensamento de Saussure; além de questionar a ordem em que o livro foi editado. Em continuidade, é contundente sobre a passagem no final do CLG⁴⁹, pois tal passagem na sua visão “(...) é dos editores, que constitui a conclusão dos editores, a conclusão do *Curso* tal como eles o organizaram, mas certamente não a de Saussure.” (CALVET, 1977: 28). Isto nos faz entender que na concepção de Calvet a presença dos editores no CLG destorce, ou prejudica o livro em si.

Neste aspecto, para Calvet (1977: 29), o *Cours* tal como foi editado não permitiria uma leitura séria, o que nos parece ser uma contestação sobre a autoria de Saussure no CLG. Assim se expressa,

⁴⁹ A passagem supra-citada é “(...) a linguística tem por único e verdadeiro objeto a língua considerada em si mesma e por si mesma.” (SAUSSURE, [1916] 1974: 271).

(...) é hoje impossível trabalhar seriamente sobre Saussure sem lê-lo na edição crítica de Engler, no texto anotado de De Mauro, e à luz dos trabalhos de Godel. Só levei em conta nesse capítulo exemplos rápidos e limitados desses problemas de leitura, com o único fim de abrir horizontes ao leitor inadvertido. Mas há praticamente um problema desses por linha. (CALVET, 1977: 29).

Na visão de Calvet (1977) não se deveria ler o CLG a não ser com o auxílio de outros textos. O autor ainda questiona também a heterogeneidade das fontes, ou seja, “constituir uma obra seguida, partindo de anotações de cursos de sete estudantes e de alguns manuscritos de Saussure, criou evidentemente sérios problemas para os editores.” (Ibidem: 24). Neste mesmo contexto dos alunos de Saussure, lembremos que Calvet (1977) revela que, além de tirarem as anotações dos cadernos dos alunos, os editores não ouviram todas as aulas, o que tornaria a situação complicada.

Todas estas considerações de Calvet (1977) nos indicam que em sua visão a forma como foi editado o CLG deslegitima Saussure enquanto autor deste livro. Como se pode perceber, em Calvet (1977) está presente o mito da originalidade, um certo “purismo”, uma relação direta entre o que Saussure teria dito ou escrito, e o que está presente no CLG.

Todavia, embora levante a quantidade de anotações de diferentes alunos como um problema, contraditoriamente, é o próprio Calvet (1977) que irá lançar uma questão interessante sobre autoria no CLG. Vejamos sua afirmação “(...) o terceiro dos seus cursos representa, pois, o estado mais avançado do seu pensamento.” (Ibidem: 20). Ou seja, enquanto de um lado aponta contradições no CLG, de outro, concorda que o terceiro curso, aquele que os alunos assistiram, esteja mais próximo de seus pensamentos em uma última instância. Sigamos esta observação de Calvet (1977), mas, traremos à discussão Gottlieb (1999), filósofo inglês, dedicado à obra de Sócrates, quando, ao destacar os pontos cruciais do pensamento deste filósofo da antiguidade, tocou secundariamente em questões sobre a autoria em Sócrates.

Antes, vale lembrar que no prefácio à edição brasileira do CLG, Salum ([1969] 1974) traz uma referência a Sócrates, comparando-o à Saussure, justamente por ambos não terem escrito o livro que os tornaram conhecidos. Leiamos o excerto na íntegra:

Entretanto, hoje não se pode deixar de reconhecer que o *Cours* levanta uma série interminável de problemas. Porque, no que toca a eles, Saussure – como Sócrates e Jesus – é recebido de “segunda mão”. Conhecemos Sócrates pelo que Xenofonte e Platão escreveram como sendo dele. O primeiro era muito pouco filósofo para entendê-lo, e o segundo, filósofo demais para não ir além dele, ambos distorcendo-o. Jesus nada escreveu senão na areia: seus ensinamentos são os que nos transmitiram os seus discípulos, alguns dos quais não foram testemunhas oculares. (SALUM, [1969] 1974: XVI).

Nota-se assim que, para Salum (1969), o fato de o livro não ter sido escrito por Saussure levanta alguns problemas, similares ao que ocorreu com Sócrates e Jesus, que não escreveram os livros que levam seus nomes como autores. Com base nessas duas comparações de Salum, interessou-nos o trabalho de Gottlieb (1999), exatamente por essa proximidade entre Sócrates e Saussure. Nosso intuito é verificarmos se tais considerações sobre Sócrates contribuirão para que nós avancemos, um pouco mais, sobre a autoria do linguista.

Para Gottlieb (1999) o que há de mais próximo do pensamento de Sócrates é o texto que primeiro foi escrito depois de sua morte por Platão,

Platão estava presente no julgamento; a *Apologia* (ou “discurso de defesa”) de Sócrates, escrito por ele poucos anos depois, foi provavelmente uma de suas primeiras obras. Há razões para se acreditar que, nessa obra, Platão teria se esforçado bem mais em representar o verdadeiro Sócrates do que em suas obras subsequentes, embora ele não necessariamente tenha tentado reproduzir as palavras exatas de Sócrates. De modo que vou me basear em Platão (como fiz na maior parte das informações dadas sobre Sócrates até aqui).[...] O Sócrates da *Apologia* de Platão é o único Sócrates que existe, ou existiu, para quase toda a história da filosofia. (GOTTLIEB, 1999:16).

Como se percebe, para Gottlieb (1999) ter uma obra publicada no período de menor tempo à subsequente morte de Sócrates é um critério para defender que o texto da *Apologia*, escrito por Platão, é o mais próximo das ideias de Sócrates, embora não tenha sido escrito, necessariamente, conforme as palavras dele.

Se este for realmente um bom critério, e parece ser, os três cursos de linguística geral que Saussure ofereceu em Genebra, e, que se tornaram a fonte teórica do CLG, foram os últimos que ele ofereceu antes de sua morte. Isto poderia nos autorizar a afirmar que estavam o mais próximo possível do lugar até onde tinha caminhado o progresso de suas pesquisas. Ou seja, os alunos dos três cursos tiveram contato com a parte mais recente das pesquisas que Saussure se dedicava há mais de trinta anos, e, ainda não havia publicado nada a respeito.

Não se encerram por aí as reflexões de Gottlieb (1999), que ainda utiliza outro recurso para avaliar as fontes de Sócrates. Sugere que várias outras testemunhas escreveram sobre o que Sócrates ensinava, mas a maioria desses textos foi perdida ao longo dos séculos, restando além de Platão mais três testemunhas: Xenofonte, que não era um filósofo como Platão, e assim se manifesta “(...) Não é crime ser um general reformado que se transforma em fazendeiro, mas um tal homem não é talvez o guardião mais seguro da chave para um dos maiores pensadores do mundo.” (Ibidem: 25). Em sua visão, Xenofonte era um admirador de

Sócrates, mas pode não ter conseguido apreender a profundidade da reflexão que o filósofo tentava alcançar.

Outra testemunha foi o teatrólogo Aristófanes, que nos mostrou justamente um Sócrates bem diferente do de Xenofonte, seu Sócrates é um “(...) bobo burlesco que se intriga com questões do tipo “quem nasceu primeiro, o ovo ou a galinha?”” (GOTTSLIEB, 1999: 25-26). O que, na visão deste autor, colocaria em xeque a perspectiva de Aristófanes.

Finalmente Aristóteles, não tendo convivido com Sócrates, em contrapartida ficou vinte anos ao lado de Platão em sua Academia, e, assim, teve oportunidade de ouvir as ideias de Platão, do próprio Platão. “(...) Ele [Aristóteles] estava, portanto, em posição de distinguir o pensamento dos dois homens.” (GOTTSLIEB, 1999:26), o que possibilitava que se subtraíssem as ideias de Platão das ideias de Sócrates, ademais, Aristóteles não reverenciava os pensamentos de Sócrates, como Platão o fazia.

Gottlieb (1999: 24) frisa que ter quatro fontes acabou se tornando uma vantagem, pois assim, puderam verificar o que há de comum e de diferente nos relatos dos quatro homens que escreveram sobre Sócrates. Não nos interessa extrair as puras ideias de Saussure, sobretudo, destacamos uma diferença entre a posição que estamos apontando e a de Calvet (1977): embora este afirme que o último curso estaria mais próximo das atuais reflexões de Saussure, ele se atém a palavras ou frases que não teriam sido ditas exatamente de tal ou qual forma. Enquanto que para nós, é importante destacar que os alunos dos três cursos tiveram contato com os últimos instantes do percurso teórico de Saussure.

Ademais, quanto ao CLG, não nos parece que os alunos tiveram a pretensão de elaborar um livro com as palavras exatas do mestre, afinal foram aulas orais, anotadas da maneira como foi possível, pelos alunos. Assim se expressam os editores, em alguns trechos no prefácio:

(...) era mister, para cada curso, e para cada pormenor do curso, comparando todas as versões, chegar até o pensamento do qual tínhamos apenas ecos, por vezes discordantes (...)

(...) Saussure era um desses homens que se renovam sem cessar; seu pensamento evoluía em todas as direções, sem com isso entrar em contradição consigo próprio. Publicar tudo na sua forma original, era impossível; as repetições inevitáveis numa exposição livre, os encavalamentos, as formulações variáveis teriam dado, a uma publicação que tal, uma aspecto heteróclito. (...)

(...) Decidimo-nos [] tentar uma reconstituição, uma síntese, com base no terceiro curso, utilizando todos os materiais de que dispúnhamos.(...)
(BALLY, SECHÉHAYE, [1916] 1974: 2,3)

Ou seja, os editores não esconderam do público as dificuldades e as limitações que encontraram, e as escolhas que fizeram para concluir o CLG. Silveira (2007) também considera que os editores deixam claro suas dúvidas e seleções diante das dificuldades de um curso oral e das anotações e compreensões dos alunos.

Evidentemente que essa apreensão depende da posição daquele que escuta para além da posição daquele que fala. Portanto, há possibilidade de reconhecer, na edição do CLG, os contornos de um certo movimento que podemos atribuir a essa entidade que chamamos de A Edição. (SILVEIRA, 2007:42).

O reconhecimento dessas dificuldades dirige-se para a edição, mas não para a exclusão de Saussure como autor. Acreditamos que seja possível que, se a intenção dos editores tivesse sido publicar um livro com a exatidão das palavras em exposição na sala de aula, hoje não teríamos a publicação do CLG.

Bouquet (2004) é outro autor que aponta um frágil posicionamento sobre a edição do CLG. Para Bouquet (2004)

Que Bally e Sechehaye realizaram uma síntese magistral da reflexão saussuriana é um fato comprovado pelo sucesso alcançado por sua obra. Mas essa obra oferece por outro lado, um reflexo deformado do pensamento que pretende divulgar, falseando, sob dois importantes aspectos, as notas do curso e os manuscritos de Saussure em que se apoia. (BOUQUET: 2004, 14).

Bouquet (2004, 14-15) atesta que o CLG entrega um livro com a lógica de um sistema acabado, enquanto os manuscritos e as notas dos alunos testemunham um pensamento formado por pinceladas, chegando a assumir a forma de aforismos.

Ainda verifica que o CLG apresenta-se como uma homogeneização artificial e, em nota de rodapé, afirma que Bally e Sechehaye, embora admitam terem feito uma recriação com base no terceiro curso, ao qual não assistiram, se questiona:

(...) Quem pode, neste caso, ser literalmente chamado de *autor* (não se fala de *autor* de um curso), senão um personagem imaginário, **um Saussure criado por Bally e Sechehaye** precisamente como *autor* da homogeneização discursiva do texto de 1916? (BOUQUET: 2004, 14) (grifos nossos)

Em sua concepção, o que ele chama de homogeneização do livro afetou a teoria em si, como por exemplo, a ambiguidade, encontrada na teoria do valor e no arbitrário.

Como é possível constatar, Bouquet (2004) questiona a legitimidade da edição do CLG, por defender que os editores deturparam as ideias originais e ainda por sugestionar que os editores criaram **um Saussure**.

Primeiro, ler, interpretar e criar uma imagem parece-nos ser um processo de leitura, no entanto, esta afirmação de Bouquet aproxima-nos da questão de que teria sido os editores os criadores da teoria do CLG. Julgamos haver uma diferença importante entre escrever sobre as ideias de alguém de maneira a tentar encaixá-las no formato de um livro, e outra, bem longe desta, que é ser o criador de uma teoria, e ainda mais, não podemos esquecer que Saussure permanecia com sua teorização inacabada.

Por isso, entendemos que o posicionamento de Silveira (2007:25) perante o CLG é o de considerar as marcas de Saussure na teorização do CLG, e que estes sinais, e o próprio livro, existem por meio de seus alunos, Bally e Sechehaye. Se considerássemos a posição dos editores como contrárias, como detratores do ensino de Saussure, então haveríamos de considerar também a coautoria de Bally e Sechahaye, ou a própria nomenclatura de pai da linguística e do estruturalismo aos dois editores. Mas, para Silveira, e também para nós, não é este o caso, porque não se nega até então uma originalidade teórica que compõe o conjunto das ideias presente no *Cours*. O que estamos enfaticamente apontando, é que, Bally e Sechehaye reconheceram que as ideias originais são de Saussure e tentaram expressá-la em uma obra. O que não nos impede de levar em consideração a existência dos alunos por detrás do CLG, com a singularidade de cada um na escuta e na escrita, mas, acima de tudo, creditaram a Saussure o que remete a linguística a uma nova ordem. Neste sentido, encontrar o verdadeiro Saussure no CLG parece uma quimera, como bem nomeou Silveira (2007: 31).

Lembre-mos também de Barthes (1988), que defende que a noção de autor é disseminada, já que ele entra em contato com outras vozes, e de Bakthin (1997), que declara que a voz do outro penetra no autor, de forma a ser impossível conseguir distingui-las. No caso de Saussure, a escuta e a escrita dos editores estão presentes e foram necessárias para a produção do livro. Ainda não podemos deixar de frisar que o fato da morte de Saussure ter ocorrido próxima ao período em que lecionou o curso de linguística geral, nos aproximaria das ideias mais recentemente trabalhadas pelo genebrino.

Se houve uma tentativa de transportar o ensino do professor, no encaixe do que se espera de um livro, e esta parece ter sido realmente a tentativa dos editores, conforme constatamos nos excertos selecionados do prefácio do CLG, outra muito distinta é afirmar que um personagem criado pelos editores sustenta o CLG, obra esta que é fundadora de duas áreas do saber. Que se criem quantas imagens quiser sobre Ferdinand de Saussure, mas a pergunta melhor a se fazer talvez seja: há uma elaboração teórica que fundamenta uma nova forma de se pensar as ciências? A teorização saussureana sustentaria Saussure enquanto autor do CLG? Mantenhamos estes questionamentos na continuidade deste texto.

2.1. A teorização contida no CLG: fundamentos para a autoria

A posição de Bouquet (2004, 62) quanto ao CLG é explícita. Assim se manifesta: “Saussure nos aparece, através da publicação do *Cours*, como um autor, mas essa imagem é completamente ilusória, não apenas por não ter escrito esse livro, mas também – e mais profundamente talvez – por não ter escrito nenhum (...)”. Neste sentido, Bouquet (2004) diz compreender por que em 1910 Saussure falara em trinta anos de silêncio⁵⁰, silêncio este que Bouquet (2004: 63) nomeia como “silêncio editorial”, e, que em sua concepção, teria sido maior nos últimos vinte anos de sua vida. De acordo com a visão de Bouquet (2004), sua concepção de autor está diretamente relacionada ao fato de o autor escrever, ele mesmo, a obra.

Contudo, não há relato de nenhum dos alunos, dos três cursos de linguística geral, ou dos editores do CLG, reivindicando a autoria desta obra. Parece-nos que o fato de não publicar diretamente um livro não é um bom critério para questionar a autoria de um autor. Não se trata aqui de negar que existe realmente uma singularidade quicá rara, como é o caso semelhante de Sócrates, que também não escreveu ele mesmo nada do que foi publicado após sua morte. O que estamos defendendo é que, esta, não é a melhor forma de se questionar a autoria. Vejamos se as perspectivas de outros autores ampliam a reflexão sobre o tema.

Para Silveira (2007: 37), o que sustenta o CLG é justamente o recorte epistemológico produzido pela obra, e é necessário reconhecer que o *Cours* “(...) demanda uma posição do seu leitor e não só dos linguistas (...)”, uma vez que há uma hiância entre a edição e Saussure. Em outras palavras, para a autora há possibilidade de se ler Saussure na edição, pois os efeitos inovadores ocorridos na linguística e em outras disciplinas atestam tal afirmação; em sua visão,

(...) entrar na obra saussuriana pelo CLG é incorrer em tais implicações: contradições, argumentação sinuosa, informações fragmentadas, caráter inacabado da obra. No entanto, é o CLG, como fusão dos manuscritos de Saussure e das anotações de seus alunos, nele condensados e alternados segundo a necessidade ou a preferência de alguns desses alunos, que figura como reconhecimento de um trabalho do linguísta. (SILVEIRA, 2007: 51).

Entrevemos na posição de Silveira (2007) um reconhecimento do CLG enquanto um livro de autoria de Saussure, embora não negue as dificuldades existentes em tal livro.

⁵⁰ Saussure escreveu assim a Louis Havet: “É verdadeiramente assustador sentir atrás de mim meus trinta anos de silêncio, face à alta distinção que parece querer recompensar meu trabalho científico” (citado por G. Redard, *Bulletin de La Société de linguistique de Paris*, 1976, p.348).

Para Milner (2002: 19-20), Saussure estava insatisfeito com os estudos e as pesquisas sobre a linguística em sua época, apesar de acreditar que isto seja insuficiente para explicar a origem do CLG, pois Saussure não apenas expôs os princípios e os dados de uma ciência, mas, principalmente, ele fundou uma ciência em base e conceitos. Relembra, ainda, que Saussure afirmou que escreveria um livro contra sua vontade, e o CLG é o livro que foi possível de ser redigido. Do que podemos apreender, pode não ter sido o livro ideal, ou idealizado por Saussure, mas foi o possível.

É importante reforçar que Milner (2002: 26-28) reconhece que Saussure promove um avanço em sua área, já que ele não se resumiu em sintetizar outros estudiosos. Segundo Milner (2002), a inovação de Saussure está na teorização sobre a língua, uma vez que ele não a aborda enquanto uma relação de representação, como em Port-Royal, e sim, de associação e reciprocidade e constrói um modelo de signo diferente da teoria da representação, ou seja, a noção de signo em Saussure é profundamente modificada. Assim se expressa:

C'est précisément pour souligner cette réciprocité que Saussure invente une nouvelle terminologie, fondée sur la réciprocité apparente du couple actif/passif; plutôt que d'image acoustique et de concept, il préfère parler de signifiant et de signifié (CLG, I, 1, § 1). Ces termes sont devenus usuels et l'on a oublié l'innovation qu'ils représentaient⁵¹. (MILNER, 2002: 27).

Milner (2002: 37) ainda sugere que “(...) *la notion de valeur, surtout, les développements qui y sont attachés se sont révélés décisifs*.(...)”⁵², e foi nesta teorização que o estruturalismo linguístico encontrou seus fundamentos, e que os antropólogos Levi-Strauss e Marcel Mauss puderam propor novas postulações em suas áreas.

Milner (2002: 37-38) se ancora na teoria do valor, para confirmar que isto o faz autor do *Cours*, e que Saussure estava ciente da novidade que trazia à linguística. Em síntese, declara que o fato de se pensar no significante e no significado, como em uma folha de papel, mudou tudo, pois “(...) *il y a disjonction entre identité et ressemblance*”⁵³. (Ibidem: 38), e tal teorização provoca uma ruptura profunda à tradição filosófica.

⁵¹ É justamente para enfatizar esta reciprocidade que Saussure inventou uma nova terminologia, com base na reciprocidade aparente da dupla ativo/passivo; ao invés de acústica e conceito, ele prefere falar de significante e significado (CLG, I, 1, § 1). Estes termos tornaram-se comuns e nos esquecemos que eles representavam inovação. (Tradução nossa).

⁵² A noção de valor, especialmente, os desenvolvimentos que são relacionados se revelam decisivos. (Tradução nossa).

⁵³ (...) há disjunção entre identidade e similaridade. (Tradução nossa).

Para este autor o *Cours* resolveu os problemas a que se propôs, pois explorou várias possibilidades e

(...) Pris en extension, le programme pouvait s'appliquer à toute espèce de réalité, si l'on admet (hypothèse structuraliste forte) que tout réalité peut être envisagée du seul point de vue de ses relations systémiques. Poussé à sa pointe extrême, il conduisait à une ontologie de type nouveau. On comprend qu'il ait fini par affecter toutes les parties de la culture, de la psychanalyse à la philosophie. Plus nettement peut-être qu'aucun autre, Lacan a donné la mesure de ce qui était en cause. (...)
⁵⁴(MILNER, 2002: 38).

Milner (2002) admite que, independente dos sucessos e fracassos contidos neste programa, deve-se dar atenção a este trabalho, mas não como fazem alguns linguistas contemporâneos, que se apegam a superficialidades, como por exemplo, as dicotomias⁵⁵. Mesmo havendo alguns que trabalhem, como se o curso nunca tivesse sido publicado - o que para nós parece um tipo de silenciamento pós-saussureano, por parte dos leitores de Saussure, muito próximo ao que propôs Eni Orlandi em seus estudos - ainda hoje Saussure continua a ser lembrado, em função de sua tentativa, admirável, pois, “(...) *Il oblige les linguistes à ne rien tenir pour évident; ceux-là même qui s'en sont écartés devraient reprendre étape par étape l'itinéraire théorique du Cours et affronter les objections, explicites ou implicites, qui s'en déduisent*”.⁵⁶(Ibidem: 38).

Notemos que Silveira (2007: 47-52) também não nega as contradições ou os ‘ecos discordantes’ existentes no CLG, no entanto, pretende tirar consequências de possíveis fissuras. Propõe, por exemplo, que a formação de Saussure na gramática comparativa do século XIX não está sem relação com o título de fundador da linguística, pois é justamente dos estudos históricos que Saussure teria tirado suposições para as bases da sincronia. Desta forma, demonstrou que “(...) há um ausente que movimenta esse texto e propomos as questões próprias da gramática comparativa como esse ausente.” (SILVEIRA, 2007:75). Ao mesmo tempo, a gramática comparativa tem um papel no CLG, pois é por recusa a este método que

⁵⁴ Tomados em extensão, o programa pode ser aplicado a qualquer tipo de realidade, se se admite (hipótese estruturalista forte) que toda a realidade pode ser vista unicamente em termos de relações sistêmicas. Colocado em seu ponto extremo, isso conduziria a um novo tipo de ontologia. Compreende-se que isso tenha afetado todas as partes da cultura, da psicanálise à filosofia. Mais notadamente talvez do que qualquer outro, Lacan deu extensão ao que estava em causa. (Tradução nossa).

⁵⁵ Apegar-se às dicotomias para abordar a teorização saussureana, é uma forma reducionista de se voltar para suas postulações teóricas. Entre as dicotomias mais conhecidas, citamos: língua x fala, diacronia x sincronia, significante x significado, mutabilidade x imutabilidade, entre outras.

⁵⁶ Ele obriga os linguistas a não considerarem nada como evidente, mesmo aqueles que estão afastados, devem retomar etapa por etapa o itinerário teórico do *Cours* e lidar com as objeções, explícitas ou implícitas, que são deduzidas. (Tradução nossa).

se ofereceu ao corte, e assim a linguística sincrônica se fortaleceu, isto é, passar para um outro lugar implica sair de algum lugar anterior.

Assim, para esta autora, mais importante do que se perguntar por que a gramática comparativa não aparece no texto, acredita que o mérito da edição é não apagar as marcas do movimento que se passou na ordem do não sabido, assim “(...) interessa menos se foi Saussure que falou tal ou tal frase que está no *Curso* e mais como esse texto pode transmitir, e não comunicar, a operação realizada por ele.” (SILVEIRA, 2007:77).

Para Silveira (2007: 47) Saussure se mantém na obra CLG porque o que lhe atesta a presença é a originalidade da teoria do valor. Descreve que Saussure propôs uma teoria para a língua que modificava a sua relação com o pensamento, possibilitando outro lugar para essa relação (SILVEIRA, 2009: 49). Mostra que o significante na teoria do valor é “(...) a-substancial e nada se pode dizer dele a não ser pela relação estabelecida no sistema linguístico. (...)” (Ibidem: 49-50).

Neste texto, a autora explicita que o valor na língua não depende da exterioridade além da própria língua, e que a negatividade é o regulador da positividade presente na língua, ou seja, importam as relações existentes no sistema, o que exclui a possibilidade de representação, que até então se vinculava à época de Saussure (Ibidem: 50-51). Enfim, afirma que a teoria do valor tem “(...) relação com a preocupação dos seus antecessores embora dê um passo decisivo nesse percurso de questões sobre a natureza da linguagem. Esse passo não se equipara a nenhuma elaboração realizada por seus antecessores ou contemporâneos.” (SILVEIRA, 2009: 51-52). Como se pode notar, a proposição da autora dirige-se para algo inédito na teorização do genebrino.

Milner (2002) e Silveira (2007, 2009) não são os únicos a defender que existe uma ruptura importante no CLG. Normand ([2000] 2009: 34), linguista francesa, nos lembra que não se deve esquecer que Saussure foi um gramático e que suas preocupações surgem dentro deste campo. No entanto, cada vez mais embaraçado pelas dificuldades e métodos habituais, que o instigaram a se questionar, e, ao se perguntar o que é a língua, “(...) ao interrogar essa evidência, Saussure inaugurou o que é geralmente reconhecido como uma mudança radical no campo da linguística de seu tempo (...)”. Na visão de Normand ([2000] 2009: 47), Saussure constrói seu saber sob a ignorância, pois ele irá fazer seus questionamentos considerando o locutor dito nativo, que não conhece o passado da língua, que utiliza os recursos a partir do partilhar com sua comunidade, na ignorância das regras que governam formas, enfim, esse recorte que Saussure faz, e que talvez pudéssemos nós, nomeá-la de sincronia, “Essa

ignorância é um saber. (...)”, da qual, para Normand ([2000] 2009), Saussure soube tirar proveito.

A autora propõe que, para saber se houve realmente um rompimento explícito com os discursos ideológicos daquela época, será necessário buscar nos textos saussureanos seus tateamentos e suas ambiguidades, ou seja, como havia afirmado Silveira (2007), suas hiências e fissuras, de forma a estudar nos textos, o próprio objeto da linguística, ou seja, definir e estabelecer as unidades (NORMAND, [2006] 2009: 25).

Normand ([2006] 2009) sugere que Saussure trabalhou partindo de uma intuição inicial, a saber, a teoria do valor, pois nesta fundamentação ele expõe artifícios de apresentação para mostrá-la como uma conclusão, “Se há corte epistemológico, ele se situaria, então, na elaboração do conceito de valor, na medida em que esse conceito se relaciona a todo um conjunto de postulados: distinções, diacronia-sincronia e língua-fala, definição da língua como sistema.” (Ibidem: 34).

De acordo com Silveira (2007), Milner (2002) e Normand ([2000] 2009, [2006] 2009), se de um lado é possível apontar no texto do CLG problematizações, polêmicas e contradições, de outro lado importa a teorização contida no CLG e que traz toda uma movimentação nas ciências após sua edição. Nas palavras de Silveira (2007: 87) “(...) Saussure é nomeado como suporte desse movimento que fundou a linguística a partir de um efeito retroativo da Edição que lhe outorgou a autoria não de um livro, mas de uma teoria.” Assim, importa mais o que o CLG deixa à posteridade, enquanto produção e possibilidades para os leitores futuros, do que unicamente a preocupação se Saussure disse determinada expressão.

Nesse aspecto, há uma questão de autoria que se relaciona ao fato de Saussure ser o autor de postulações teóricas inéditas no campo da linguística, e, de certa forma, nas ciências em geral. Devemos considerar que a obra CLG carrega a insígnia de uma autoria inovadora. O que estas teorizações realizam? Qual seria a amplitude de seu movimento? Esse inédito que há na teorização é o que importa na questão da autoria de Saussure?

2.2. Outro olhar sobre a autoria: CLG - ruptura ou síntese?

O CLG é uma obra aberta a algumas possibilidades de leitura. Como constatamos até o momento, uma forma de se olhar para o CLG é focalizando o novo que surgiu com a edição desse livro. Assim, queremos registrar uma pergunta que nos fizemos no primeiro capítulo, a

saber, “As postulações teóricas presentes em tal livro podem nos guiar nesta questão de autoria”, e é por meio dela que prosseguimos essa questão.

Foucault (1992) em seu livro, ‘O que é um autor’, extrapola um conceito leigo sobre a questão de autoria, e apresenta pontos fundamentais para uma discussão sobre autor e obra. Ele explica que, por muito tempo, não houve preocupação com quem havia escrito os textos, no entanto, ocorreu uma mudança ao longo dos séculos, e,

A noção de autor constitui o momento forte da individualização na história das ideias, dos conhecimentos, das literaturas, na história da filosofia também, e nas ciências. Mesmo hoje, quando se faz a história de um conceito, de um gênero literário ou de um tipo de filosofia, creio que tais unidades continuam a ser consideradas como recortes relativamente fracos, secundários e sobrepostos em relação à unidade primeira, sólida e fundamental, que é a do autor e da obra. (FOUCAULT, 1992: 33).

Como se pode perceber, Foucault (1992) enfatiza a importância da obra e do autor, distinguindo-as. Porém, ele quer não apenas distingui-las, mas também, mostrar a necessidade de se voltar “(...) sobre a relação do texto com o autor, a maneira como o texto aponta para essa figura que lhe é exterior e anterior, pelo menos em aparência.” (Ibidem: 34). Quanto à questão de Saussure, será que poderíamos afirmar que sua obra foi construída, ou elaborada, junto com o autor, nos seus escritos, em suas aulas, um autor foi se formando, o homem Saussure foi construindo sua fundamentação teórica, embora, de fato, o autor do CLG só tenha realmente sido reconhecido como pai de sua escrita, depois de a obra se tornar pública?

Neste caso, há um Saussure anterior ao CLG, ou seja, o neogramático, há um Saussure que escrevia seus manuscritos, há um que ministrava aulas, há um Saussure que se tornou famoso depois de reconhecida a obra CLG, apesar de que, para nós, sejam todos um mesmo sujeito, cindido pela linguagem.

Normand ([2000] 2009) também considera estes fatores, pois em sua perspectiva a pessoa de Saussure contribui e contribuiu para inúmeras controvérsias e contendas no entorno de sua teorização, em suas palavras “Vê-se que a figura do cientista, isolado de seu tempo, atormentado em sua alma de pesquisador e perturbado em sua vida pessoal, transmite um poder de fascinação à própria teoria.(...)” (Ibidem: 116). Abordando a questão histórica de Saussure, parece que enxergamos alguns ‘Saussures’, de acordo com a movimentação que dermos a este caleidoscópio. Todavia, não devemos nos apegar a estas imagens, há apenas um Saussure, imbricado por todos estes movimentos: a gramática comparada, seus manuscritos sobre a língua, os manuscritos sobre os anagramas, seus ditos em sala de aula. Assim, o CLG é um a *posteriori*, um lugar onde se lê parte dos resultados de todas essas convergências.

Foucault (1992) ainda explica que, enquanto nas narrativas mais antigas trazia-se à tona a questão da morte, uma vez que as obras imortalizavam quem a havia escrito, em contrapartida, em nossa atual cultura, metamorfoseou-se este tema nas narrativas, pois em vez de imortalizar o autor a obra passou a ser sua assassina, de tal forma que,

esta relação da escrita com a morte manifesta-se também no apagamento dos caracteres individuais do sujeito que escreve; por intermédio de todo emaranhado que estabelece entre ele próprio e o que escreve, ele retira a todos os signos a sua individualidade particular, a marca do escritor não é mais do que a singularidade da sua ausência; é-lhe necessário representar o papel do morto no jogo da escrita.” (FOUCAULT, 1992: 36-37).

Esta reflexão de Foucault torna-se ainda mais delicada em nossa discussão porque, realmente, houve uma tentativa dos editores em minimizar a ausência do escritor enquanto tal. Desta forma, apresentar a teorização de Saussure solicitou, minimamente, uma tarefa extra, por parte dos editores, que tentaram extrair o que havia de mais importante das aulas do professor, sem que isso apagasse totalmente a presença de Saussure. O prefácio é rico de exemplos dessa angustiante decisão dos autores sobre como editar o livro. A guisa de exemplo, Bally e Sechehaye ([1916] 1974) se questionaram se não seria melhor terem por base somente o terceiro curso, porém, entendiam que tal decisão não daria uma ideia completa das teorias e métodos de Saussure, além disso,

Foi-nos sugerido que reproduzíssemos fielmente certos trechos particularmente originais; tal idéia nos agradou, a princípio, mas logo se evidenciou que prejudicaria o pensamento de nosso mestre se apresentássemos apenas fragmentos de uma construção cujo valor só aparece no conjunto. (BALLY, SECHEHAYE, [1916] 1974: 3).

Como observamos, os editores tiveram uma preocupação em apresentar Saussure da melhor forma que lhes foi possível, sabedores de limites quanto a esta tarefa.

Para Barthes (1988), essa tentativa de unir a obra à pessoa é vã, pois está mais próxima de questões capitalistas que envolvem a autoria, do que de algo que possa realmente ter um real valor. A partir de uma obra de Balzac, intitulada *Sarrasine*, Barthes (1988: 66) questiona: quem é que fala? Seria o herói da novela? O indivíduo Balzac com sua experiência pessoal? O autor Balzac professando ideias literárias? Seria a sabedoria universal? A psicologia romântica? Enfim, afirma que “Jamais será possível saber, pela simples razão que a escritura é a destruição de toda voz, de toda origem. A escritura é esse neutro, esse composto, esse oblíquo aonde foge o nosso sujeito, o branco-e-preto, onde vem se perder toda identidade, a começar pela do corpo que escreve.” (Ibidem: 66). Para este autor a origem perde a voz, o

autor entra em sua morte e a escritura inicia-se. No CLG, a voz dos editores foi aquela que produziu a obra, a voz dos editores foi uma tentativa de dar voz à teorização saussureana.

Similar a esta visão de Barthes, Bakhtin (1997) também pontua um impossível da origem, pois, para este autor, aquele que escreve está repleto do discurso do outro, e seu texto apresenta sempre outras vozes. Considerando estas duas posições, de Barthes e Bakhtin, ou seja, da presença do outro nos textos dos autores, é possível compreendermos por que alguns estudiosos, que se nomeiam defensores em busca de um verdadeiro Saussure, no sentido de ter sido usurpado e deformado por seus editores, estão em busca da autenticidade, similar ao que verifica Barthes (1988: 67) “(...) a *explicação* da obra é sempre buscada do lado de quem a produziu, como se, através da alegoria mais ou menos transparente da ficção, fosse sempre afinal a voz de uma só e mesma pessoa, o *autor*, a entregar a sua "confidência". (...)”, como se fosse possível extrair A teoria, uma espécie de mito ou fonte sagrada dos ensinamentos saussureanos.

Alguns autores acreditam que se deve separar radicalmente o que é de Saussure e o que é dos editores, por exemplo, Bouquet (2004) e Calvet (1977), enquanto outros estudiosos ressaltam que o CLG é justamente o resultado do ensino de Saussure, associado à edição promovida pelos alunos, como atestam Silveira (2007), Milner (2002) e Normand ([2000]2009). Utilizando-nos das palavras de Normand ([2000]2009: 18), “(...) esse texto [CLG], muitas vezes reeditado e traduzido, continuarei, segundo a tradição, a chamá-lo de *Saussure*”. Também para nós, Saussure é possível de ser lido no CLG, da forma como o recebemos, há quase um século.

Foucault (1992: 45) nos instiga a pensar no autor, sem focar na sua pessoa, e observa que o nome de autor indica que não se trata de um discurso qualquer, indiferente, rotineiro, mas que se refere a certa maneira, que, em uma determinada cultura, este nome deve ser recebido, e, com estatuto específico. O nome do autor “(...) não está situado no estado civil dos homens nem na ficção da obra, mas sim na ruptura que instaura certo grupo de discursos e o seu modo de ser singular.” (FOUCAULT, 1992: 45-46). Constata que alguns discursos são providos de função autor enquanto outros não, de tal forma que “A função autor é, assim, característica do modo de existência, de circulação e de funcionamento de alguns discursos no interior de uma sociedade.” (Ibidem: 46). Note-se que este autor não está se referindo a uma pessoa física, nem a uma função autor que se exerça de forma universal e constante sobre todos os discursos. Houve um tempo em que os textos eram colocados em circulação como portadores de verdade, independente de quem os assinavam como autor, no entanto, atualmente, quando se apresenta um texto em anonimato “(...) imediatamente se inicia o jogo

de encontrar o autor. O anonimato literário não nos é suportável; apenas o aceitamos a título de enigma. (...)” (FOUCAULT, 1992: 49-50). Desta forma, os sentidos que conferimos, ou, o estatuto e o valor que damos a um texto, dependerá da resposta a, por exemplo, de onde veio? Quem o escreveu? Em que data? Em que circunstâncias? A partir de qual projeto?

Foucault (1992: 50-51) esclarece que a função autor não se forma espontaneamente, é antes a construção de um ser racional, um lugar originário da escrita. O indivíduo designado como autor é uma projeção psicologizante nossa, “(...) do tratamento a que submetemos os textos, as aproximações que operamos, os traços que estabelecemos como pertinentes, as continuidades que admitimos ou as exclusões que efetuamos. Todas essas operações variam consoante as épocas e os tipos de discurso. (...)” (Ibidem: 51). No entanto, ressalta Foucault (1992: 55), a função autor não é uma pura e simples reconstrução que se faz em segunda mão de textos inertes. “(...) Seria tão falso procurar o autor no escritor real como no locutor fictício; a função autor efectua-se na própria cisão – nessa divisão e nessa distância. [] De facto, todos os discursos de que são providos da função autor comportam esta pluralidade de “eus”.” (Ibidem: 55). Aborda três possibilidades de eus: o eu que fala no prefácio de um tratado de matemática, e, que indica as circunstâncias da sua produção, que é diferente daquele que fala numa demonstração e que surge como ‘eu concluo’, que é o indivíduo que fez certo trabalho, e ainda de um eu que fala do significado do trabalho, dos obstáculos, dos resultados e problemas obtidos. Segundo Foucault (1992: 56) “(...) a função autor desempenha um papel de tal ordem que dá lugar à dispersão destes três “eus” simultâneos.” Observamos uma proximidade entre os autores Foucault e Barthes (1988), pois este também postula que o autor é um constituído no ato da escrita, e também com Bakhtin (1997, 2003), onde o autor se constrói se reconhecendo no outro.

Neste sentido, quanto ao CLG, há um jogo em busca do verdadeiro e falso Saussure. Autêntico e falseado. Parece-nos, e também a Foucault, Barthes e Bakhtin, que não é o melhor caminho para se chegar à questão da autoria, assim como para Normand ([2000] 2009), que diz:

Pode-se julgar a importância de um texto pelo que ele comporta em si mesmo e não pela referência a um autor solitário e consagrado. A tendência é, sobretudo hoje, de retornar ao “autor” em busca do que se presume que, como pessoa, ele desejasse comunicar. Tende-se, então, a invalidar o caminho da leitura precedente, julgada redutora: certa hermenêutica recobre a semiótica; o “verdadeiro” Saussure importa mais que esse curso póstumo, publicado sob seu nome e sem sua consulta. (NORMAND, [2000] 2009: 19).

Desta maneira, Normand nos convida a pensarmos no que o texto em si possibilita, e não nos reportarmos, insistentemente, à pessoa de Saussure.

Segundo Barthes (1998: 70) “(...) Dar ao texto um Autor é impor-lhe um travão, é provê-lo de um significado último, é fechar a escritura.(...)”. Isto nos faz pensar em como seria complicado se conseguíssemos tal proposição, ou seja, tamponar as fissuras e hiências que há no CLG, para, então, finalmente termos um Saussure fechado em sua teoria. Buscar incessantemente o que exatamente Saussure falou em sala de aula, como foi tal ou qual frase, pode se tornar uma possibilidade de engessar o texto. Para Barthes (1988),

(...) a escritura propõe sentido sem parar, mas é para evaporá-lo: ela procede a uma isenção sistemática do sentido. Por isso mesmo, a literatura (seria melhor passar-se a dizer a *escritura*), recusando designar ao texto (e ao mundo como texto) um "segredo", isto é, um sentido último, libera uma atividade a que se poderia chamar contrateológica, propriamente revolucionária, pois a recusa de parar o sentido é finalmente a recusa de Deus e de suas hipóteses: a razão, a ciência, a lei. (BARTHES, 1988: 69-70).

Gostaríamos de pensar na obra de Saussure sob esta perspectiva, aceitando suas fissuras, suas rachaduras e hiências, mesmo porque, em nossa concepção, sempre produzidos por um sujeito do inconsciente, portanto cindido pela linguagem e pelo não saber. Aceitar esta obra desta forma nos faz compreender os possíveis sentidos que o texto pode adquirir conforme o leitor e a época, mas, sobretudo, contribui para voltarmos nossos olhares para seus desdobramentos, para seu devir enquanto obra sustentadora de um lugar nas ciências.

Para o historiador Veyne (1982), o livro unicamente em si e por si mesmo, ou seja, como individualidade que deveria conservar sua fisionomia através dos tempos,

(...) *não existe* (só existe sua relação com cada um dos intérpretes), mas ela *é algo*: ela é determinada em cada relação; a significação que teve em seu tempo, por exemplo, pode ser objeto de discussões positivas. O que existe, em compensação, é a *matéria* da obra, mas essa matéria não é nada enquanto a relação não faz dela isso ou aquilo. [...] Essa matéria é o texto manuscrito ou impresso, enquanto esse texto é *susceptível* de tomar *um* sentido (...) (VEYNE, 1982: 179).

Para este autor, o devir de uma obra lançada ao público escapa ao poder de qualquer autor, mesmo para aquele que tenha ele mesmo escrito o livro. No caso específico do CLG, é um livro que tem relação com seus intérpretes, **antes** e **depois**, de ser lançado como obra, já que não foi escrita pelo próprio Saussure. Este aspecto é necessário ressaltar: um livro ao ser organizado por meio das anotações de alunos, com algumas poucas páginas manuscritas do professor, e, mais o que tinham ouvido de Saussure em sala de aula, pode-se pressupor que teria, no mínimo, um ‘duplo compromisso’, no sentido de ter um compromisso com a

compreensão que os alunos estabeleceram com relação ao ensino de Saussure. Dito de outra forma, acreditar que um livro editado e publicado por duas pessoas que creditam a autoria a outrem, expressaria *ipsis litteris* a teorização saussureana, como parece ser o desejo de Bouquet (2004), Calvet (1977) e outros, parece uma grande inocência, pois o CLG está duplamente comprometido, de um lado com a compreensão que os alunos atribuíram ao que ouviram do ensinamento do mestre, e, de outro, com a própria teorização de Ferdinand de Saussure.

O que o professor falou em sala de aula tomou um aspecto de livro *a posteriori*. Há que se considerar o limiar da sala de aula, trata-se do que Saussure falou e do que não falou. Abordamos no primeiro capítulo ⁵⁷ um silêncio que se referia justamente a isto, ao fato de que Saussure não falara tudo a seus alunos. Ademais, se trata do que ele ensinou nos três cursos, associado ao que ele não disse, e que tudo isso teve uma consequência teórica importante para a história da linguística e das ciências humanas em geral.

O resultado do que Saussure disse e do que silenciou possibilitou a existência do CLG da forma como o conhecemos, e, em nossa perspectiva, em sua teorização que passou em seu ensino, alguma coisa de inédito chegou até os alunos, ultrapassou a comunicação, embora, como bem verificou Normand ([2006] 2009b) “(...) O que parece indicar que, lá onde vemos um corte, Saussure (E/ou seus editores) não o via(m) claramente.” (Ibidem: 35). Não viam porque não há como o sujeito saber tudo de si, nas palavras de Lacan (2008: 102) “(...) há um saber que não se sabe, um saber que se baseia no significante como tal. (...)”, ou seja, não se trata apenas de sentidos, o que não impediu que os significantes viessem à tona, isto é, Saussure ensinou, embora não pudesse cobrir todo o sentido de seu ensino, e os alunos levaram o que aprenderam ao público, apesar de também não poderem recolher todo o significado de tal ensino.

Neste sentido, a proposição de Silveira (2007), de fundo psicanalítico, parece-nos assertiva, pois afirma que a transmissão opera em nível do inconsciente, o não-sabido está em funcionamento a “(...) despeito do que sabe o sujeito, a verdade deixa as suas marcas no saber” (Ibidem: 77). E, se Saussure não sabia, os alunos também não sabiam, pelo menos não sabiam pela via do ‘Eu senhor de si’, do racional, mas esse algo que foi transmitido deixou marcas. Saussure persistia nos seus estudos, e os alunos, pela via de uma transmissão, quiseram levar adiante o que ‘adivinham’ de inédito nas aulas do professor.

⁵⁷ Ver parte 5.

Para Normand ([2000] 2009), o CLG é um texto tomado na história de suas interpretações, uma história que não terminou, embora, por vezes, se acredite que haja A⁵⁸ interpretação. Esta obra testemunha “(...) ao mesmo tempo, a novidade de um pensamento e as dificuldades de elaborá-lo, bem como de fazê-lo ser entendido. (...)” (Ibidem: 113). Ser entendido, como e de que forma, é algo impossível de reter ou mesmo de se prever.

Barthes (1998) também assegura que o texto sofre uma leitura, uma interpretação, que não se refere a algo pronto e encerrado, em sua visão,

(...) um texto não é feito de uma linha de palavras a produzir um sentido único, de certa maneira teológico (que seria a "mensagem" do Autor-Deus), mas um espaço de dimensões múltiplas, onde se casam e se contestam escrituras variadas, das quais nenhuma é original: o texto é um tecido de citações, saídas dos mil focos da cultura (...) (BARTHES, 1998: 68-69).

Mas, enfim, o que este texto de Saussure possui, possibilita, inviabiliza, para que haja tantas contendas, tantas defesas e ataques em seu entorno, já que os textos, de uma forma geral, bem como o autor, estariam nessa possibilidade de uma múltipla dimensão, das vozes por detrás do texto, das interpretações dos leitores?

Foucault (1992) chama nossa atenção, ao atestar que ao longo do século XIX apareceram autores singulares, que não podem ser confundidos com autores literários, religiosos ou com fundadores de ciência. “(...) Chamemo-lhes então, de forma um pouco arbitrária, “fundadores de discursividade.” (Ibidem: 58), em sua visão:

Esses autores têm isto de particular: não são apenas os autores das suas obras, dos seus livros. Produziram alguma coisa mais: **a possibilidade e a regra de formação de outros textos**. Neste sentido, eles são muito diferentes, por exemplo, de um autor de romances, que nunca é, no fundo, senão o autor do seu próprio texto. Freud não é simplesmente o autor de *Traumdeutung* ou do *Mot d'Espirit*; Marx não é simplesmente o autor do Manifesto ou de O Capital: eles **estabeleceram uma possibilidade indefinida de discursos**. (FOUCAULT, 1992: 58). Grifos nossos.

Seria esta possibilidade indefinida de discursos que movimenta os embates ao redor das obras? Quando nós nos inquirimos se as teorizações do CLG poderiam nos guiar na questão da autoria, percebemos, no decorrer desta discussão, que esta pergunta é fundamental, pois Saussure, assim como Marx e Freud, cada qual com suas particularidades fazem parte do rol daquilo que Foucault chama de instauração de nova discursividade, isto é, o efeito do CLG excedeu a própria obra, não se trata apenas se Saussure escreveu cada linha do que se encontra no CLG, mas, antes, o que esta obra proporcionou ao século XXI.

⁵⁸ A edição, com o artigo em maiúsculo, foi uma expressão utilizada por Silveira (2007: 42) para destacar o processo de produção do livro.

Foi a partir deste texto, CLG, com a teoria da sincronia, do sistema de valores, do significante e do significado, entre outras, que outros autores puderam progredir em suas áreas. Como exemplo a psicanálise, e em como Lacan utilizou a questão do significante para abordar o inconsciente a partir de Freud, e assim realizar uma nova leitura sobre o sujeito do inconsciente; ou a antropologia, e, em Levi-Strauss, que com seus estudos sobre as estruturas elementares da família também conquistou a distinção de pai da linguística estrutural, ou na própria linguística, em como Émile Benveniste avançou na questão da fala e elaborou uma teorização sobre a enunciação. Estes autores, citados como exemplo, puderam trabalhar suas questões de uma maneira diferente, contudo, baseando-se na herança teórica do pai da linguística e do estruturalismo.

Normand ([2000] 2009) também se posiciona de forma similar, ainda que não utilize o termo ‘instauradores de discursividade’ como Foucault, mas, apontando a novidade no discurso no CLG, na maneira de se trabalhar, no recorte epistemológico que provocou. O excerto é longo, mas digno de ser reproduzido integralmente:

(...) o CLG seria um texto *fundamental* ou um texto *fundador*? “Fundamental”, todos o admitem, mas na continuidade da gramática comparada; é assim que o consideram os contemporâneos, que não o separavam do trabalho comparatista do *Trabalho sobre o sistema primitivo* de 1878; é assim que o julgava, em 1978, J. Milner, garantindo que o *Curso* forneceu epistemologia de que a gramática comparada necessitava. Mas outros lhe atribuíram uma novidade mais radical e, ao retomarem o termo bachelardiano, promovido por Althusser nos anos de 1960, viram no CLG uma “ruptura” (ou “corte”) epistemológico, consagrando-o, assim, como texto “fundador” de uma ciência nova.(...)” (NORMAND, [2000] 2009: 118)

Esta autora afirma o quanto o CLG é um livro que surge modificando a maneira de se pensar até então, e, indica um lugar específico e inédito, isto é, “(...) um ”corte epistemológico”, nos termos de Althusser, retomando Bachelard, propunha para Marx. [] Pensávamos – e com razão, continuo a crer – que Saussure provocou uma reviravolta na linguística; quanto à reviravolta do mundo, basta seguir o movimento ...” (Ibidem: 16). Normand ([2000] 2009) propõe o lugar de fundador, o lugar que fez corte nos discursos da ciência até então. Esta autora não deixa de mencionar que embora o CLG, especialmente nos dias atuais, sofra uma negação ou um silenciamento por parte de muitos estudiosos, não foi sempre assim, pois

(...) o texto propriamente dito, o que durante várias décadas foi atribuído a Saussure e comentado sob seu nome, mesmo que se conhecesse seu estatuto de obra modificada, escrita posteriormente e por outros, esse *Curso*, que teve efeitos tamanhos que se pode falar de *saussurismo* ou mesmo de *saussurianismo*, qual é seu modo de existência hoje? Dele não há, na França, edição de bolso, apesar de circular em esse formato, depois de muito tempo, Benveniste, Jakobson, Barthes,

que a ele se referem como a um momento decisivo para seus próprios trabalhos. (...) (NORMAND, [2000] 2009: 17).

Em outras palavras, embora haja atualmente uma negação de Saussure, ele continua ocupando seu lugar na história das ciências. Foucault (1992) também avança nessa direção, reforçando que os textos que instauram uma discursividade podem ser notados pelo que provocam num *a posteriori* inclusive ao contrário, ou seja, como uma tentativa de negar o texto fundador. Assim observa,

(...) como “instauradores de discursividade”, quero dizer que eles não só tornaram possível um certo número de analogias como também tornaram possível (e de que maneira) um certo número de diferenças. Eles abriram o espaço para outra coisa diferente deles e que, no entanto, pertence ao que eles fundaram (...)” (FOUCAULT, 1992: 60).

De facto, Galileu não tornou apenas possíveis todos os que, depois dele, vieram repetir as leis que ele tinha formulado, mas também possibilitou enunciados muito diferentes dos que ele mesmo havia produzido.(...) (Ibidem: 60).

Estas ponderações nos permitem dizer que, para firmar uma área ou um lugar de trabalho, tal lugar é construído a partir da negação dos pressupostos teóricos de Saussure, ainda assim, ou melhor, por isso mesmo o lugar e o espaço daquele marco é reafirmado, e a fundação da linguística e do estruturalismo retoma seu lugar. A asserção nos possibilita afirmar que, o que importa não é apenas a produção realizada a partir dos pressupostos teóricos de Saussure, mas, sobretudo, por seguirem em direções muito diferentes daquela que ele havia proposto. É o próprio Foucault (1992) quem explica

Se Cuvier é o fundador da biologia ou Saussure o da linguística, não é por terem sido imitados, nem porque o conceito de organismo ou de signo foi depois, aqui ou ali, retomado, mas porque [] Saussure tornou possível uma gramática generativa que é muito diferente das suas análises estruturais. (...). (FOUCAULT, 1992: 60-61).

Quando um cientista para estruturar sua área de atuação, afirma que seu lugar é distinto de outro marco, como é o caso de Chomsky com relação à Saussure, o marco saussureano é reforçado e assegura seu espaço singular, porque outros produzirão por outro caminho, distinto daquele já existente.

Ainda é importante notar que Foucault diferencia a instauração de uma cientificidade da instauração de uma discursividade. Para este autor a questão da cientificidade é um ato que aparecerá no decurso de transformações ulteriores dessa ciência de forma a poder ser sempre reintroduzido nas transformações que dele deriva. Ao contrário, quando se trata de uma nova

discursividade fundada, ela “(...) é heterogênea em relação às suas transformações ulteriores. (...)” (FOUCAULT, 1992: 62), o que permite que haja novas possibilidades de aplicação, principalmente se não isolarmos no ato de fundação o devir da teorização. A proposta não é endeusar tudo o que há em determinada obra, mas reconhecer quando se tem em uma obra algo que chega mesmo a ultrapassar a novidade, porque as novidades se tornam obsoletas no surgimento de outras novas. No caso de alguns estudiosos, eles não se tornam obsoletos, por mais que muitos tentem negá-los.

Para Foucault (1992: 63), estes instauradores de discursividade não se situam em relação à ciência em determinado espaço, mas é antes, a ciência ou as discursividades que se relacionam com determinada obra, por isso talvez haja, constantemente, um retorno às origens. No entanto, Foucault entende de uma maneira muito específica o que seja este ‘retorno às origens’, isto é, torna-se necessário que primeiro tenha havido um esquecimento essencial e constitutivo (Ibidem, 64), no sentido de não ser accidental, e, que se possa situar o retorno ao ato instaurador. Esse retorno se dá no próprio texto, em sua nudez e ao mesmo tempo ao que está marcado em vazio, em ausência, como tão bem ressalta Foucault,

(...) Regressa-se a um certo vazio que o esquecimento tornou esquivo ou mascarou, que recobriu com uma falsa ou defeituosa plenitude, e o retorno deva redescobrir essa lacuna, e essa falta; daí o jogo perpétuo que caracteriza os retornos à instauração discursiva. É um jogo que consiste em dizer, por um lado: isto estava cá, era só preciso ler, está lá tudo, foi preciso os olhos estarem muito fechados e os ouvidos muito tapados para que se não visse ou ouvisse; e, inversamente: não, não está nada nesta palavra, nem naquela, nenhuma das palavras visíveis e legíveis diz alguma coisa sobre o que está em questão, trata-se antes do que é dito, através das palavras, no seu espaçamento, na distância que as separa.(...). (FOUCAULT, 1992: 65).

Não queremos adentrar em uma discussão se o CLG é instaurador de um discurso ou de uma ciência, ou de ambos, mas, primeiramente, apontar esta característica do CLG, por seus conteúdos, por suas possibilidades de um devir teórico. Normand ([2000] 2009) assim se expressa a respeito desta obra:

Pessoalmente, eu o trato com um objeto histórico: *histórico*, como Descartes, Espinosa, Freud e tantos outros que não deixamos de reler, porque nos dizem, de uma só vez, o seu tempo e a novidade que desejam introduzir; *objeto*, como, entre os clássicos, dizia-se do que suscitava paixão, envolvimento ou, ao menos, interesse suficiente para trabalhar para conquistá-lo, sem esperança de, verdadeiramente, conseguir isso. (NORMAND, [2000] 2009: 20).

Conforme Normand indica, não há como negar que o CLG é uma obra, ou um livro único, enigmático, e que movimentou uma forma de se pensar.

Esta questão sobre um texto ser livro ou obra é algo instigante. E é Foucault (1992: 37) que viabiliza avanços acerca de uma reflexão sobre obra, ao se questionar o que é uma obra, em que consiste, que elementos a compõem, e, se uma obra é o que escreveu um autor? Para Foucault (1992) a individualidade obra é tão problemática quanto à individualidade autor. Em suas palavras:

Quando se empreende, por exemplo, a publicação das obras de Nietzsche, onde é que se deve parar? Será com certeza preciso publicar tudo, mas que quer dizer esse “tudo”? Tudo o que o próprio Nietzsche publicou, sem dúvida. Os rascunhos das suas obras? Evidentemente. Os projectos de aforismos? Sim. As emendas, as notas de rodapé? Também. Mas quando, no interior de um caderno cheio de aforismos, se encontra uma referência, uma indicação de um encontro ou de um endereço, um recibo de lavanderia: obra ou não? Mas por que não? E isto indefinidamente. Como definir uma obra entre os milhões de vestígios deixados por alguém depois da morte? A teoria da obra não existe, e os que ingenuamente empreendem a edição de obras completas sentem a falta dessa teoria e depressa o seu trabalho empírico fica paralisado. (...) (FOUCAULT, 1992: 38-39).

Como os editores do CLG conseguiram produzir e editar o livro, parece-nos que aceitaram a incompletude do trabalho, e, que realmente, não conseguiriam fazer jus ao professor e a seu ensino. Para nós está claro que o CLG é uma obra de Saussure, mas não é toda a sua obra, pois temos um conjunto de textos reunidos sob o nome de Saussure – suas obras publicadas em vida e *pós-mortem* – que não forma um todo uníssono, embora não estejam completamente sem relação. Neste sentido, compreende-se por que alguns autores sejam tão agressivos quanto ao CLG, pois muitos querem afirmar o lugar do Saussure como neogramático, ou do Saussure nos anagramas, ou aquele dos manuscritos.

Para nós a solução é mais simples, tudo o que está reunido em seu nome é obra de um único e mesmo Saussure clivado por dúvidas e questões, marcado por hiências, movimentado pelo desejo, guiado pela persistência. Cada uma com conotações específicas, mas não totalmente distintas ou separadas de si, e, é justamente por seu recorte histórico ou epistemológico, isto é, por suas postulações teóricas, que Saussure, autor, precisa ser lembrado e retomado.

3. Os manuscritos: seu lugar na autoria de Saussure

Entre as muitas obras que recebem o nome de Saussure, não poderíamos deixar de abordar os manuscritos, e chamá-los para a discussão da autoria em Saussure, especialmente porque alguns autores que discutem os manuscritos e questionam a autoria de Saussure sobre

o CLG amparam-se nestes escritos de próprio punho de Saussure, no sentido de que, por ter sido escrito por Saussure, estes sim, seriam de sua autoria.

Um dos autores que se propõem a defender tal empreendimento é Bouquet (2004), que se utiliza dos manuscritos como uma das formas de questionar a autoria do CLG. Ele se refere a algumas postulações teóricas do CLG, em comparação com as teorizações contidas nos manuscritos, e que, para ele possibilitam que

A leitura dos textos originais, livre da influência do *Cours de Linguistique Générale* e recolocada no quadro de uma teoria dos saberes, permite descobrir os modos pelos quais se tece a relação e complementaridade, que liga uma epistemologia da gramática comparada a uma metafísica da linguagem renovada por essa epistemologia – e que produz uma “epistemologia programática”, ou seja, a projeção metafísica da epistemologia de uma ciência futura, da qual uma gramática do sentido constitui o quadrante principal. (BOUQUET, 2004: 16).

Na compreensão de Bouquet (2004), os editores destituíram as bases filosóficas sobre as quais se edifica nos textos originais, ou seja, em sua visão os manuscritos se dirigem para uma epistemologia geral, enquanto os textos de Bally e Sechehaye refletem o estatuto de uma ciência humana no campo dos saberes⁵⁹.

Bouquet (2004) ainda propõe que somente os manuscritos de Saussure permitem que se observe uma epistemologia da gramática comparada a uma metafísica da epistemologia de uma ciência futura, e ainda, que a leitura dos textos originais dissipa qualquer mal-entendido ocorrido no CLG. Esta é uma questão extremamente delicada, pois embora não afirme explicitamente, parece que para Bouquet (2004) a autoria de Saussure está relacionada aos textos diretamente por ele escritos e conforme sua interpretação, que corresponde a questões epistemológicas gerais e filosóficas até então suprimidas no CLG.

No entanto, observamos que para chegar a tal afirmação, uma leitura completa dos manuscritos deveria ter sido realizada, e não apenas leituras parciais. De acordo com nossas pesquisas em relação aos trabalhos com os manuscritos, ninguém ainda realizou tal feito, não apenas pela enorme quantidade de materiais escritos, como também pelas condições e acesso a estes textos.

Ademais, os manuscritos possuem algumas questões específicas que não devem ser desconsideradas, e, uma delas, é a questão temporal, ou seja, o período em que Saussure escreveu estes materiais é um problema, já que nem todos se encontram datados. Este é um

⁵⁹ É importante distinguirmos a posição entre Bouquet e Milner, pois, embora Milner aponte problemas teóricos no CLG, ele credita tais questões a Saussure e o considera autor do livro, enquanto que Bouquet, embora também aponte problemas teóricos no CLG, ele os credita aos editores, e coloca em xeque a autoria de Saussure sobre o CLG.

risco que não se pode desconsiderar: Saussure escreveu por mais de trinta anos, o que nos habilita a detectar que seus pensamentos sofreram modificações ao longo destes anos, e utilizar um texto antigo em comparação ao CLG, que é o texto que mais se aproximaria de suas ideias em um último estágio, seria de um anacronismo selvagem, a não ser que a intenção seja justamente esta: demonstrar o percurso, a *démarche* de algum ponto da teoria do genebrino. Enfim, não se deve desconsiderar o fator tempo, nem o tempo que suas reflexões levaram para chegar a um determinado estágio.

A formulação de uma teoria, além de estar ancorada em um lugar, no caso de Saussure na gramática comparativa, não prescinde de uma elaboração ocorrida com o passar dos anos. Não somos contrários a leituras parciais de tal ou qual manuscrito, todavia, ao tomar os manuscritos para leitura é imprescindível ter a clareza de que não se trata de uma opinião final, tampouco, de uma leitura total e completa dos textos manuscritos. Ademais, quem poderá alegar que, a sua forma de ler e compreender Saussure, nos manuscritos, é a melhor e a definitiva?

A leitura de Bouquet, nos parece, é mais uma forma de se ler Saussure nos manuscritos. Será a única? Esta deverá ser a palavra final? Não nos parece. Outros trabalhos se deslocam para outras direções, por exemplo, Vinhais (2010) investigou parte desse conflito sobre a autenticidade dos manuscritos em contraposição ao CLG, e elaborou uma pesquisa com o intuito de realizar um comparativo, com base na teoria do valor, utilizando como material de análise o CLG e os ELG. Em suas conclusões, embora houvesse diferenças quanto a enfoque ou formas de realizar algumas afirmações, a autora constatou que, o que havia da teoria do valor no CLG também era encontrado nos ELG. Fundamentalmente, não são duas teorias, ou com postulações contrárias, são antes, formas diferentes de se escrever sobre uma mesma teoria.

Silveira (2007) também realizou um trabalho com os manuscritos, e sua intenção era trabalhar com as marcas de Saussure presentes na Première Conférence à l'Université (cours de ouverture), isto é, trabalhar com as rasuras da primeira conferência, a fim de mostrar aquilo que Saussure escreve e como ele escreve, detendo-se especialmente em alguns pontos de tensão: as rasuras, os incisos e as substituições. A autora salienta que não é possível falar em um Saussure uno nos manuscritos, pois ele se divide entre seu saber estabelecido e aquele que ainda não pode dizer. (Ibidem: 118).

Contudo, antes de iniciar a análise, Silveira (2007) delineou algumas observações perante a posição de Bouquet e Engler, especificamente, quanto aos ELG. Para estes dois autores, os ELG se referem aos textos de Saussure na íntegra. Quanto a este trabalho, Silveira

(2007) destaca que é clara a decisão de Bouquet e Engler, em excluir as rasuras. Desta maneira, o texto estabelecido, conforme o critério dos dois editores permite uma leitura menos tensa, diferentemente do que ocorre quando nos deparamos diretamente com os manuscritos. Todavia, quanto ao ELG, “(...) resta a sensação de que houve uma edição por parte de Bouquet e Engler e não um estabelecimento do texto. No sentido mesmo em que edição se aproxima do trabalho feito por Bally e Sechehaye.” (Ibidem: 123), de tal forma, que Silveira nomeia Bouquet e Engler como neo-editores. Para a autora é impossível ignorar as eclipses de sentido das rasuras e os impasses sem sentido na tentativa de escrita, na escrita e na reescrita, de maneira que se percebe uma tentativa de escrever o que ninguém ainda escrevera. Assim, quanto ao ELG, Bouquet e Engler eliminaram “(...) de um lado, a angústia de Saussure e, de outro, o desconcerto do leitor, ou o seu embaraço.” (Ibidem: 124), o que pressupõe, para Silveira (2007), que os ELG, à sua maneira, assim como o CLG, foi editado.

Em suas reflexões com os manuscritos, Silveira (2007) trabalhou com a opção teórica da psicanálise, uma vez que em sua concepção importa *a priori* como Saussure escreveu, o que não é sem relação com o que ele escreveu. Observa que aquilo que rompe retorna no texto, como repetições ou mesmo integrado no próprio texto, o que já apontaria um deslocamento nas elaborações de Saussure.

Silveira (2007) irá demonstrar alguns desses deslocamentos nos manuscritos analisados, quais sejam: a) o incômodo com o lugar que os estudos da linguagem ocupavam e uma tentativa em dizer do lugar que deveriam ocupar; b) um movimento que concede um certo lugar ao geral e ao particular nos estudos da linguagem, que traz efeitos para a definição do objeto da linguística; c) o objeto da linguística em uma tentativa de destituir o que é acessório e o que é central neste objeto, o que desenharia a possibilidade de fundar um campo e d) a questão da fala principalmente em oposição à língua, que neste manuscrito ainda não teria encontrado seu lugar.

Enfim, Silveira (2007) afirma que neste manuscrito houve um movimento de elaboração, mas também, houve um resto desse movimento. “Se, por um lado, a tensão que as rasuras parecem mostrar aponta para uma elaboração como também indica a passagem da repetição para a reformulação, por outro lado, nem tudo se resolveu.” (Ibidem: 143). Desta forma, Silveira (2007) propôs um caminho para se entrar nos manuscritos e se trabalhar com o que surge nestes materiais, ou seja, suas paradas, seus brancos, suas rasuras.

Em outro texto, Silveira (2011) ressalta que ao entrarmos nos manuscritos e nos depararmos com as rasuras,

(...) é preciso esperar também que essa mesma indicação leve a nenhum deciframento, pois o novo pode ainda não estar construído, apenas indicado, ou mesmo pode ser a hora do não sentido, e não do novo. O fundamental para nós, nesse momento, é indicar que o ‘flagrante delito do absurdo’, que a rasura muitas vezes convoca, mais do que colocá-la fora do jogo, pode nos oferecer um percurso de caminho. (SILVEIRA, 2011: 55)

Estas indicações de Silveira (2007, 2011) nos revelam uma possibilidade de se abordar a autoria de Saussure em seus manuscritos. Como já dito, não se trata do simples fato dele mesmo ter escrito, e sim das marcas deixadas pelo autor, tanto na teorização que o elevou posteriormente à condição de fundador de duas áreas, ou seja, os caminhos e descaminhos de Saussure em sua elaboração de uma nova teorização, como também pelo não sentido imposto nas suas escritas, mas, não em contradição ou oposição ao CLG. Interessa-nos a leitura dos manuscritos pelos manuscritos, ou seja, pelo o que há neles, como a possibilidade de atestar o novo, ou pela presença enigmática e sem sentido da construção de Saussure.

Normand ([2000] 2009) situa os trabalhos com referência aos estudos saussureanos em dois tipos de publicação: de um lado, os trabalhos que sucederam o CLG e o consideravam como unanimidade, e, de outro lado, a publicação dos inéditos, isto é, de seus manuscritos que têm o objetivo de encontrar o pensamento autêntico de Saussure. Para esta autora “(...) o *Curso*, qualificado como “apócrifo” por Jakobson, é então reduzido ao estatuto duvidoso de vulgata, ou seja, de contrafação. Os comentários críticos dirigem-se ao pensamento de certo modo redescoberto do “verdadeiro” Saussure.” (Ibidem: 117). Esta autora faz emergir a tentativa de alguns autores em desconstruir o CLG em detrimento do surgimento dos manuscritos. Entretanto, em sua visão, os manuscritos também não possuem forçosamente uma única interpretação, ou seja, quanto aos manuscritos “(...) só se pode esperar uma reconstituição, logo, uma interpretação. Se for buscada a última palavra de uma teoria e a verdade de um pensamento, é melhor renunciar a Saussure. (...)” (NORMAND, [2000] 2009: 169). Esta afirmação denuncia perigosos riscos em se querer oferecer A interpretação dos manuscritos.

Para Normand ([2000] 2009) essa busca pelo verdadeiro Saussure não traz grandes contribuições, é forçosamente uma posição contrária à edição do CLG, mesmo que não se tenha chegado a grandes diferenciações. Em sua visão,

Com efeito, mais do que um questionamento profundo do CLG, a leitura dos manuscritos, com suas hesitações, suas rasuras, suas repetições e também seus silêncios, obriga a renunciar à imagem de uma teoria acabada; mas isso seria, a bem dizer, a impressão que se poderia retirar da leitura do próprio *Curso*. (NORMAND, [2000] 2009: 109).

De acordo com Normand ([2000] 2009) é possível ler Saussure tanto no CLG quanto nos próprios manuscritos. Mas a questão que se coloca é de que forma essa leitura será realizada. Normand ([2000] 2009) explica os motivos pelos quais, mesmo depois da descoberta dos manuscritos, continuou a ler o CLG. Em suas palavras,

Se, depois disso, continuei trabalhando no texto do CLG em vez dos manuscritos, foi porque, em minha perspectiva – a da história recente da Linguística na história das Ciências Humanas – esse texto, amplamente acessível é o único conhecido durante o período estruturalista, teve um papel maior. Só trabalhei nas *Fontes* após o Colóquio Cerisy *Saussure aujourd'hui* (1992) e, embora tenha ficado evidentemente fascinada (o que até então quisera evitar), não mudei fundamentalmente minha orientação: não é o *verdadeiro* Saussure que me interessa primordialmente, mas o destino de uma teoria lançada, em 1916, ao debate científico, debate que continua, ainda que a maioria dos lingüistas de hoje faça pesquisas em outras áreas, geralmente ignorando Saussure, às vezes opondo-se a ele: há pragmaticistas que afirmam que é hora de se livrar do saussurismo. (NORMAND, [2006] 2009: 99)

Ler os manuscritos no rastro de um verdadeiro Saussure, aos olhos de Normand ([2006] 2000), é uma empreitada discutível e infrutífera, afinal, onde tal tentativa nos levaria?

Silveira (2007) tem uma observação elucidativa quanto a esta questão de um possível Saussure original; em sua visão os manuscritos não teriam a função de restabelecer “(...) o *verdadeiro* Saussure, mas de ser uma possibilidade de ler Saussure, sempre dependente da posição do sujeito que o lê, e a partir dessa leitura dialogar com a leitura feita pelos editores.” (Ibidem: 36). Ademais, reitera que se a questão fosse simplesmente encontrar o verdadeiro Saussure, o trabalho com os manuscritos já teriam cumprido essa função.

Em nossa concepção, não é necessário realizar a leitura dos manuscritos com o intuito de retirar a credibilidade do CLG, pois estes materiais são de ordem completamente distinta. Claro que um grande trabalho nos aguarda com estes textos manuscritos, porém, não nos parece que seja no sentido de se questionar a autoria de Saussure, acerca do CLG, pois tal empreendimento incorre em uma visão reducionista, ao passo que entrar nos textos com outros objetivos possibilita novos desdobramentos.

Ao se ler Saussure é importante termos em mente que é uma obra creditada em seu nome, amplamente responsável pelo emblema e referência. E ao se propor a ler os manuscritos, assim como qualquer leitura que se faça de Saussure, especialmente de obras publicadas postumamente, que consigamos escapar do terror instalado em busca do verdadeiro Saussure, já que parecem ser bandeiras improdutivas.

A leitura do CLG e dos manuscritos pode ser muito proveitosa, e permite que se retire dali consequências importantes para diferentes áreas do conhecimento, como já fizeram outros estudiosos. Não acreditamos ser necessário desmontar uma das obras, ou seja, derrubar

o CLG para que os manuscritos tenham seu lugar. Nosso intuito, aliás, foi tentar mostrar que Saussure é autor do CLG, junto com os editores, bem como é autor dos manuscritos, com todos os pontos de fissura que nos mostram seu comparecimento em elaborar algo novo.

4. Saussure-autor

Saussure falou e escreveu, mas não publicou as teorizações sobre a linguística moderna, ou seja, ele resguardou sua produção em uma instância de silêncio. Essa postura foi contrária àquela que seus alunos tomariam mais tarde, e, à de alguns autores que se propõem a trabalhar com os manuscritos.

De nossa parte, tentamos sair da dualidade do que disse Saussure nos três cursos de linguística geral e o que está escrito nos manuscritos, ou seja, sair da dualidade fala x escrita. Observamos antes, um movimento de um autor, autor tanto do que disse, isto é, de uma autoria sobre sua fala, quanto de uma autoria sobre seus escritos, entretanto, uma autoria marcada por outros que o ouviram e escreveram a partir dele, e por outros, que leram seus manuscritos e o interpretaram. Ou seja, vislumbramos marcas, sinais, pistas, encontros e desencontros de um mesmo Saussure, que falou, que escreveu, mas não publicou a teorização que tratava de algo inédito.

Discutimos que as marcas de Saussure presentes tanto no CLG quanto em seus manuscritos o torna autor de ambos. Mesmo que boa parte dos manuscritos não tenha sido preparada para publicação, se trata de materiais que abordam, de alguma forma, os novos fundamentos da linguística moderna, ou aos menos, esse movimento da fundação de uma nova forma de se olhar para os objetos em ciência, e, quanto ao CLG, ele já se fez como fundador do estruturalismo e tal mérito, sem dúvida, é creditado a Ferdinand de Saussure.

Nesta obra encontra-se a teoria saussureana que, apesar de nascida na linguística histórica, não esteve a ela reduzida e constitui-se como uma passagem para algo novo, interrogador. Aconteceu uma fundação, que modificou radicalmente o lugar de onde falava Saussure, aconteceu uma reorientação no campo epistemológico provocado pelo advento do CLG, que modificou a ciência conhecida até então.

Ao tocarmos na importância das postulações teóricas de Saussure, tanto em relação ao CLG quanto aos seus manuscritos, interessou-nos, também, conhecer mais de perto alguns pontos de suas teorizações, assim como verificar esse lugar de onde Saussure produzia e como produzia. É nosso empreendimento para o próximo capítulo.

Capítulo 4

Análises sob a perspectiva do silêncio *em* Saussure

Há em todo criador uma certa exigência, escondida, permanente, que o sustenta e o devora, que lhe guia os pensamentos, lhe designa a sua tarefa, estimula-o nas suas fraquezas e não lhe dá trégua quando tenta escapar-lhe. Nem sempre é fácil reconhecê-la nas diversas operações, às vezes vacilantes, a que se entrega a reflexão de Saussure. Mas, uma vez percebida, ilumina o sentido do seu esforço, e o coloca frente a frente com os seus precursores, com relação a nós.

(BENVENISTE, 2005: 35)

1. Introdução

Neste capítulo, analisaremos o silêncio *em* Saussure, resultado de um redirecionamento iniciado no primeiro capítulo, ao abordarmos o silêncio *de* Saussure. Primeiramente, apontaremos a noção de fala nos manuscritos da Primeira Conferência de 1891 e no CLG, para compará-las e elaborar uma reflexão sobre este silêncio, para mencionar a não elaboração teórica sobre a fala como um silêncio *sileo*, um silêncio *em* Saussure. Contiguamente utilizaremos os aspectos teóricos da conceituação de língua conforme Saussure a propõe, tanto no CLG quanto nos ELG, para investigarmos a possibilidade de um silêncio *em* Saussure tanto em sua teorização quanto em sua forma de elaborar. Finalmente, nos questionamos se os silêncios que sugerimos, o *sileo*, presente *em* Saussure, a partir de sua teorização, foram discutidos por outros estudiosos pós-saussureanos, especificamente, por Émile Benveniste.

2. A ausência de teorização da fala: silêncio *de* ou *em* Saussure?

A epígrafe deste capítulo possibilitou que voltássemos nossa atenção, não para o homem Saussure, mas para a própria teorização a ele relacionada, e quem sabe vislumbrar um lampejo do silêncio que há em todos nós, e talvez assim compreendermos seu movimento, fonte de tantos embates no seu entorno e de suas postulações teóricas.

Com esta perspectiva, e observando os silêncios que os diversos autores nomearam durante todos estes anos a Ferdinand de Saussure, nos detemos no encaicho do silêncio *em* Saussure, seja pelo não sentido imposto de seu escrito ou pela incompletude de sua

teorização, para buscarmos em suas postulações teóricas as marcas que nos permitam vislumbrar o movimento da construção de sua teoria, o que implica também, no reconhecimento de sua autoria, seja nos manuscritos ou no CLG. Primeiramente conduzimos nossa reflexão à noção de fala, regularmente nomeada como uma exclusão do genebrino, e que nós optamos por substituir por silêncio *de Saussure*⁶⁰.

Iniciaremos tal investigação pelos manuscritos em comparação ao CLG, livro referência das teorizações do genebrino. Quanto aos manuscritos, observamos que são distintos dos ELG, já que nestes, sobressaem os aspectos conteudísticos, sendo, desta forma, eliminadas as particularidades próprias aos manuscritos. Não obstante, conforme esclareceu Silveira (2007), os manuscritos nos aproximam do processo de produção de Ferdinand de Saussure por suas características formais e, talvez, pelos impasses e ‘silenciamentos’ contidos na produção saussureana. Ou seja, de acordo com o direcionamento e os objetivos de cada trabalho, cada uma das obras que levem o nome de Saussure poderá oferecer e/ou delimitar possibilidades distintas de trabalho ao pesquisador.

Vale acrescentar que os manuscritos apresentam condições mais precárias que os livros em geral, em função do tempo e das condições de armazenamento, além de se referirem às escritas elaboradas por aproximadamente trinta anos, bem como, alguns foram datados e paginados enquanto outros não. Cabe ainda esclarecer que não nos questionaremos quanto ao trabalho realizado pelos catalogadores dos manuscritos.

O material analisado são os manuscritos da primeira conferência à Universidade de Genebra, datada por Saussure de novembro de 1891⁶¹, contendo trinta páginas, correspondentes à época em que Saussure retornou à Genebra para assumir uma cadeira como professor.

As investigações no CLG e nos manuscritos nos encaminham para o fato de verificarmos se Saussure teria silenciado sobre a noção de fala em suas elaborações teóricas, e assim, talvez realizarmos uma nova proposição sobre este chamado silêncio *de Saussure*.

⁶⁰ Ver capítulo 1, parte 3.

⁶¹ Os manuscritos utilizados neste trabalho estão catalogados na Biblioteca de Genebra como MS.fr. 395/1 e foram selecionados e reproduzidos pela Prof^a Dr^a Eliane Mara Silveira, durante sua estada em Genebra, no período de 13 a 24 de junho de 1999, com o apoio financeiro do Fundo de Apoio ao Ensino e à Pesquisa (FAEP-UNICAMP).

2.1. O termo fala no manuscrito de 1891

Na materialidade dos manuscritos nos deparamos com rasuras, brancos e incisos. As rasuras estão presentes em todas as trinta páginas. Quase da mesma forma, notamos que os incisos estão proficuamente presentes em anotações ou acréscimos nas laterais, acima ou abaixo das linhas. Quanto aos brancos, são encontrados em menor quantidade.⁶²

Entretanto, simplesmente contabilizar os brancos, rasuras ou incisos não é suficiente, já que entendemos que não são da mesma natureza. Ou seja, não é possível falar simplesmente de rasuras, como se estas obedecessem sempre a um mesmo padrão, ou como se fossem predeterminadas. Nestes manuscritos, encontramos diversas rasuras: umas, com um leve traçado da pena como se permitisse que bisbilhotássemos a palavra ali barrada, o que nos concedia a possibilidade de recuperar a palavra sob a rasura. Em outros casos, o traço estava mais espesso, o que dificultou ou impossibilitou a recuperação de termos. Em outras rasuras, alguns termos foram completamente inacessíveis, de tal forma, que sequer se poderia supor o que fora escrito. Ainda havia rasuras como se estivessem contidas dentro de um grande traçado, separando-a do restante do texto.

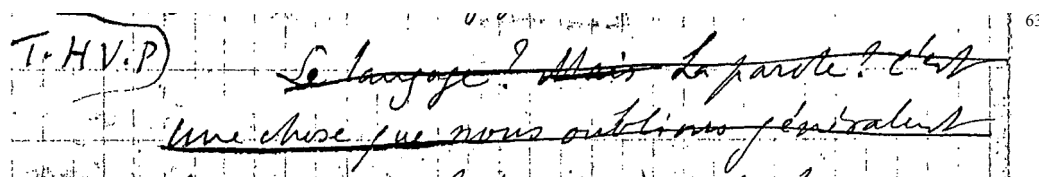
Com os brancos ocorre algo similar, como nos orienta Normand (2006), alguns brancos estão no final de frases, outros no meio de expressões. Acrescentamos, ainda, que alguns estão no texto, outros dentro de rasuras.

Os incisos também fazem parte destas considerações, pois não sabemos se foram feitos imediatamente à sua escrita, ou se Saussure teria feito anotações posteriores, além disso, notamos incisos rasurados, todos na margem esquerda ou inseridos no corpo do texto.

Enfim, todas essas constatações são para nos amparar em nossa afirmação, de que cada característica que se queira trabalhar no manuscrito tem que ser lida e abordada em sua particularidade, sem incorrer em generalizações.

Neste sentido, em nosso contato com os manuscritos selecionados, deparamos com uma rasura que nos instigou e por fim nos direcionou para nossa escolha, conforme a reproduziremos, e, que pode ser encontrada na página 5

⁶² Podem ser visualizadas nas páginas 2, 21, 23, 24, 29 e 30 do referido manuscrito.



O que percebemos de imediato é que *parole* não foi posteriormente retomada por Saussure, isto é, não houve uma tentativa de responder ou retomar o questionamento que ficara sob a rasura, de forma que nos inquirimos: Saussure silenciou acerca da noção de fala? Para caminharmos nesta direção, buscamos compreender o conceito de fala dentro de um panorama saussureano. Assim, decidimos levantar em todo o manuscrito, onde o termo fala foi tocado, estivesse ou não sob rasuras. Optamos por escanear, recortar e colar as partes que se relacionam a nossa pesquisa no decorrer da discussão, de forma a reproduzi-la visualmente. Logo, em nota de rodapé, transcrevemos o trecho em francês, onde havia rasuras, optamos por utilizar o tachado, onde não foi possível recuperar a palavra rasurada inserimos xxxx e tachado, para indicar tal impossibilidade, e, em seguida traduzimos o trecho para o português sem rasuras, sem tachados, apenas com o xxxx e tachado, nos locais onde não havia como efetuar a tradução. Com algumas poucas exceções, apenas citaremos as páginas nas quais ocorreram a referência à fala, por comparecerem em um contexto em que reprodução visual não nos parece necessária.

Desta forma, o excerto que reproduzimos da página 5 foi o primeiro momento em que surgiu o termo *parole*, e notamos que nesta mesma rasura havia os termos *langage*⁶⁴ e *langue*⁶⁵ igualmente rasurados. Imediatamente, retomamos o trabalho de Silveira (2007) com estes mesmos manuscritos, especialmente, quando a autora ressalta que significativa parte do que fora rasurado, foi retomado nas páginas seguintes, como é o caso de *langue* e *langage*, isto é, “(...) O que se rompe retorna como repetições ou mesmo integrado no texto (...)” (SILVEIRA, 2007: 125). Ela também observa que estes três termos, língua, linguagem e fala, ainda estão em elaboração.

Notamos que diferentemente do que ocorre no CLG, nestes manuscritos “(...) Língua e linguagem são apenas uma mesma coisa: uma é generalização da outra.” (SAUSSURE, 2002:128). Ou seja, não há uma distinção clara entre estes termos, e isto nos projetou ao nosso texto sobre autoria, ao afirmarmos que o trabalho de Saussure sofreu uma

⁶³ ~~Le langage? Mais la parole? C'est une chose que nous (...)~~

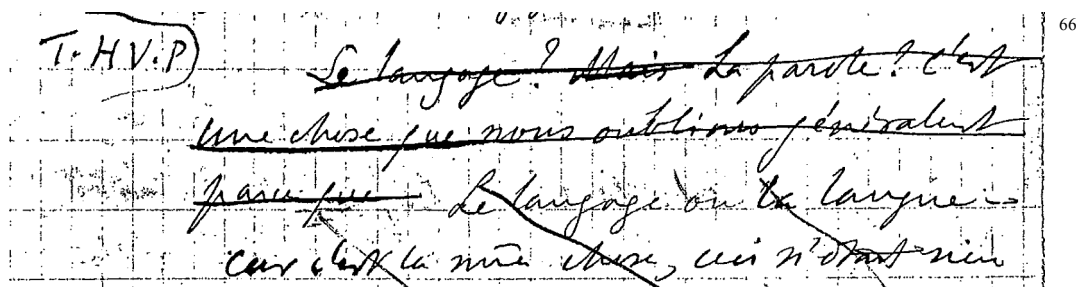
A linguagem? Mas e a fala? É uma coisa que nós (...) (tradução nossa)

⁶⁴ Linguagem (tradução nossa)

⁶⁵ Língua (tradução nossa)

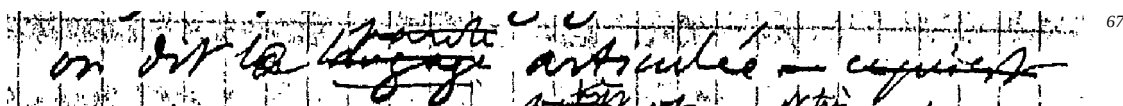
uma elaboração ao longo dos anos, e, no momento da escrita deste manuscrito, esses conceitos ainda estavam indistintos.

Acrescentamos que o termo fala, nesta e na próxima rasura, está acompanhado, ou muito próximo, dos termos *langue* e *langage*, conforme reproduziremos



Esta ilustração permite-nos afirmar que os três termos, fala, língua e linguagem ainda estavam num emaranhado, embora, mesmo aqui, já estejam anunciadas como diferença, é, apenas em um *a posteriori*, que Saussure delimitaria seus conceitos ou, pelo menos, marcaria mais explicitamente suas diferenças. Notemos que, enquanto língua e linguagem são reformuladas e retornam ao texto, este não é o caso de *parole* nesta rasura.

Na página 6 igualmente encontramos os termo *langage* e *parole* rasurados, como segue,



⁶⁶ Le langage? Mais la parole? C'est
~~une chose que nous oublions généralement~~
~~XXX~~ que

Le langage ou la langue (...)

A linguagem? Mas e a fala? É
 uma coisa que esquecemos geralmente
~~xxx~~ que

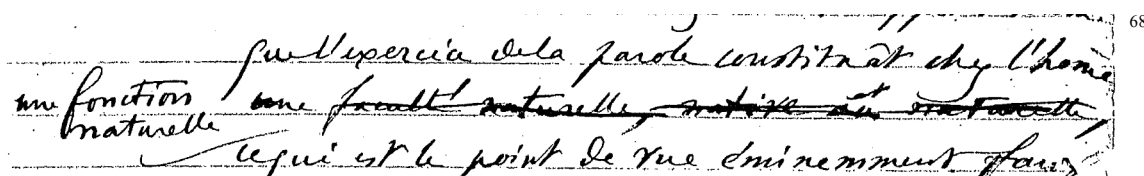
A linguagem ou a língua (...) (tradução nossa)

⁶⁷ Parole
 Langage articulée

Fala
 linguagem articulada (tradução nossa)

Percebemos que nos ELG os editores optaram por “fala articulada”, vejamos o excerto: “(...) tudo, exceto a linguagem, ou como se diz, a fala articulada, sendo o termo articulada no fundo, um termo obscuro e muito vago, ao qual eu faço todas as reservas. (...)” (SAUSSURE, 2004:128). Embora nesta passagem Saussure já comece a questionar alguns aspectos sobre a articulação, ele não escolheu entre *langage* ou *parole*, já que ambas permanecem sob a barra da rasura. Avaliando o processo de escrita, arriscaríamos afirmar que, primeiro Saussure escreveu linguagem articulada – já que estão sob a mesma linha da escrita – e, depois rasurou este termo, e, acrescentou o inciso *parole*, o que indicaria este termo como um inciso rasurado. No entanto, rasurou *parole* também, restando apenas *articulée*. Fato que, para nós, confirma a dificuldade terminológica dos termos ainda obscuros no século XIX, e que apenas alguns anos depois Saussure distinguiria esse trio.

Encontramos novamente o termo *parole*, porém sem rasuras na página 10. Segundo Silveira (2007:140), trata-se de uma retomada de um grande bloco de rasura do final da página 9. De acordo com cada uma das palavras recuperadas por esta autora, bem como o que pudemos notar, não é possível constatar se havia ou não o termo *parole* rasurado na página 9, já que não é possível ler tudo o que está sob a rasura. O termo *parole* na página dez está acompanhado de rasuras que incidem sobre o fato da noção de fala ser uma faculdade natural, ou, conforme o inciso, ser uma função natural:



Neste aspecto, Saussure se resolve logo, ao declarar que a noção de fala não é uma faculdade natural. Esta defesa indica, ao menos, o que não se deve atribuir à noção de *parole*, ou, ao menos, destaca o que não é fundamental. Vale lembrar que esta é uma visão contrária ao posicionamento de alguns estudiosos de sua época, e que Saussure, contrariamente, indica que o lugar da noção de fala não é da ordem de uma função natural.

⁶⁸ une fonction naturelle ~~une faculté naturelle, native~~
uma função natural uma faculdade natural, nativa (tradução nossa)

Na página 12 Saussure afirmou que, sob um nome muito correto, a Universidade concedeu um lugar para o estudo do *parler humain*⁶⁹, também sem rasuras. Entretanto, o conteúdo teórico deste trecho nos confirma novamente que os conceitos de fala e língua estão condensados, indistintos. Além disso, acrescentaríamos a estes dois termos o aparecimento de um terceiro - idioma - que também se encontra indistinto e especialmente relacionado à noção de fala.

Muitas rasuras podem ser vistas na página 21, e, apesar de *parler humain* não estar rasurado, o aspecto da fala surge como algo importante, pois Saussure tratou justamente da continuidade da língua de um povo no tempo, por meio da transmissão pela fala. Em outras palavras, a língua é transmitida pela fala, de um homem para outro homem, por isso é contundente ao afirmar que jamais veremos uma língua nascendo ou morrendo, a não ser que um povo de uma determinada língua seja totalmente dizimado.

Encontramos na página 22 o termo *parle* rasurado, e, o termo *parlais*, sem rasura, quando Saussure destacou que uma pessoa não deixa de falar um idioma de um dia para o outro, ou seja,

*Dans cette simple observation : chaque*⁷⁰
individu ^{emploie} ~~parle~~ le lendemain le même
langage qu'il parlait la veille.

Esta rasura mostra que Saussure substituiu *parle* por *emploie*. E, na continuação na página 23, os termos *disant* e *dis* estão neste mesmo contexto teórico, em que afirma que línguas não nascem nem morrem. Vale acrescentar que esta também é uma perspectiva diversa de Saussure, com relação aos seus contemporâneos.

Na página 24 encontramos uma rasura, e abaixo uma afirmação,

⁶⁹ falar humano (tradução nossa)

⁷⁰ ^{emprega}

Cada indivíduo ~~parle~~ le lendemain le même idiom qu'il parlait la veille

^{emprega}

Cada indivíduo ~~fala~~ no dia seguinte o mesmo idioma que falava no anterior (tradução nossa)

~~par que cette langue se parle~~ ⁷¹ parle
 (Le latin qui ~~est~~ ^{se trouve} parle à telle ^{déterminée} date)

E ainda a palavra *parlons* sem rasura. Nesta página Saussure está afirmando que a língua falada através dos tempos sofre alterações continuamente, e, que nenhuma língua sofrerá uma mudança brusca de uma hora para outra. Utiliza exemplos da língua falada de alguns idiomas para explicar este fenômeno, conforme lemos nos ELG: “(...) O francês não vem do latim, mas é o latim, falado numa determinada data e em determinados limites geográficos.” (SAUSSURE, 2002:134). Pareceu-nos que, por meio do estudo da língua falada em determinado momento, Saussure já está se dirigindo para um aspecto da sincronia e da mutabilidade e imutabilidade da língua (aspectos estes abordados no CLG), ou seja, de uma língua falada em determinado lugar, num específico momento.

Em outras páginas do manuscrito, em que notamos a palavra *parlons* (p.25), *parlens* (p.26), duas vezes o termo *parle* (p.26), *parlant* (p.29, 30), *parlé* ⁷² (p.30), tratar-se de alguns aspectos da fala, que o linguista utilizava para citar exemplos, recorrer a peculiaridades de outros idiomas, ou seja, Saussure está elaborando algumas considerações e neste sentido algumas características da fala em uso aparecem como suporte para suas afirmações, como mostra este trecho encontrado na página 26:

⁷¹ ~~que cette langue XX parle~~ ~~parlé~~
 (Le latin qui ~~est~~ ~~XXX~~ parlé a telle date (tradução nossa)

que esta língua XXX fala falado (tradução nossa)
 (O latim que ~~est~~ ~~XXX~~ falado nessa data (tradução nossa)

⁷² *Parlons, parlens, parle, parlant e parlé* tratam-se de formas conjugadas do verbo *parler* em francês.

73
 p.d. 17. mais aussi...
 C'est le cas qui s'est cent fois répété d'histoire,
 le cas des gaulois de Gaule supplanté par le
 latin, le cas des nègres d'Haiti qui parlent français,
 du fellah égyptien qui parle arabe; souvent
 + ... exemple

Em suma, percebemos que embora algumas noções sobre a fala estejam no manuscrito da primeira conferência de 1891, não encontramos uma teorização sobre a mesma, nem uma distinção entre os termos fala, língua e linguagem.

Notamos antes, a fala como um recurso para explicar ou defender posturas teóricas embrionárias relacionadas à língua, ou ainda, afirmações sobre o que não deveríamos considerar como pertencente e importante da noção da fala, tal como ocorrido em sua assertiva de que a fala não é uma função natural. Para Silveira (2007), neste manuscrito, o termo *parole* não se resolveu e assim a questão da fala ainda não teria encontrado seu lugar nas elucubrações do genebrino.

No entanto, também podemos observar que Saussure não silenciou sobre a noção de fala neste manuscrito, já que houve algumas abordagens relacionadas a ela, muito embora ele não desenvolva uma teorização. Neste sentido, parece-nos que o conceito de fala ainda não havia sido gestado, estava em elaboração.

74
~~Mais la parole ?~~

Esta rasura é, para nós, indicativa de que a fala tem um lugar na teorização de Saussure, apesar do seu estado embrionário. Assim, nosso próximo passo é investigar a questão da *parole*, também no CLG, para contrastarmos com os apontamentos realizados até o momento.

⁷³ C'est le cas qui s'est cent fois répété dans l'histoire, le cas du gaulois de Gaule supplanté par le latin, le cas des nègres d'Haiti qui parlent français, du fellah égyptien qui parle arabe
 É o caso cem vezes repetido na história, o caso dos gaulês da Gália suplantado pelo latim, o caso dos negros do Haiti que falam francês, do felá egípcio que fala árabe (...).(tradução nossa)

⁷⁴ Mais la parole ?
 Mas a fala ?

2.2. A noção de fala no Curso de Linguística Geral

Quanto ao CLG, notamos que aspectos diversos relacionados à noção de fala estão presentes em toda a obra. Saussure utilizou muitos exemplos em seu texto para dar base às suas hipóteses sobre o objeto da linguística, e, em boa parte delas, existem exemplos que recorrem ao falante, ou seja, à fala em uso, como segue⁷⁵

Podem-se também citar as palavras que, embora prestando-se perfeitamente à análise, se caracterizam por alguma anomalia morfológica mantida unicamente pela força do uso (cf. o francês *difficulté* em comparação com *facilité* etc; *mourrai* em comparação com *dormirai* etc.) (...) (SAUSSURE, [1916] 1974:144)

No entanto, estes não são os únicos casos encontrados no CLG relativos às noções acerca da fala. Saussure ainda pontuou o que considerou como não essencial, e que não deveriam ser tomados como componente importante. Como exemplo, ao ter afirmado que “(...) os órgãos vocais são tão exteriores à língua como os aparelhos elétricos que servem para transcrever o alfabeto Morse (...)”; assim como a fonação que não atinge o sistema em si, pois em sua visão é psico-física; além das transformações fonéticas que não atingem mais que a parte material (SAUSSURE, [1916] 1974: 26). E ainda, ao propor que a questão do aparelho vocal é secundária no problema da linguagem (Ibidem: 18), e que a parte física pode ser posta de lado desde o início (Ibidem: 21)⁷⁶.

Não obstante, constatamos que Saussure ainda defendeu outros aspectos, como por exemplo, quando fez uma crítica à filologia: “(...) a crítica filológica é falha num particular: apega-se muito servilmente à língua escrita e esquece a língua falada (...)” (SAUSSURE, [1916] 1974: 8). Saussure atesta que a linguística histórica quer comparar diferentes épocas, decifrar e explicar línguas antigas, mas critica a forma como isso é feito, já que nestes trabalhos há uma preponderância da língua escrita, em detrimento da língua falada.

Em outros momentos, quando estava no capítulo em que teorizava sobre o objeto da linguística, um dos recursos de Saussure para delimitar o conceito de língua era recorrer à sua diferenciação com a noção de fala, assim como ocorreu em outros lugares do CLG, a fim de mostrar que:

A fala é ao contrário, um ato individual de vontade e inteligência (...) A língua distinta da fala é um objeto que se pode estudar separadamente. (SAUSSURE, [1916] 1974: 22)

⁷⁵ Outros exemplos podem ser verificados, ver SAUSSURE, 1974: 41, 51, 63, 64, 72, 98, 115.

⁷⁶ Outras asserções similares podem ser verificadas em Saussure ([1916] 1974: 23, 24, 25, 43).

A língua, não menos que a fala, é um objeto de natureza concreta, (...) (Ibidem: 23)

A análise das unidades da língua, feita a todos os instantes pelas pessoas que falam, pode ser chamada de análise *subjéctiva*; cumpre evitar confundi-la com a análise *objectiva*, fundada na História. [...] Uma e outra estão justificadas, e cada qual conserva seu valor próprio; em última instância, porém, a dos falantes é a única que importa, pois está fundada diretamente nos fatos de língua. (Ibidem: 213)

Notamos, ainda que, no capítulo em que abordou a linguística da língua e da fala, demonstrou a inter-relação entre elas, distinguindo-as, o que pode ser observado em outros capítulos:

Enfim, é a fala que faz evoluir a língua (...)

(...) Existe, pois, interdependência da língua e da fala; aquela é ao mesmo tempo o instrumento e o produto desta. Tudo isso, porém, não impede que sejam duas coisas absolutamente distintas. (SAUSSURE, [1916] 1974: 27)

Unicamente desta última é que cuidaremos [língua], e se por acaso, no decurso de nossas demonstrações, pedirmos luzes ao estudo da fala, esforçar-nos-emos para jamais transpor os limites que separam os dois domínios. (Ibidem: 28)

A analogia nos ensina, portanto, uma vez mais, a separar a língua da fala (...) ela nos mostra a segunda como dependente da primeira e nos faz tocar com o dedo o jogo do mecanismo linguístico (...) (Ibidem: 192)

Não obstante, quando tratou da natureza do signo linguístico, definiu especificamente a questão do arbitrário, recorrendo assim ao falante:

A palavra *arbitrário* requer também uma observação. Não deve dar a ideia de que o significado dependa da livre escolha do que fala (ver-se-á, mais adiante, que não está ao alcance do indivíduo trocar coisa alguma num signo, uma vez esteja ele estabelecido num grupo linguístico); (...) (Ibidem: 83)

Ao tratar da questão da mutabilidade e imutabilidade da língua, determinou um limite do falante, na transformação da língua:

(...) os indivíduos não intervêm na prática de um idioma; que os indivíduos em larga medida, não têm consciência das leis da língua; e se não as percebem, como poderiam modificá-las? Ainda que delas tivessem consciência, é preciso lembrar que os fatos linguísticos não provocam a crítica, no sentido de que cada povo está satisfeito com a língua que recebeu. (SAUSSURE, [1916] 1974: 87)

Outro ponto relevante é o aparecimento da fala, em sua elaboração sobre sincronia e diacronia:

Ele [o linguísta] só pode penetrar na consciência dos indivíduos que falam suprimindo o passado. (SAUSSURE, [1916] 1974: 97)

(...) *tudo quanto seja diacrônico na língua, não o é senão pela fala*. É na fala que se acha o germe de todas as modificações. (...) (Ibidem: 115)

(...) a linguística sincrônica só admite uma única perspectiva, a dos falantes, (...) (Ibidem: 247)

As pontuações sobre o falante no ato da fala também aparecem em sua abordagem sobre identidade sincrônica:

(...) Cada vez que emprego a palavra *Senhores*, eu lhe renovo a matéria; é um novo ato fônico e um novo ato psicológico. (...) (Ibidem: 126)

No capítulo que trata das relações sintagmáticas e associativas, a conceituação de fala recebe sua notoriedade dentro de um contexto das relações sintagmáticas:

(...) no domínio do sintagma não há limite categórico entre o fato de língua, testemunho de uso coletivo, e o fato de fala, que depende da liberdade individual. (...) (SAUSSURE, [1916] 1974: 145).

(...) Quando alguém diz *vamos!*, pensa inconscientemente⁷⁷ em diversos grupos de associação em cuja interseção se encontra o sintagma *vamos!* [...] Mude-se a ideia a exprimir, e outras oposições serão necessárias para fazer aparecer um outro valor; (...) (Ibidem: 151)

No que se refere às mudanças linguísticas, Saussure recorreu aos aspectos da fala, bem como apontou sua importância neste processo:

Nada entra na língua sem ter sido antes experimentado na fala, e todos os fenômenos evolutivos têm sua raiz na esfera do indivíduo [...] foi preciso que uma primeira pessoa [...] improvisasse, que outras a imitassem e o repetissem, até que se impusesse ao uso. (Ibidem: 196)

A língua retém somente uma parte mínima das criações da fala; mas as que duram são bastante numerosas para que se possa ver, de uma época a outra, a soma das formas novas dar ao vocábulo e à gramática uma fisionomia inteiramente diversa. (Ibidem: 196-197)

(...) a criança chega a pronunciar o que ouve em torno de si; nisso estaria o germe das mudanças; certas inexatidões não corrigidas predominariam no indivíduo e se fixariam na geração que cresce [...] a escolha de pronúncias viciosas aparece como puramente arbitrária, e não se percebe bem a razão delas. (...) (Ibidem: 173)

Por conseguinte, tudo é gramatical na analogia; acrescentamos, porém, imediatamente, que a criação, que lhe constitui o fim, só pode pertencer, de começo, à fala, ela é a obra ocasional de uma pessoa isolada. [...] a forma

⁷⁷ Vale ressaltar que a palavra inconsciente neste texto de Saussure não tem relação com o que poderíamos relacionar com inconsciente em psicanálise, conforme conhecemos na atualidade. Na época de Saussure, Freud era seu contemporâneo, embora não haja nenhum indício ou confirmação de que Saussure tenha sido leitor de Freud. Entendemos inconsciente, no sentido de que ao selecionar uma palavra o fazemos como se fosse algo mais próximo de um automatismo, sem que percebamos, ou, elaboremos uma relação mental das melhores palavras a serem utilizadas.

improvisada pelo falante para a expressão do pensamento. Somente esse resultado pertence à fala. (Ibidem: 192)

(...) No caso da analogia, pelo contrário, construção quer dizer disposição obtida de um só golpe, num ato de fala, pela reunião de um certo número de elementos tomados de empréstimo a diversas séries associativas. (Ibidem: 207)

Por fim, até mesmo quando abordou questões de gramática, referiu-se à fala:

(...) quando os falantes sentem que uma oposição fônica está regida por uma lei geral, essa correspondência habitual se impõe à sua atenção e contribui para estreitar o vínculo gramatical, mais que para afrouxá-lo. (...) (Ibidem: 186)

Estes são alguns trechos que optamos por reproduzir, e que nos indicaram que o conceito de fala está presente nas elaborações saussureanas sob diferentes aspectos, conforme se pode verificar ao recorrer ao CLG⁷⁸.

Desta maneira, constatamos que há algumas noções de fala presentes no CLG, embora, tais noções não tenham adquirido uma fundamentação, ou melhor, uma teorização sobre o conceito de fala. Enquanto o termo *língua* encontrou seu lugar nos estudos de Saussure, o termo *fala*, parece-nos, permanece em gestação. Este pode ser o indício de algum tipo de silêncio *em* Saussure, no tocante a esta questão, mas não um silêncio *de* Saussure com relação à noção de fala.

2.3. A não teorização sobre a fala: silêncio *em* Saussure

Como visto anteriormente, em 1891, a noção de fala já aparecia nos manuscritos saussureanos, porém, ainda com distinção tibia com os termos *língua* e *linguagem*.

Quanto ao CLG, a noção de fala também aparece em toda a obra, comumente mais utilizada em suas reflexões do que no manuscrito de 1891. Tal constatação nos leva a compreender que as elaborações de Ferdinand de Saussure sobre a noção de fala demarcaram um percurso de 1891 a 1907-1911 e, embora não receba um estatuto conceitual definido nem mesmo no CLG, consideramos que houve uma frequência maior e uma delimitação e diferenciação mais aprofundadas, especialmente, em sua relação com a conceituação de *língua* e *linguagem*.

⁷⁸ Ver também Saussure ([1916] 1974: 16, 17, 18, 19, 21, 26, 34, 35, 40, 62, 86, 92, 123, 125, 144, 158, 212, 219, 268).

Ainda quanto ao CLG, vale lembrar que os editores observaram que

(...) A ausência de uma “linguística da fala” é mais sensível. Prometida aos ouvintes do terceiro curso, esse estudo teria tido, sem dúvida, lugar de honra nos seguintes; sabe-se muito bem porque tal promessa não pode ser cumprida. Limitamo-nos a recolher e a situar em seu lugar natural as indicações fugitivas desse programa apenas esboçado, não poderíamos ir mais longe. (BALLY, SECHEHAYE, [1916] 1974: 4).

Essa promessa de Saussure, de uma linguística que abordasse a fala, também é confirmada no prefácio de Komatsu e Harris (1993), editores dos cadernos do aluno de Saussure, Emile Constantin, onde também constava a programação deste tópico. Segundo Komatsu e Harris (1993: XI) “(...) The schedule he had announced on 4 November 1910, dividing the course into (i) *les langues* (ii) *la langue* and (iii) *faculté et exercice du langage chez les individus*, was never completed.”⁷⁹. Os editores ainda comentam:

One can only add that this requirement was all the more regrettable in that it effectively prevented Saussure from completing the envisaged third course on general linguistics, since in the event he did not have time to give the promised lectures dealing with the *faculté du langage*⁸⁰. (KOMATSU, HARRIS, 1993: XIV).

Como percebemos, os editores Bally e Sechechaye, e, Komatsu e Harris, se voltam para uma programação que focasse a questão da fala na linguística na perspectiva de Saussure, no entanto, não foi possível cumpri-la. Todavia, apesar de tal conteúdo programático não ter acontecido não se pode simplesmente negá-lo, ou seja, ao tocar em algum aspecto da noção de fala em Saussure, há que se considerar que existia uma programação no Curso de Linguística Geral, para que abordassem especificamente este assunto.

Assim, se houve um silêncio de Saussure com relação à teorização da fala, não nos parecer ser da ordem do *taceo*⁸¹, ou seja, do não dito, do que não foi pronunciado, não se trata de Saussure ter se recusado a abordar o tema, ou não pontuá-la como importante, não se trata dele ter se recusado a abordá-la. Fez parte de seu plano de curso na Faculdade de Genebra abordar a ‘faculdade da linguagem no indivíduo’ separadamente, e ainda, podemos constatar que há certa noção de fala, tanto no manuscrito de 1891, quanto no CLG.

⁷⁹ A programação anunciada em 04 de novembro de 1910, dividindo o curso em (i) as línguas (ii) a língua e (iii) faculdade e exercício da linguagem nos indivíduos, nunca foi concluído.

⁸⁰ Só podemos acrescentar que esta exigência foi ainda mais lamentável na medida em que Saussure efetivamente impedido de concluir o curso terceiro linguística geral previsto, uma vez que não teve tempo para dar as aulas prometidas que lidam com a faculdade da linguagem.

⁸¹ Conforme proposto no capítulo 2, parte 3, item 2.

Desta forma, a conceituação de fala proposta como uma exclusão⁸² de Saussure, ou como a retomamos como um silêncio *de* Saussure, não nos parece ser assertiva, uma vez que Saussure não silenciou sobre a noção de fala, embora ela não encontre um lugar específico, ou seja, uma teorização completa. Assim, creditar esta exclusão a Saussure, seria negar que a noção de fala tem um lugar nas elucubrações saussureanas e, automaticamente, afetar a própria teorização sobre a língua, já que embora sejam duas coisas distintas, ambas estão diretamente imbricadas e relacionadas.

E mais ainda, observamos que a não teorização sobre a fala é chamada a ocupar um lugar muito singular nas elaborações saussureanas. Que lugar é este?

Esta não teorização da fala aponta para o silêncio *sileo*⁸³, a um lugar ao qual não se tem acesso, que está barrado, que escapava insistentemente à Saussure, embora insistisse em comparecer como enigma, e desta forma, não pôde ser teorizado, permaneceu assim, em gestação. Desta forma, à não elaboração de uma teoria sobre a fala, reconhecemos um silêncio *em* Saussure, pois a questão da fala aparece em suas dúvidas, em seu discurso, era algo que o tocou o tempo todo, tanto nos manuscritos quanto no CLG, e, no entanto, ainda assim, o conceito de fala permaneceu barrado, irredutível, se apresentando como interditada.

É pela não teorização da fala que não é limitada nem delimitada, que se apresenta como um dejetto, em queda, na justa medida em que resiste a ser definida teoricamente, que Saussure constrói uma teorização sobre a língua, de tal forma que a fala é um suporte necessário para a teorização acerca do objeto da linguística, já que também Saussure afirmou que “Existe, pois, interdependência da língua e da fala; [...] Tudo isso, porém, não impede que sejam duas coisas absolutamente distintas”. (SAUSSURE, [1916] 1974:27).

Assim, para que a teorização sobre a língua pudesse ser elaborada, a teorização sobre a fala silenciou. Não é no sentido de não fazer parte das preocupações ou das atenções de Saussure, pois, no manuscrito de 1891 e no CLG, constatamos que o termo apareceu frequentemente em seus trabalhos, mas na medida de um silêncio que comparece como enigma, ligado ao sem sentido, de tal forma que seu par, a língua, pudesse ser finalmente elaborado.

Nesta perspectiva, apresentamos um aspecto sobre o qual não nos furtaremos em afirmar: a não teorização da fala está silenciosamente presente em toda a elaboração

⁸² A partir dos anos 70, iniciou as críticas ao Estruturalismo e consequentemente à Saussure, incidindo especialmente sobre as chamadas exclusões saussureanas, a saber: o referente, a história e a fala. (SILVEIRA, 2007:21).

⁸³ Ver capítulo 2, parte 3, item 2.

saussureana acerca da língua. Este silêncio é da ordem do *sileo*, e isto, talvez pudesse explicar por que, frequentemente, a fala é apontada como uma exclusão saussureana, pois na verdade é um silêncio pulsional, que se mostra e que engendra aquilo que nem mesmo Saussure sabia, conforme destaca Lacan (2008: 128) “(...) esse saber impossível é censurado, proibido, mas [] Sobre o que não pode ser demonstrado, algo pode ser dito de verdadeiro. (...)”. Neste sentido, a teorização sobre a fala não encontra um lugar, uma conceituação definida, mas aponta algumas possibilidades, nos diz algo de verdadeiro, como por exemplo, sua contrapartida na teorização da língua. Assim, o lugar da fala é o não lugar, é a impossibilidade do sentido, é permanecer como enigma, o que também aponta para a autoria de Saussure tanto nos manuscritos de 1891 da Primeira Conferência, quanto para o CLG. Essa ‘angústia’ de Saussure, e a maneira como trabalha com a noção de fala, é flagrada nestes dois textos.

Se a não teorização da fala se apresenta como um silêncio *em* Saussure, perguntamo-nos se na teorização sobre a língua, que recebeu uma elaboração, haveria, também, algum tipo de silêncio. Eis nosso questionamento, na continuidade de nossa discussão.

3. O silêncio na teorização sobre a língua

Deixamos anotado no primeiro capítulo⁸⁴ um silêncio que muito nos instigou, e que nos redireciona novamente a um silêncio *de* Saussure. Trata-se daquele que ele mesmo se autocreditou, no ano de 1910, ou seja, seu período dito silencioso se localizaria entre os anos de 1880 a 1910. No entanto, Saussure não especifica tal silêncio.

Diante dessa questão, diga-se, aliás, impossível de ser fielmente respondida, recortamos um trecho de uma conversa de Saussure com um aluno:

(Je lui avais demandé s'il avait rédigé ses idées sur ces sujets.) **¶** *Oui, j'ai des notes mais perdues dans des Monceaux, aussi ne saurais-je [Gautier] les retrouver. (J'avais insinué qu'il devrait faire paraître quelque chose sur ces sujets.)* **¶** *Ce serait absurde de recommencer de longues recherches pour la publication, quand j'ai là (Il fait un geste) tant et tant de travaux inédits.*⁸⁵ (Nota de uma conversa particular de Saussure com Gautier) (Saussure in GODEL, 1969: 30).

⁸⁴ Ver capítulo 1, parte 6.

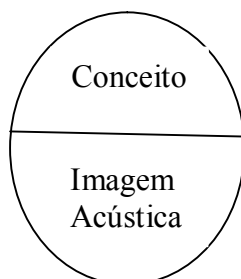
⁸⁵ *(Eu lhe perguntei se ele tinha redigido suas ideias sobre esses assuntos). - Sim, eu tenho anotações, mas perdidas em pilhas, não conseguiria encontrá-las. (Eu [Gautier] insinuei que ele deveria divulgar alguma coisa sobre esses assuntos.)* **¶** Seria absurdo recomeçar as longas páginas para a publicação, quando eu tenho (ele fez

O excerto mostra que o genebrino afirmava ter inúmeros materiais já escritos que poderiam ser publicados, o que poderia ser um indicativo do silêncio que se creditara. Estes trabalhos escritos referem-se aos seus manuscritos, que Saussure durante décadas escreveu, rascunhou, rasurou, acrescentou notas, riscou outras tantas, no entanto, não publicou a grande maioria deles.

No entanto, como não é possível ultrapassar a barreira de algumas explicações sobre o silêncio que Saussure se autocreditou, sentimos a necessidade de, partindo desta questão, modificar nosso foco, e realizar uma pergunta de outra ordem: Não mais por que ele não publicou, e, sim, o que havia nestes textos? Com o que Saussure teria se deparado?

Embasar-nos-emos agora em alguns pontos da teorização de Saussure, retomando alguns aspectos para nós essenciais, utilizando o CLG, que, para nós, é um livro da autoria de Saussure, portanto, contém sua teorização, e também os ELG, já que possibilita que possamos focar as questões conteudísticas dos manuscritos.

O signo linguístico é um ponto importante da conceituação de Saussure, para o qual ele define que “O signo linguístico é, pois, uma entidade psíquica de duas faces, que pode ser representada pela figura:” (SAUSSURE, [1916] 1974: 80)



Ele propõe que se chame conceito de significado e imagem acústica de significante (Ibidem: 81). Quanto a estes dois termos, Saussure (2002:35) menciona que são literalmente destituídos de qualquer definição, que nem sabemos se existem ou em que sentido existem. Assim posto, na perspectiva de Saussure (2002), na língua há apenas diferenças de significante e diferenças de significados, não há significantes e significados *per si* (ibidem: 42). Ele propôs que na língua temos, de um lado, a parte física e, de outro a parte psíquica, mas o lado psíquico não são as ideias e o lado físico a imagem acústica. Convidou-nos a entender que na verdade devemos levar em conta a diferença, não a diferença dos termos, e

um gesto) tantos trabalhos não publicados. (Nota de uma conversa particular de Saussure com Gautier) (Godel, 1969: 30). (tradução nossa)

sim as diferenças determinadas *entre* os termos, que seriam vazios e indeterminados sem essas diferenças. (SAUSSURE, 2002: 60).

Quando Saussure aborda a questão da essência da língua, afirma que nunca compreenderemos profundamente a essência puramente negativa e diferencial da linguagem: “(...) não há em nenhum deles, em nenhuma ordem, que possua essa suposta existência [...] não há, em parte alguma, em momento algum, um ponto de referência positivo e firme.” (ibidem: 61). Nesta concepção de signo, não há possibilidade de Saussure encontrar no objeto que perscruta – a língua – um substrato para sua existência fora da pura diferença. Neste sentido podemos subentender que, o significante e o significado, que formam o signo, têm em seu substrato um vazio central, ou seja, não possuem essência, uma vez que para Saussure lidamos com formas e não com substâncias.

Permaneçamos com esta concepção do signo linguístico e, entremos no terreno da teoria do valor. Eis que Saussure esclarece: “Considerada de qualquer ponto de vista, a língua não consiste de um conjunto de valores positivos e absolutos, mas de um conjunto de valores negativos ou de valores relativos que só têm existência pelo fato de sua oposição.” (SAUSSURE, 2002:71). Portanto o valor ocorre em oposição, em pura diferença, em relatividade, é social, convencional, arbitrariamente fixado e se manifesta na cadeia da língua. Somente poderá ser estabelecido mediante a relação e a oposição dos termos, ou seja, os termos apenas serão positivados, relacionalmente.

A partir destes pressupostos, notamos que Saussure esbarrara em um limite, quer se tratando de partes da língua como o significante e o significado, a língua tomada no todo, como na teoria do valor, ou quando se propunha a delimitar o objeto da linguística, enfim, ele se deparava com um vazio no cerne deste objeto.

Esta teorização, extremamente complexa, nos mostra que o saber de Saussure não é nem do campo da Gramática Comparada, nem da filologia. O campo de saber inaugurado por Saussure comporta algo de inédito, em suas palavras “A linguística trabalha, pois, no terreno limítrofe onde os elementos das duas ordens se combinam; **esta combinação produz uma forma, não uma substância**⁸⁶” (SAUSSURE [1916] 1974: 131). Desta forma, em nossa leitura propomos que o cerne de sua teorização comporta o vazio.

Eis um ponto fundamental em suas postulações, pois este vazio que apontamos permite que Saussure elabore um discurso sobre um objeto, a língua, embora não possa dizer tudo sobre este objeto, já que há uma radicalidade, um vazio que insiste em não ser elaborado.

⁸⁶ Grifos nossos

Isto é, seu dito acerca da língua é não-todo, pois se denota o sem sentido que insiste em comparecer por este vazio impossível de ser simbolizado. Nos termos de Lacan (2003:448-497), poderíamos concluir que o dito de Saussure carrega um dizer.

Desta maneira, há na produção de Saussure, no objeto língua o qual perscruta, algo que insiste em não ser nomeado, em não possibilitar uma completude. Definimos este aspecto na teorização saussureana, esse vazio que comparece, como mais um silêncio *em* Saussure. Não se trata do *taceo*, uma vez que não diz respeito ao fato de Saussure não ter abordado esse vazio, mas ao vazio em si, que propusemos nomear como um silêncio presente na teorização saussureana, que se apresenta como algo da ordem do impossível de ser dito.

Neste sentido, a teorização do genebrino faz mostra-ação deste silêncio. Por isso, é necessário suportar trabalhar com o CLG, sem contar com conceituações delimitadas e encerradas, similar ao que ocorre com os ELG, ou os manuscritos em si. Interessante este fato, uma vez que mesmo na tentativa de entregar ao público um livro “redondo”, como era o caso do CLG, algo escapa.

Em Saussure há um silêncio que insiste em comparecer e permear sua teoria, seja no CLG, em suas aulas, ou, em seus manuscritos, há algo da ordem do impossível, que inviabiliza uma totalização de sua conceituação. Parece-nos que Saussure suporta produzir um discurso que não diz tudo, e que nos remete a algo que ultrapassa o possível da língua. Mas, o que nos indica esse dizer saussureano, que não pode ser totalizado em seu dito?

Para Lacan (2003:451) o dito se coloca como verdade e assim, o dizer não pode ser traduzido em verdade já que da verdade, há apenas meio-dito. Assim, na concepção de Lacan, há um impossível de realizar a verdade pelo dizer, o que anunciou como ‘não há relação sexual’. Esse dizer está sujeito à equivocidade, justamente pelo inconsciente ser estruturado como uma linguagem e não pela linguagem (LACAN, 2003: 454-490-491).

Em outras palavras, há em nós um saber que não sabemos, que nos constitui e que não conseguimos dizê-lo todo, embora possamos ser, por este saber, interpelados, e assim dizer dele sem que o saibamos, conforme atesta Lacan (2003: 127): “(...) eu falo sem saber. Falo com o meu corpo, e isto, sem saber. Digo portanto, sempre mais do que sei.”. Neste sentido, há na teorização de Saussure algo que nem ele mesmo notara, o singular de seu ensino escapou, a ele mesmo.

Milner (1987:44) dirá que a língua consiste em “Tudo não se diz”, e para Lacan (2008:128), há um saber impossível, que é censurado e que só pode ser dito entre linhas, entre palavras. Saussure através de sua escrita contingente e de suas aulas, tanto inaugura um novo saber quanto nos mostra um silêncio, pois ele escreveu e falou de um lugar não sabido.

3.1. O silêncio *em* Saussure

Notamos que o fato de Saussure ter nomeado um silêncio a si mesmo nos direcionou a outras questões, e pudemos nos guiar por alguns pontos das postulações teóricas saussureanas. Com este novo enfoque, deparamo-nos primeiro com a própria natureza do objeto língua em questão, pois vislumbramos que no objeto língua há um silêncio, que se nega a ser todo dito. Desta forma, percebemos um silêncio que insiste em comparecer radicalmente no objeto com o qual Saussure trabalha. Assim, em nossa perspectiva, este silêncio é da ordem do impossível de tudo dizer, é um silêncio que suporta uma suspensão de sentido. O objeto língua, conforme proposto por ele, resistiu a uma significação plena, e a este silêncio nomeamos como o silêncio *sileo* presente na teorização de Saussure.

E, em segundo lugar, nos deparamos com a forma de teorização peculiar de Ferdinand de Saussure, seja na forma como ministrava suas aulas - que resultou no CLG - ou com as particularidades dos manuscritos, conforme visto anteriormente⁸⁷, com as hesitações, brancos, rasuras, e o ilegível. Assim, comparece, em sua maneira de teorizar, um silêncio que se relaciona ao *sileo*, uma vez que o discurso saussureano é carregado de um dizer que não pode ser todo dito, o que nos remete a uma impossibilidade de tudo articular, ou seja, sua teorização, assim como a sua forma de teorizar são da ordem da incompletude, manifestação clara de um sujeito do inconsciente, que trabalha com o não saber, não saber tudo de si, não saber tudo de sua teoria, o que permite a apresentação de hiências, de brechas, de fissuras em seu saber.

Este homem inovador produziu pela diferença, sustentou uma incompletude, tanto de uma teorização que insistiu em não ser toda-dita, quanto em sua própria forma de teorizar, o que talvez justifique por que sua singular contribuição instaurou um novo recorte epistemológico, e mais, justifica por que o recorte epistemológico, realizado a partir do CLG, é de Saussure, sem que literal e metaforicamente, nem ele mesmo o soubesse. Enfim, o silêncio *em* Saussure não é da ordem da parada em seu trabalho, é justamente da ordem da produção, da elaboração, o silêncio *em* Saussure confronta-nos com a sua autoria, pois marca sua forma de teorizar e os objetos com os quais elabora, e confronta-nos com o inesperado, com o inédito, com as hiências, com o não-todo e com a suspensão do sentido que insiste em comparecer.

⁸⁷ Ver capítulo 1, parte 4, item 2.

4. O silêncio que ecoou

O ponto inaugural de Ferdinand de Saussure, o recorte epistemológico que ele introduz nas ciências, embora tenha sido alvo de inúmeras discussões, não foi homogeneamente lido e compreendido pelos estudiosos. Tampouco, sugerimos que tal fenômeno deveria ter ocorrido, principalmente porque tal possibilidade, além de nos parecer impossível, seria de um reducionismo selvagem.

Todavia, afirmar que Saussure foi pouco compreendido, não é uma regra geral. Elaboramos uma reflexão a partir de Émile Benveniste, por fazer parte do rol de pesquisadores que não permaneceram na superficialidade, ou, na leitura de vulgata de Saussure, além de sua abordagem em relação à fala, ponto importante de nossa discussão.

Retomamos inicialmente a forma de produzir de Saussure bem como de seu objeto que parte de um vazio, embora levantando um novo ponto em nossas reflexões: teria sido possível que este silêncio *em* Saussure pudesse ser ‘escutado’ por outros estudiosos?

Para tal empreendimento, observemos algumas proposições da teoria de Benveniste. Começamos com a subjetividade em Problemas de Linguística Geral I (BENVENISTE, [1966] 2005). Um primeiro aspecto a ressaltar é que este estudioso exila a possibilidade de a linguagem ser mero instrumento de comunicação, pois associa a linguagem ao homem desde sempre, quando propõe que desde nosso nascimento já encontramos homens falando.

Desta forma, afirmará que é *na* e *pela* linguagem que o homem se constitui como sujeito. Portanto, a subjetividade do falante só existirá na medida em que se realizar pela e na língua e em contato com outros falantes. Para Benveniste ([1966] 2005) a subjetividade seria a capacidade do locutor em se propor como sujeito.

De acordo com Benveniste ([1966] 2005: 284-293), a possibilidade dessa proposição se dá pelo *status* linguístico da pessoa. Em outras palavras, “a consciência de si mesmo só é possível se experimentada por contraste”, cada pessoa remete a si mesmo como eu em seu discurso, dirigindo-se a um outro, um tu, a um alocutário.

Eis um ponto relevante para nosso trabalho, pois o homem só subjetivaria por contraste a outro, a uma polaridade necessária que é condição fundamental na linguagem. Essa polaridade é transcendente, o falante poderia ir de *eu* a *tu*, e de *tu* a *eu*. Assim posto, não se trata de dualidade, é antes uma realidade dialética.

Somente a partir de tal encontro, eu e tu, é que se poderá pensar no falante e em sua subjetividade, fora disso haveria apenas o vazio, ou seja, não existe subjetividade essencial, apenas relacional e pela diferença, afinal o *eu* não é uma marca exclusiva de um ser falante.

Toda pessoa que se pronuncia realiza um ato único e irrepetível, e, ao dizer, aquele que diz emerge como um falante em sua subjetividade, pois *eu* é vazio de valoração, é na instância do discurso que se fundamenta o sujeito, é assim no exercício da linguagem que se fundamenta a subjetividade. Não nascemos com nossa subjetividade pronta, ela se realiza via discurso.

Desta maneira, entendemos que Benveniste ([1974] 1989b) eleva o vazio na língua - similar àquele que sugerimos anteriormente no objeto língua, conforme propôs Saussure - ao falante, promovendo uma similaridade teórica, por exemplo, com aquela que apontamos na teoria do valor, ou seja, oposição e relação. Oposição, pois ao pronunciar estou na língua enquanto eu, enunciador, em oposição a um tu. E relacional, porque é em relação a um *tu* que o *eu* se inscreve enquanto subjetividade, sendo, portanto, imprescindível o endereçamento, pois é este que promoverá o laço no ato da enunciação (Ibidem, [1974] 1989b: 82).

Na concepção de Benveniste ([1966] 2005:289) “A linguagem de algum modo propõe formas “vazias” das quais cada locutor em exercício de discurso se apropria e as quais refere à sua “pessoa””. Essas formas vazias são chamadas de indicadores de subjetividade, o que leva a concluir que a subjetividade é construída pela e na linguagem, por oposição e relação.

Contiguamente, ao tratar do Aparelho Formal da Enunciação, Benveniste (1989c) propõe que a enunciação é o ato da produção, que está diretamente relacionada com a relação que o locutor mantém com a língua, e esta relação será singular para cada pessoa, também relacionada ao endereçamento realizado no ato da enunciação, nas palavras de Benveniste ([1974]1989c: 222), “bem antes de servir para comunicar, a linguagem serve para *viver*.” Desta forma, na teorização de Benveniste, transparece o aspecto relacional, seja do homem com a língua, ou do homem pela língua com outros homens.

Retomemos dois pontos importantes: primeiro, uma produção teórica de Saussure que parte do entorno de um vazio radical, e segundo, uma forma de produzir que não tampona as lacunas ou brancos de sua teorização, ou seja, uma teoria pela via do não-todo.

Quanto ao primeiro aspecto, notamos que, de forma similar, Benveniste trabalhou no entorno da ausência de formas substanciais, pois, pela marca do vazio ele elaborou uma teoria, com sua própria marca. Ou seja, Benveniste, ao tratar da fala, tocada pelo pai da linguística, realiza tal feito, considerando o vazio no cerne da questão. No entanto, não podemos deixar de ressaltar que são vazios de diferentes ordens, já que Benveniste parte da teorização saussureana, enquanto Saussure elabora, ele mesmo, uma noção de língua. Benveniste orquestrou a teoria saussureana, tarefa árdua que exige habilidade, porém executada com brilhantismo, pois imprimiu sua própria composição.

No que se refere ao segundo ponto, poderíamos nos questionar como Benveniste elaborou a partir de Saussure? Para nós, ao trabalhar a partir das brechas, lacunas ou brancos do genebrino, ou seja, ao trabalhar a partir de um silêncio *em* Saussure sobre a noção de fala, Benveniste alcançou uma forma similar de produzir, pois sua teoria também não se encontra encerrada em si mesma, parece-nos antes aberta a outras possibilidades.

Para nós é exatamente na medida daquilo que ficou incompleto ou irrealizável em Benveniste é que este estudioso em muito se aproximou do pai da linguística. A teoria de Benveniste não tamponou possibilidade de um devir em sua teorização, pois não amalgamou as fissuras teóricas que chegaram até nós.

Neste sentido, Benveniste foi mais que um excelente leitor saussureano, ele organizou os pilares de uma teoria na justa medida em que sua teorização não aspirou à totalidade e, portanto, não tamponou o efeito Saussure, nas palavras de Normand ([2006] 2009: 101), Benveniste foi “Mais saussuriano ainda que Saussure (...)”. Claudine Normand (1996) ao analisar Benveniste no que nomeia em sua continuação-ultrapassagem de Saussure, inferirá que a ultrapassagem não é realizada, e, propõe que talvez seja algo irrealizável. Gostaríamos de sugerir que para nós não se trata de uma ultrapassagem de Benveniste em relação a Saussure, pois são trabalhos de ordens diferentes.

Benveniste ([1974] 1989c: 224), de alguma forma, compreendeu que era possível trabalhar com a herança saussureana ao afirmar que “compete-nos tentar ir além do ponto a que Saussure chegou à análise da língua como sistema significante.”, tarefa esta, a qual Benveniste parece ter empreendido com sucesso, uma vez que, assim como Saussure, Benveniste trabalhou em um objeto a partir de um vazio radical.

Estas considerações acerca de Benveniste auxiliam-nos a compreender que só é possível produzir a partir de um silêncio, se este não for um silêncio de morte, o que nos permitiria deduzir que o silêncio saussureano não é de um mutismo de morte e sim de um silêncio desejante, vibrante (como propõe NOBÉCOURT, 2010a), ou seja, um silêncio *sileo*, marcado pela pulsão e que marca a forma de produzir de Saussure.

Este silêncio não é constituído de palavras, assim como a afirmação de Lacan, de que o inconsciente é estruturado como linguagem também não quer dizer que seja constituído de palavras. Násio (2010), no livro que organizou sobre o silêncio na psicanálise, infere que

(...) a estrutura da realidade psíquica (...) é uma estrutura perfeitamente muda, sem nenhuma ressonância, mais próxima da opacidade da letra inscrita sobre um mármore que da palavra enunciada por uma boca. (...) Saber não dizer nada (...) [é] *mostrar* o silêncio da psique. (...) o inconsciente é antes de tudo um discurso sem palavras. (NÁSIO, 2010:7-8)

Assim posto, sugerimos que o discurso sem palavras, o discurso que tem a relação com a pulsão, enfim, este silêncio que apontamos *em* Saussure, ecoou, ressoou, fez estrondo, muito barulho repercutiu, ou seja, o silêncio *em* Saussure não foi silenciado, pois, alguns autores, como Benveniste, de alguma forma o ‘escutaram’. Não escutou palavras, mas um escutar que se aproxima de uma sintonia pulsional, de uma compreensão que ultrapassa o sentido, porque carregado de desejo.

Considerações finais

Renda-se, como eu me rendi.
Mergulhe no que você não conhece como eu mergulhei.
Clarice Lispector (1994: contracapa)

Mergulhar nesta imensidão de silêncios atribuídos a Saussure, isto é, vislumbrá-lo sob a ótica de diferentes autores, solicitou de nossa parte uma rendição inicial, pois foi mergulhar nas profundidades deste mar desconhecido e nos deparar a todo instante com a imagem de vários “Saussures”, aqui e acolá, com os inúmeros matizes de silêncio. Este foi o ponto inicial de nosso trabalho.

No entanto, foi a partir da inquietação dos autores, e a nossa também, sobre o silêncio *de* Saussure, que pudemos ultrapassar esse limiar de silêncio, para vislumbrar dois pontos importantes para nossa reflexão: primeiro, a questão da autoria de Saussure sobre o CLG, sobre seu ensino e seus manuscritos, e em segundo, a possibilidade de se pensar no silêncio *em* Saussure.

Sobre a autoria de Saussure quanto ao CLG, nosso intuito foi dissipar uma certa ingenuidade, como por exemplo, no sentido de se considerar que o autor de um livro seria aquele que escrevesse ele mesmo determinada obra relacionada ao seu nome. Com a discussão que apresentamos, apoiados pela reflexão de autores como Silveira, Milner, Normand, Foucault, Barthes e Bakhtin, esperamos ter ultrapassado o sentido leigo de autoria, propiciando uma perspectiva mais profunda, especialmente ao apontarmos a singularidade das postulações teóricas contidas no CLG, bem como aos desdobramentos, em continuidade ou ruptura, que o recorte epistemológico do CLG propiciou em um *a posteriori*. E ainda, desejosos em ter destacado o lugar dos três cursos sobre linguística geral como o resultado último de suas reflexões, e, a ilusão de se alcançar A interpretação, a origem ou o verdadeiro Saussure. Desta forma, em nossa visão, o CLG é o resultado da autoria de Saussure, resultado este das aulas realizadas, de sua escrita e de suas pesquisas, bem como do compromisso dos alunos-editores na elaboração do livro, de tal forma, que acreditamos ter sustentado que Saussure é o autor das teorizações fundadoras da linguística moderna e do estruturalismo, embora, ele não tenha escrito o livro que o intitulou como pai destes campos de saberes.

Quanto ao silêncio, notamos que Saussure tem uma imagem mais contundente de silêncio quando se trata de um pesquisador que quase não teria publicado. Dito ainda de outra forma, e observando a distinção de Lacan em relação ao silêncio, a maioria dos silêncios atribuídos a Saussure estão frequentemente relacionados ao *tacare*, ao fato de calar-se, de não

anunciar. No entanto, as considerações sobre o *tacare* nos direcionaram para outro foco, a saber, o silêncio *em* Saussure, isto é, ao silêncio que se refere ao *sileo*, que tem relação com a suspensão do sentido, com a supresa, com a impossibilidade de tudo dizer.

Em nossas reflexões, quanto ao *sileo*, analisamos a não teorização sobre a fala engendrar um saber que não pôde ser todo conhecido, a teorização sobre a língua engendrar um vazio, enfim o não-todo, além da própria forma de teorizar de Saussure, uma vez que é um saber que não é todo, um saber prenhe de possibilidades, de rasuras, do ilegível, enfim, da incompletude. Além disso, destacamos que o *sileo* apresenta-se como um silêncio constitutivo na teorização e na forma de teorizar de Saussure, e que não se trata de um silêncio que denota algum tipo de parada em sua produção, apresenta-se antes, como um silêncio constitutivo de sua forma de produzir.

No entanto, estamos cômicos de que ainda há o que se dizer sobre a autoria de Saussure, e, sobre o silêncio *de/em* Saussure, contudo, não nos eximimos de assumir uma posição, e propor nossa reflexão sobre essas questões. Esperamos, sobretudo, que nossas discussões tenham contribuído para dissipar preceitos inocentes sobre autoria e silêncio, principalmente relacionados ao CLG e aos manuscritos. Ainda desejosos de que tenha sido possível destacar a inter-relação entre silêncio/autoria, uma vez que quando o silêncio *de* Saussure veio à tona, sua autoria entrou em questão, e assim, o silêncio *em* Saussure apresentado como silêncio *sileo* possibilitou que vislumbrássemos seu movimento em sua teorização, de tal forma, que Saussure pudesse ter reafirmado seu lugar enquanto autor do CLG e de seus manuscritos.

Referências

- AMACKER, René. Saussure “héraclitéen: épistémologie constructiviste et réflexivité. In: **Saussure Aujourd’hui**. Sous la direction de Michel Arrivé et Claudine Normand. Natterre: CRL Université Paris X, 1992. p. 17-28.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. **Nova Reunião: 23 livros de poesia**. Rio de Janeiro: BestBolso, 2009.
- ARRIVÉ, Michel. **À La recherche de Ferdinand de Saussure**. Nanterre: Presses Universitaires de France, 2007. 231 p.
- _____. Primeira Vertente: Saussure, Lacan, Freud. In: **Linguagem e psicanálise, lingüística e inconsciente**: Freud, Saussure, Pichon, Lacan. Tradução Lucy Magalhães, revisão Waldir Beividas; Ivã Carlos Lopes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999. p. 29-116.
- BALLY, Charles; SECHEHAYE, Albert. (1916). Prefácio à Primeira Edição. In: SAUSSURE, Ferdinand de . **Curso de Linguística Geral**. Tradução de Antônio Chelin; José P. Paes; Izidoro Blikstein. Organizado por Charles Bally; Albert Sechehaye. Colaboração de Albert Riedlinger. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1974. p. 1-5.
- BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997. 275 p.
- _____. O autor e a personagem na atividade estética. In: **Estética da criação verbal**. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003a. p. 3-186.
- _____. O problema do texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas. In: **Estética da criação verbal**. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003b. p. 307-336.
- _____. O discurso no romance. In: **Questões de literatura e estética**. Tradução Aurora F. Bernardini et al. São Paulo: Hucitec, 1990. Pp.71-210.
- BARTHES, Roland. A morte do autor. In: **O rumor da língua**. Trad. Mário Laranjeira. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988. p. 66-70.
- BENVENISTE, Émile. (1966). Primeira parte, transformações da lingüística. In: **Problemas de lingüística geral I**. Tradução de Maria da Glória Novak e Maria Luisa Néri. Revisão Isaac Nicolau Salum. 5. ed. Campinas: Pontes Editores, 2005. p. 3-49.
- _____. (1974). A linguagem e a experiência humana. In: **Problemas de Linguística Geral II**. Tradução de Eduardo Guimarães (et al.). Campinas: Pontes, 1989a. p. 68-80.
- _____. (1974). O aparelho formal da enunciação. In: **Problemas de Linguística Geral II**. Tradução de Eduardo Guimarães (et al.). Campinas: Pontes, 1989b. p. 81-90.
- _____. (1974). A forma e o sentido na linguagem. In: **Problemas de Linguística Geral II**. Tradução de Eduardo Guimarães (et al.). Campinas: Pontes, 1989c. p. 220-242.

BEZERRA, Paulo. Prefácio à segunda edição brasileira. In: BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997. p. V-XII.

BOUQUET, Simon. (1997). **Introdução à leitura de Saussure**. Tradução de Carlos A. L. Salum; Ana Lúcia Franco. 9. ed. Cultrix: São Paulo, 2004. 317 p.

_____. Prefácio dos Editores. In: SAUSSURE, Ferdinand de. **Escritos de Linguística Geral**. Tradução de Carlos Augusto Leuba Salum; Ana Lúcia Franco. Organizado e editado por Simom Bouquet; Rudolf Engler. Colaboração de Antoinette Weil. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 2002. p.11-17.

CALVET, Louis-Jean. **Saussure: pró e contra, para uma linguística social**. Tradução de Maria Elizabeth Leuba Salum. São Paulo: Cultrix, 1977. 111 p.

CAVALHEIRO, Juciane dos Santos. A concepção de autor em Bakhtin, Barthes e Foucault. In: **Signum i Estudos Linguísticos**. Londrina, n. 11/2, p. 67-81, dez/2008.

DEPECKER, Loïc. **Comprendre Saussure: d'après les manuscrits**. France: Armand Colin, 2009. 192 p.

Dor, Joel. Inconsciente. In: **Dicionário Enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud e Lacan**. Editado por Pierre Kaufmann, tradução de Vera Ribeiro, Maria Luiza X. de A. Borges; consultoria, Marco Antonio Coutinho Jorge. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996. p. 264-271.

KAUFMANN, Pierre. **Dicionário Enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud e Lacan**. Editado por Pierre Kaufmann, tradução de Vera Ribeiro, Maria Luiza X. de A. Borges; consultoria, Marco Antonio Coutinho Jorge. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996. 785 p.

FEHR, Johannes. Saussure: cours, publications, manuscrits, lettres et documents. Les contours de l'œuvre posthume et ses rapports avec l'œuvre publiée. In : **Histoire Épistémologie langage**. Pensee:1996. p. 179-199

FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** Tradução Antônio Fernando Cascais e Edmundo Cordeiro. 2. ed. Lisboa: Passagens, 1992. 160 p.

FREUD, Sigmund (1915). **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. In: O inconsciente. Edição standard brasileira com comentários e notas de James Strachey; em colaboração com Anna Freud; assistido por Alix Strachey e Alan Tyson; traduzido do alemão e do inglês sob a direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 165-184.

_____. (1915). **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. In: Pulsões e destino da pulsão. Edição standard brasileira com comentários e notas de James Strachey; em colaboração com Anna Freud; assistido por Alix Strachey e Alan Tyson; traduzido do alemão e do inglês sob a direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 133-174.

_____. (1917). **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. In: Uma dificuldade no caminho da psicanálise. Edição standard brasileira com comentários e notas de James Strachey; em colaboração com Anna Freud; assistido por Alix Strachey e Alan Tyson;

traduzido do alemão e do inglês sob a direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 145-156.

_____. (1923). **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. In: O Ego e o Id. Edição standard brasileira com comentários e notas de James Strachey; em colaboração com Anna Freud; assistido por Alix Strachey e Alan Tyson; traduzido do alemão e do inglês sob a direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 15-82.

_____. (1938). **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. In: Esboço de psicanálise. Edição standard brasileira com comentários e notas de James Strachey; em colaboração com Anna Freud; assistido por Alix Strachey e Alan Tyson; traduzido do alemão e do inglês sob a direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 1153-186.

_____. (1912). **Escritos sobre a psicologia do inconsciente**. In: Alguns comentários sobre o conceito de inconsciente na psicanálise. Coordenação geral da tradução Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago, 2004. p. 79-94.

_____. (1915). **Escritos sobre a psicologia do inconsciente**. In: Pulsões e Destinos da Pulsão. Coordenação geral da tradução Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago, 2004. p. 133-145.

GODEL, Robert. **Les Sources manuscrites du Cours de Linguistique Générale de Ferdinand de Saussure**. (1957) Fondés par Mario Roques, dirigées par Jean Frappier. Genève: Librairie Droz S.A., 1969, 284 p.

GOTTLIEB, Anthony. **Sócrates: o mártir da filosofia**. Tradução Irley Fernandes Franco. São Paulo: Editora UNESP, 1999. 59 p.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p. 2925.

JAKOBSON, Roman. (1977). A primeira carta de Ferdinand de Saussure a A. Meillet sobre os anagramas. In: **Poética em Ação**. Seleção, prefácio e organização de João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 1990. p. 3-13.

KOMATSU, Eisuke. HARRIS, Roy. Prefácio. **Troisième Cours de Linguistique Générale (1910-1911): d'après les cahiers d'Emile Constantin / Saussure's third course of lectures on general linguistics (1910-1911): from the notebooks of Emile Constantin**. French text edited by Eisuke Komatsu e English text edited by Roy Harris. v. 12. Oxford: Pergamon, 1993. p. I-XVI.

LACAN, Jacques. A Instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud.[1957] In: **Escritos**. São Paulo: Perspectiva, 1996. p. 223-260.

_____. **Escritos**. In: Seminário sobre a carta roubada. [1956]. Tradução Inês Oseki-Depré. São Paulo: Perspectiva, 1996. p. 17-68.

_____. **Escritos**. In: Função de Campo da fala e da linguagem em psicanálise.[1953]. Tradução Inês Oseki-Depré. São Paulo: Perspectiva, 1996. p. 101-188.

_____. **Escritos**. In: Posição do Inconsciente no Congresso de Bonneval Retomada de 1960 e 1964. Tradução Inês Oseki-Depré. São Paulo: Perspectiva, 1996. p. 313-336.

_____. (1957-1958) **O Seminário, livro 5**. As formações do inconsciente. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller; tradução Vera Ribeiro; revisão Marcos André Vieira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999. 532 p.

_____. (1964) **O Seminário, livro 11**. Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985. p. 25-68; 142-164.

_____. (1966-1967) **O Seminário, livro 14**. La lógica del fantasma. 122p. Disponível em: <http://www.mediafire.com/?3d1r6ofge4xm5ec>

_____. (1971) **O Seminário, livro 18**. De um discurso que não fosse semblante. Tradução Vera Ribeiro; versão final Nora Pessoa Gonçalves; preparação de texto André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009. 174 p.

_____. (1972-1973) **O Seminário, livro 20**: mais, ainda. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller; versão brasileira de M. D. Magno. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008. 157 p.

LEMOS, Cláudia Thereza Guimarães de. Linguística: de Freud a Lacan. In: **As bordas da linguagem**. Eliane Mara Silveira (organizadora). Uberlândia: Edufu, 2011. p. 33-46.

LINSPECTOR, Clarice. **Felicidade clandestina**: contos. 8. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1994. 175p.

LOUREIRO, Marlene da Conceição Vasques. **Nova visão do ideário linguístico de Ferdinand de Saussure**. Julho 2007. 132 p. Dissertação (Mestrado em Ensino da Língua e Literatura Portuguesas. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real, Portugal.

LUCAS, São. O Evangelho segundo Lucas. In: **Bíblia Sagrada**. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. Revista e atualizada no Brasil. 2. ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999. p. 61-99.

MATEUS, São. O Evangelho segundo Mateus. In: **Bíblia Sagrada**. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. Revista e atualizada no Brasil. 2. ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999. p. 3-38.

MAURO, Tullio de. **Cours de Linguistique Générale**. Édition critique préparée par Tullio de Mauro. Publié par Charles Bally et Albert Sechehaye, avec la collaboration de Albert Riedlinger. Paris: Payot, 1974. 510 p.

MILANI, Sebastião Elias. Historiografia de Saussure: O Curso de Linguística Geral. In: **LETRAS & LETRAS**: Um século com a teoria do Valor de Saussure. Uberlândia, v. 25, n. 1. p. 55-71, jan/jun.2009.

MILNER, Jean-Claude. Saussure. In: **Le périple structural**: figures et paradigme. Paris: éditions du Seuil, 2002. p.15-43.

_____. **O amor da língua.** Tradução Angela Critina Jesuíno. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987. 84 p.

NASCENTES, Antenor. **Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa.** 1. ed. Rio de Janeiro: Livraria Academia, Livraria Francisco Alves, Livraria São José e Livros de Portugal, 1955. 534 p.

NÁSIO, Juan-David. **O silêncio na psicanálise.** Sob a direção de J.-D. Násio. Tradução Martha Prado e Silva. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed: 2010. 264 p.

NOBÉCOURT, Solange, DREYFUSS, Jean-Pierre, DOLTO, Françoise. Debate. In: **O silêncio na psicanálise** / [sob a direção de]. NÁSIO, J.-D. Tradução Martha Prada e Silva. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2010a. Pp. 197-203.

NORMAND, Claudine. (2000). **Saussure.** Tradução de Ana de Alencar; Marcelo Diniz. São Paulo: Estação Liberdade, 2009(a). 184 p.

_____. (2006). **Convite à linguística.** Valdir do Nascimento Flores; Leci Borges Barbisan (Org.). Tradução de Cristina de Campos Velho Birck et al. São Paulo: Contexto, 2009(b). 208 p.

_____. Os termos da enunciação em Benveniste. In: **O Falar da Linguagem.** Organizadores: Sérgio Lopes Oliveira, Érika Maria Parlato, Silvana Rabelo. CIDADE: editora Lovise, 1996. p.129-152.

_____. Lês blancs des manuscrits saussuriens. In: **Dallegro ma non troppo. Invitations à la linguistique.** France: Editions Ophrys Paris, 2006. p. 79-111.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio:** no movimentos dos sentidos. 6. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007. 181 p.

_____. Silêncios: presença e ausência. In: **Revista Eletrônica de Jornalismo Científico:** Vazio: O signo do vazio e o vazio do signo. Campinas, nº 101, set/2008. Disponível em www.comciencia.br/comciencia/handler.php?module=comciencia&action=view&section=11, acessado em outubro 2010.

ROSA, João Guimarães. **Tutaméia:** terceiras estórias. 6. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. 228 p.

SALUM, Isaac Nicolau. (1969). Prefácio à Edição Brasileira. In : **Curso de Linguística Geral.** Tradução de Antônio Chelin; José P. Paes; Izidoro Blikstein. Organizado por Charles Bally; Albert Sechehaye. Colaboração de Albert Riedlinger. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1974. p. XIII-XXIII.

SANDERS, Carol. **Cours de linguistique générale de Saussure.** Paris: Hachette, 1979. 111p.

SAUSSURE, Ferdinand de. (1916). **Curso de Linguística Geral.** Tradução de Antônio Chelin; José P. Paes; Izidoro Blikstein. Organizado por Charles Bally; Albert Sechehaye. Colaboração de Albert Riedlinger. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1974. 279 p.

_____. **Escritos de Linguística Geral**. Tradução de Carlos Augusto Leuba Salum; Ana Lúcia Franco. Organizado e editado por Simom Bouquet; Rudolf Engler. Colaboração de Antoinette Weil. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 2002. 296 p.

SILVA, Karen Alves da. Breve estudo sobre os anagramas e sua relação com a teoria do valor em Saussure. In: **LETRAS & LETRAS**: Um século com a teoria do Valor de Saussure. Uberlândia, v. 25, n. 1. p. 145-160, jan/jun.2009.

SILVEIRA, Eliane Mara. **As marcas do movimento de Saussure na fundação da linguística**. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2007. 168 p.

_____. A teoria do valor no Curso de Linguística Geral. In: **LETRAS & LETRAS**: Um século com a teoria do Valor de Saussure. Uberlândia, v. 25, n. 1. p. 39-54, jan/jun.2009.

_____. O estatuto da rasura nos manuscritos saussurianos. In: **As bordas da linguagem**. Eliane Mara Silveira organizadora. Uberlândia: EDUFU, 2011. p. 47-56 .

_____. Os manuscritos saussurianos: leituras do “Première conférence à l'université”. **Revista Estudos Linguísticos**. Editora Universidade Nova de Lisboa. No prelo.

SOFIA, Estanislao. **Quelques problèmes philologiques posés par l'œuvre de Ferdinand de Saussure**. 12 p. No prelo.

STAROBINSKI, Jean. **As palavras sob as palavras** : os anagramas de Ferdinand de Saussure. Tradução de Carlos Vogt. São Paulo: Perspectiva, 1974. 117 p.

TRONCHET, Guilles. Dês signes sous lês signes: leçon d'une lecture hypogrammatique. In: **Saussure Aujourd'hui**. Sous la direction de Michel Arrivé et Claudine Normand. Nanterre: CRL Université Paris X, 1992. p. 75-120.

VEYNE, Paul Marie. Foucault revoluciona a história. In: **Como se escreve a história**; Foucault revoluciona a história. Trad. Alda Baltar e Maria Auxiliadora Kneipp. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982. p. 149-183.

VINHAIS, Eminéa A. Saussure: uma teoria e dois destinos? In: **Eutomia**: revista on line de literatura e linguística. Ano III, volume 2, dez/2010.

Anexos

Abaixo, as publicações de Saussure organizadas cronologicamente:

- 1877 Le suffixe – i – In: Mémoires de la société Linguistique de Paris [MSLP] 3 (fasc. 3) S. 197-209 (= REC, S. 339-352)
- 1877 Remarques de grammaire et de phonétique. I-IV. In : MSLP 3 (fasc.4) S 279-301
 I Sur une classe de verbes en γο. S. 279-293 (=REC, S. 353-369)
 II La transformation latine de tt em ss suppose /-elle un intermédiaire st ? S. 293-298 (=REC, S. 370-375)
 III Exceptions aurhotacisme, S. 299 (=REC, S. 376)
 IV Gr. ??; lat. ?? S. 299-301 (= REC. S 377-378 [unter dem Titel I.U. = ES. OS])
- 1878 Essai d'une distinction dès différents a indo-européens, in : MSLP 3 (fasc.3). S. 359-370 (= REC . S. 379-390)
- 1878 (Rezension von) Adolphe Pictet, Les origines indo-européennes ou les Aryas primitifs. Essai de paléontologie linguistique. 2. Auflage, Genf 1877, in: Journal de Genève, 17, 19. und 25. April (=REC, S. 391-402)
- 1879 Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes. Leipzig [Leipzig] B. G. Teubner, 4, 303 Seiten [erschienen Dezember, 1878]
- 1881 De l'emploi du génitif absolu en sanskrit. Thèse pour le doctorat présentée à la Faculté de philosophie de l'Université de Leipzig. Genf J. G. Fick. 4. 95 Seiten (=REC, S. 269-338)
- 1881 Ἀγαμέμνων, in : MSLP 4 (fasc 5), S. 432 (=REC, S. 403)
- 1883 (Rezension von) Axel Kock, Studier ofver fornsvensk Ijudiara, I, Lund 1882, in : Revue Critique d'Histoire et de Littérature 16, S. 295-297
- 1883 Védique libúga – paléoslave lobuzau, in : MSLP 5 (fasc. 3), S. 232 (=REC, S. 404)
- 1884 « Sudo » in : MSLP 5 (fasc. 5). S. 418 (=REC, S. 405)
- 1884 Vieux haut allemand murg. murgs, in : MSLP 5 (fasc. 5), S. 449-450 (=REC. S. 406-407)
- 1884 Une loi rythmique de la langue grecque, in : Mélanges Graux. Recueil de travaux d'érudition classique dédié à la mémoire de Charles Graug, hisg. V. Louis Havet, Paris : E. Thorin S. 737-748 (=REC. S. 464-476)
- 1884 [Termes de parenté chez les Aryas], in : Alexis Giraud-Teulon, Les origines du mariage et de la famille, Genf : A. Cherbuliez, S. 494-503 [Auszug aus einem Brief Saussures, de der Autor im Appendix anfuhr] (=REC. S. 477-480)
- 1885 AA NN, in : MSLP 6 (fasc. I), S. 53 (=REC. S. 408)
- 1885 Ludus, in : MSLP 6 (fasc. I), S. 75 (=REC. S. 409)
- 1885 Grec ἀλμυρῶν – Allemand scgwalbe., in : MSLP 6 (fasc I), S. 75-79 (=REC. S 410-411)
- 1885 ?? in: MSLP 6 (fasc I), S. 76-77 (=REC. S 412)
- 1885 ?? in: MSLP 6 (fasc I), S. 77-78 (=REC. S 413-414)
- 1885 ?? in: MSLP 6 (fasc I), S. 78-79 (=REC. S 415)
- 1886 ?? in: MSLP 6 (fasc 2), S. 119 (=REC. S 416)
- 1886 ?? in: MSLP 6 (fasc 2), S. 161-162 (=REC. S 417-418)
- 1886 ?? in: MSLP 6 (fasc 2), S. 162 (=REC. S 419)
- 1887 Sur un point de la phonétique des consonnes en indo-européen, in : MSLP 6 (fasc. 3), S. 246-257 (=REC, S. 420-432)
- 1887 Comparatifs et superlatifs germaniques de la forme inferus, infimus, in: Mélanges Renier. Recueil de travaux publiés par l'Ecole pratique des Hautes Etudes en mémoire de son Président Léon Renier, Paris : E. Bouillon, S. 383-391 (=REC, S. 481-489)
- 1888 Un ancien comparatif de ??, in : MSLP 6 (fasc. 4) S. 323 (=REC, S. 433)
- 1888 Gotique Wilman, in : MSLP 6 (fasc. 4) S. 358 (=REC, S. 434)
- 1889 Varia, in : MSLP 7 (fasc. 1) S. 73-93 (=REC, S. 435-463).
 A.27.01 Les formes du nom de nombre six en indo-européen, S. 73-799 (=REC. S. 435-439)
 A.27.02 φρυκτός, S. 77 (=REC, S. 440)
 A.27.03 Ἀργύς, S. 77-79 (=REC, S. 441-442)
 A.27.04 Vieux prussien siran le cœur, S. 79-80 (=REC, S. 443)
 A.27.05 Traitement de l' ? en vieux prussien, S. 80-82 (=REC. S. 444-445)
 A.27.06 Les féminins en ?? en vieux prussien, S. 82-83 (=REC, S. 446-447)
 A. 27.07 Gotique parf. ?? avoir besoin, S. 83-86 (=REC. S. 448-450)
 A.27.08 Akēwv, S. 86 (=REC. S. 451)

- A.27.09 ΤεΤίμηαι, S. 86-87 (=REC. S. 452)
 A.27.10 ΕπιΤηδός, S. 87 (=REC. S. 453)
 A.27.11 Περί = ύΠερί, S. 87-88 (=REC. S. 454)
 A.27.12 Ηνία, S. 88 (=REC. S. 455)
 A.27.13 Οκρνόεις, S. 88-89 (=REC. S. 456)
 A.27.14 Υγιής, S. 89-90 (=REC. S. 457-458)
 A.27.15 X, Φ pour KS.PS, S. 90-91 (=REC. S. 459)
 A.27.16 Attique – ρη – pour – ρā -, S. 91-92 (=REC. S. 460)
 A. 27.17 - υμνο – pour - ομνο - ?, S. 92-93 (=REC. S. 461-462)
 A.27.18 Lituanien kùnstė – lê poing, S. 93 (=REC. S. 463)
- 1893 Réponse à une enquête sur l'audition colorée. In : Théodore Flournoy, Des phénomènes de synopsie. (Audition colorée). Pholismes – schémas visuels – personnifications, Paris/Genf. : F. Alcan/CH. Eggimann, S. 50-52. (ohne Autorenangabe. In: P. 51 wurde Saussures Antwort zum ersten Mal neu abgedruckt, in P. 56 ein weiteres Mal, versehen mit einem editorischen Kommentar, in welchem M. Cifali Saussures Autorschaft nachgewiesen hat.)
- 1894 A propos de l'accentuation lituanienne (intonation et accent proprement dit), in: MSLP 8 (fasc. 5), S. 425-446 (=REC. S. 490-512)
- 1894 Sur lê nominatif pluriel et lê génitif singulier de la déclinaison consonantique en lituanien, in : Indogermanische Forschungen 4 (=Festschrift für August Leskien), S. 456-470, (=REC. S. 526-538)
- 1896 Accentuation lituanienne, in : Indogermanische Forschungen, Anzeiger 6, S. 157-166 (=REC. S. 526-538)
- 1897 (Rezension von) Johannes Schmidt, Kritik der Sonantentheorie. Eine sprachwissenschaftliche Untersuchung, Weimar 1895, in: Indogermanische Forschungen, Anzeiger 7, S. 216-218 (=REC. S. 539-541)
- 1898 Inscriptions Phrygiennes, in: Ernest Chantre, Recherches archéologiques dans l'Asie Occidentale. Mission en Cappadoce 1893-1894, Paris : E. Leroux, S. 165-191 (=REC. S. 542-575)
- 1900 (Du langage hindou de Mile Smith), in: Théodore Flournoy, Des Indes à la Planète Mars. Etude sur un cas de somnambulisme avec glossalalie. Paris/Genf: F. Alcan/CH. Eggimann. (Unter dieser Überschrift sind hier von S. 292-317 mehrere Briefe Saussures an Flournoy auszugsweise Äußerungen des von Flournoy untersuchten Mediums befasst.)

Abaixo, trecho de uma carta de Saussure a Meillet datada de 04 de janeiro de 1894:

Mais je suis bien dégoûté de tout cela, et de la difficulté qu'il y a en général à écrire seulement dix lignes ayant le sens commun en matière de faits de langage. Préoccupé surtout depuis longtemps de la classification logique de ces faits, de la classification des points de vue sous lesquels nous les traitons, je vois de plus en plus à la fois l'immensité du travail qu'il faudrait pour montrer au linguiste ce qu'il fait, en réduisant chaque opération à sa catégorie prévue, et en même temps l'assez grande variété de tout ce qu'on peut faire finalement en linguistique.

C'est en dernière analyse seulement le côté pittoresque d'une langue, celui qui fait qu'elle diffère de toutes les autres comme appartenant à un certain peuple ayant certaines origines, c'est ce côté presque ethnographique qui conserve pour moi un intérêt: et précisément, je n'ai plus le plaisir de pouvoir me livrer à cette étude sans arrière-pensée et jouir du fait particulier tenant à un milieu particulier.

Sans (cesse), cette ineptie de la terminologie courante, la nécessité de la réformer, et de montrer pour cela quelle espèce d'objet est la langue en général, vient gâter mon plaisir historique, quoique je n'aie pas de plus cher vœu que de ne pas avoir à m'occuper de la langue en général.

Cela finira malgré moi par un livre où, sans enthousiasme, j'expliquerai pourquoi il n'y a pas un seul terme employé en linguistique auquel j'accorde un sens quelconque. Et ce n'est qu'après cela, je l'avoue, que je pourrai reprendre mon travail au point où je l'avais laissé.

Voilà une disposition, peut-être, stupide, qui expliquerait à Duvau pourquoi par exemple j'ai fait traîner plus d'un an la publication d'un article qui n'offrait matériellement aucune difficulté, - sans arriver d'ailleurs à éviter les expressions logiquement odieuses, parce qu'il faudrait pour cela une réforme décidément radicale [...]. (Saussure in GODEL, 1969: 31).

Tradução:

Estou muito desgostoso com tudo isso e com a dificuldade que há em geral, para escrever dez linhas quando se tem senso comum em matéria de fatos da linguagem. Preocupado, sobretudo, há muito tempo, com a classificação lógica desses fatos, com a classificação dos aspectos sob os quais os tratamos, vejo cada vez mais, também, a imensidade do trabalho que seria necessário para mostrar ao linguísta *o que ele faz*, reduzindo cada operação à sua categoria prevista: e, ao mesmo tempo, a grande insignificância de tudo o que se pode fazer, finalmente, em linguística.

Em última análise é somente o lado pitoresco de uma língua, o que faz com que ela se distinga de todas as outras como pertencendo a um certo povo que tem certas origens, esse lado quase etnográfico, que conserva interesse para mim: e, precisamente, não tenho mais o prazer de poder entregar-me a esse estudo sem desconfiança, e de desfrutar do fato particular que se prende a um meio particular.

Sem cessar, a absoluta inépcia da terminologia corrente, a necessidade de reformá-la e de mostrar para isso que espécie de objeto é a língua em geral, vem estragar o meu prazer histórico, embora eu não tenha nenhum desejo mais caro do que não precisar ocupar-me da língua em geral.

Isso, contra a minha vontade, acabará em um livro, no qual, sem entusiasmo nem paixão, explicarei por que não há um só termo empregado em linguística ao qual eu atribua um sentido qualquer. E só depois disso, confesso-o, que poderei retomar o meu trabalho no ponto em que o havia deixado.

Eis aí uma disposição, talvez estúpida, que explicaria a Duvau por que, por exemplo, atrasei mais de um ano a publicação de um artigo que não oferecia materialmente nenhuma dificuldade – sem chegar, aliás, a evitar expressões logicamente odiosas, porque para isso seria necessária uma reforma decididamente radical. (Saussure in GODEL, 1969:31).

Trecho de uma carta de Saussure enviada a Pascoli, o poeta, em 19 de março de 1909, referente os anagramas/hipogramas:

Tendo me ocupado da poesia latina moderna a propósito da versificação latina em geral, encontrei-me mais uma vez diante do seguinte problema: - Certos pormenores técnicos que parecem observados na versificação de alguns modernos são puramente fortuitos ou são *desejados* e aplicados de maneira consciente?

Entre todos aqueles que se distinguiram em nossos dias, por obras de poesia latina e que poderiam, por conseguinte, me esclarecer, são poucos os que se poderia considerar ter dado modelos tão perfeitos como os seus e onde se sentisse tão nitidamente a continuação de uma tradição muito pura. É a razão que me leva a não hesitar em dirigir-me particularmente ao senhor e que deve servir-me de justificativa pela grande liberdade que tomo.

Caso o senhor estivesse disposto a receber em pormenor minhas perguntas, eu teria a honra de enviá-las numa próxima carta. (SAUSSURE, apud Starobinski, 1971: 104-105).

Trecho de uma carta a Saussure a um aluno, M. Leopold Gautier, data em 28 de agosto de 1908, sobre os anagramas/hipogramas:

Caro senhor,

Nos cadernos que lhe enviei, não se encontra nada sobre Ângelo Policiano, e me parece, depois de novo estudo, ter o dever de dizer-lhe para esperar que eu tenha completado as séries relativas a esse autor. Dedicando tempo às outras coleções apanhadas em toda espécie de texto – e naturalmente, cada uma excessivamente fragmentada quanto ao autor que lhe diz respeito – o senhor pode, sem dúvida, adquirir treinamento ginástico bastante útil para toda a questão, mas tenho o pressentimento de que ficará finalmente perplexo, já que não escondo ter ficado eu mesmo – sobre o ponto mais importante, isto é, quanto àquilo que é preciso pensar da realidade ou da fantasmagoria de todo o problema.

O senhor bem viu, além do que pude dizer-lhe, que se trata sobretudo de obter previamente um tipo de garantia qualquer, por exemplo, o da *probabilidade* do conjunto, ou aquele de que o texto de Ângelo Policiano fornece o meio para fixar essa questão de fé e resolvê-la cômoda e imediatamente: com efeito, se o hipograma não existe em Ângelo Policiano, quero dizer como algo que é preciso reconhecer desejado pelo autor, declaro então abandonar o hipograma por toda parte, sem remissão alguma e para todas as épocas da latinidade. Esse texto não é, efetivamente, nem mais nem menos surpreendente – antes mais surpreendente – que os textos

antigos e assim pela resposta que dermos a uma monografia de Policiano poderemos medir a resposta a dar ao resto. Eu o aconselharia, como o senhor vê, a reservar tempo de que pode dispor para o exame da questão até que eu lhe envie os cadernos de Policiano.

O senhor verá, creio eu, que há também alguns novos pontos de vista trazidos pelo estudo exato de Policiano. Como eu dizia, não é o hipograma que deve reter toda a atenção: ele não dá, por assim dizer, senão o fio das sílabas, e não se deve jamais perder de vista o texto: nesse texto há palavras cuja composição silábica constitui uma prova corrente de que eles não são escolhidos ao acaso. (SAUSSURE, apud Starobinski, 1971: 94-95)